HOMEM CHRISTO

MUSSOLINI

EDIFICADOR DO FUTURO

MENSAGEM AOS POVOS LATINOS

RIO, 1936

TRADUÇÃO
pelo Dr. Guido Ferrari

Todos os exemplares da presente edição serão numerados e rubricados pelo tradutor.

(N.º 0157)

Ao público:

A vida do autor foi procelosa. Nasceu em Portugal, viveu na França, morreu na Itália. Filho de um lidador, o maior panfletário lusitano em sua época, herdou deste a combatividade e o desassombro. Exilado de sua pátria pelo govêrno Carmona, refugiou-se em París onde, no aconchego de um ambiente culto e cosmopolita, o seu espírito sentiu-se bem.

Idealista sem ser romântico, prático sem ser materialista, foi um grande defensor do Estado Fascista. Amigo de Mussolini, morreu trágicamente na Itália, em um desastre de automóvel, quando ia avistar-se com o ditador italiano. E o próprio Duce chorou sôbre o corpo inanimado desse d. Quixote moderno que fazia a apologia da audácia e desprezava a prudência dos medíocres.

Homem Christo deixou no mundo para perpetuá-lo, dois filhos queridos: Carlos, o fruto de sua carne, e esta obra literária que é o fruto de seu pensamento. E assim foi que os dois irmãos órfãos passaram a peregrinar por este mundo: Carlos, o mais velho, conduzindo de encontro ao peito e sob a sua tutela, o irmão mais moço, este livro cujas edições francesas atingiram a cifra elevadissima de 50.000 exemplares.

Herdando o espírito de aventuras de seu pai, Carlos aqui chegou completamente só, sem dinheiro, sem conhecer o país, sem ter um amigo ou um

simples conhecido. Chegou contando apenas com a solidariedade latina deste continente novo mas orgulhoso de sua estirpe romana. E a sua confiança não foi iludida, porque no nosso coração encontrou éco o idealismo vibrante que o agitava. A nobreza de sua causa mereceu a nossa mais entusiástica simpatia e encontrou á disposição dela, a nossa pena, para verter em palavras brasileiras a bela mensagem que Homem Christo endereçou aos povos de origem latina.

Oxalá o povo do Brasil saiba compreender o idealismo de Homem Christo, proporcionando á sua obra o mesmo acolhimento que ela recebeu do culto povo francês. Seria a justa recompensa de quem viveu esquecido de si próprio, para sómente dedicar-se á difusão do nobre e sublime evangelho da Latinidade.

O TRADUTOR.

PREFACIO

Francisco de Homem Christo Filho viveu e morreu sonhando com a Federação Panlatina. O seu sonho era a união de todos os povos latinos numa Federação que fizesse frente e lutasse contra a hegemonia dos povos de outras raças. Êste livro é todo ele um híno á Latinidade. A sua intenção não é tecer elogios a um homem. Si ele enaltece Mussolini e a sua obra, é porque reconhece no Dux italiano as virtudes necessárias para levantar o prestígio do nome latino perante o mundo e porque reconhece na obra dele o caminho certo que conduzirá ao fim almejado.

——:——

Mussolini é por excelência um condutor de homens. Reune em si as qualidades de atração, de magnetismo pessoal, que arrastam atrás dele a massa entusiasmada de um povo inteiro. Onde quer que ele tivesse nascido ou vivido, da mesma

fórma teria exercido a sua influência decisiva no curso da História. Qualquer que fosse o seu ideal político, ele o teria imposto a seu povo e o teria implantado no país: fascismo, socialismo, comunismo, liberal-democracia, parlamentarismo, república, monarquia, ditadura militar ou qualquer outra fórma de govêrno ou regime que ele pudesse imaginar; na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Rússia, no Japão, assim como na Itália. Pois a sua maior fôrça reside nele mesmo, não depende do povo a que pertence, nem da doutrina que adote ou crêe.

A sua voz possante, o seu físico impressionante, a energia de seus gestos, a beleza de seu estilo, a inteligência de suas imagens, a presteza de suas respostas, a sua cultura profunda e extensa, a argúcia e a clarividência de seu raciocínio, a coragem de suas afirmações, o destemor do ridículo e a indiferença pelas críticas, a insuperável eloquência de sua palavra; tudo isto torna-o irresistível quando fala, irresistível quando escreve, irresistível quando cala.

Si Mussolini tivesse prégado uma doutrina errada e falsa, uma doutrina nociva, da mesma fórma ele têl-a-ia implantado no seu país, prejudicando-o e destruindo-o. Mas a genialidade do Duce viu claro no meio das trevas.

No princípio de sua carreira política, Mussolini abraçou o socialismo, seduzido por suas miragens teóricas; e em breve tornou-se um dos maiores propagandistas do credo de Karl Marx. Pelo brilhantismo de sua projeção no seio de seus correligionários, foi investido na direcção do principal jornal do Partido, o "Avanti". Suas palavras candentes, seu estilo todo novo, o entusiasmo e o vi-

gor de seus escritos, tornaram-no o grande intérprete dos socialistas italianos; em pouco tempo, Mussolini sózinho, conquistou mais adeptos para o socialismo do que o tinham feito todos os seus companheiros desde o princípio. Mas, pouco a pouco, Mussolini foi compreendendo; e á medida que compreendia, descria... Na prática, o Socialismo se lhe afigurou bem diferente do que lhe parecêra antes, e bem pouco nobre! Ele começou a presenciar o modo de agir dos socialistas e a pouca elevação de seus ideais. O patriotismo de Mussolini não podia compreender o desinteresse, a indiferença de seus correligionários pelos altos destinos da Pátria; para estes, parecia que a Pátria era uma entidade completamente alheia ao Povo; eles falavam na felicidade do povo, sem pensar na grandeza da Pátria. Como si o povo italiano, tão nacionalista, com um Passado tão cheio de glórias, pudesse ser feliz sem o engrandecimento da Itália. Como si o povo italiano pudesse olhar indiferentemente a decadência da nação, a sua diminuição em face dos outros povos. E os olhos de Mussolini se abriram: o deus dos socialistas era o estômago; o seu único programa era dar pão ao povo. Desconhecia a Pátria, a Família, a Religião. Desconhecia o sacrifício de uma geração pelo bem-estar das gerações futuras. Desconhecia o altruismo. Desconhecia que a beleza da vida não está nos prazeres, porém na renúncia Todos os sentimentos nobres eram desprezados, calcados. Diante de tanto materialismo, Mussolini estremeceu horrorizado; sentia-se deslocado de seu próprio "eu". Não era esse o socialismo com que ele sonhava; ele desejava um socialismo nacionalista e não, um socialismo que destruia, que

dissolvia, que matava a Fé, a Crença, o Amor, a Alma.

A Grande guerra acabou de divorciá-lo por completo, de seus companheiros, rompendo os laços que ainda o prendiam aos mesmos.

A Itália tinha, em poder da Áustria, uma filha querida: Trieste. Amputada em seu próprio coração, vivia ela suspirando, desde a sua unificação, pela volta ao seu seio, daquele pedaço de seu próprio ser que palpitava ao ritmo de seu próprio peito. Deflagrando a guerra, a Itália afastou-se de seus aliados anti-naturais, a Alemanha e a Áustria, e colocou-se ao lado de sua irmã latina, a França.

O Partido Socialista, anti-guerreiro por princípio, batia-se furiosamente pela neutralidade da Itália. Que importava aos socialistas si a dignidade da Itália exigia a restituição das terras irredentas: Trieste e o Trentino? Para eles seria preferível até que o país ficasse sob o jugo estrangeiro, desde que o povo não se expusesse aos sacrifícios de uma guerra. Era a política da inércia, da tibieza, do comodismo, da indiferença. Que lhes importava o futuro da pátria? Para eles, o lema era: "depois de mim, o dilúvio...": seus filhos que vivessem como escravos!

Então, a revolta de Mussolini foi imensa e foi soberba. Compreendeu que o socialismo era a desgraça da nação e, sem hesitar, deixou a direção do "Avanti", rompeu todos os laços que o prendiam ao Partido Sacialista e, como Gabriel d'Anunzio, tornou-se um dos maiores apologistas da entrada da Itália na Guerra, ao lado dos Aliados. E como campanha mussolinica quer dizer campanha vitoriosa, em breve a Itália colocava-se

ao lado dos Aliados e Mussolini, voluntário da pátria, alistava-se como simples soldado e partia para o "front" onde derramou o seu sangue pela glória italiana; voltou ferido e, fadado a desempenhar uma missão que iria transformar os destino do país, fundou "Il Popolo d'Italia". E desde esse momento, a luta foi de morte entre Mussolini e o Leninismo, com a completa destruição deste último, quando julgava-se já vitorioso e senhor da nação indefesa e pronta a suportar os sacrifícios de suas hediondas experiências.

Com efeito, a Itália estava mergulhada no Socialismo, em marcha acelerada para o comunismo integral. Nada podia detê-la. O ambiente de após-guerra o favorecia; a miséria que invadiu o país, os socialistas atribuiam-na á guerra, usando este argumento para propaganda eleitoral. A injustiça do Tratado de Versalhes, que negára á Itália as suas justas reivindicações, fortaleceu ainda o Partido Socialista que se batêra pela neutralidade italiana no grande conflito europeu. Diante do país desorganizado e desorientado, processaram-se as novas eleições, com grande sucesso dos socialistas que conseguiram 1/3 dos lugares na Câmara, onde eles passaram a ameaçar o rei e a vociferar contra o regime, ao mesmo tempo que erigiam vivas á Rússia e a Lénin.

Na rua os tumultos abundavam; os socialistas eram os campeões da desordem. A situação chegou a tal ponto que em várias regiões os operários apoderaram-se das fábricas e os camponeses das propriedades agrícolas, sem que o govêrno tivesse a energia de reprimir os seus excessos. Era a revolução.

Foi nesse ambiente angustioso para a Itália, que surgiu o Fascismo, creação genial de Musso-

lini. Nasceu para vencer, porque nasceu sob o influxo poderoso do Duce.

O Fascismo, prégava a união de todos os italianos em torno da idéia nacional. Restituia ao povo a fé no futuro e a crença em si próprio. Condenava de morte o comunismo. Ia buscar no socialismo o que este continha de bom. Restaurava a autoridade. Apoiava o Rei. Exigia para a Itália o prestígio a que ela fazia jús no conceito internacional. Instituia o regime do Trabalho, emprestando a este um sentido nobre e honroso. Prégava a renúncia do interesse particular ou de classe ao interesse supremo do Estado. Instituia uma política nova, uma política franca e severa. Renovava a Itália.

——:——

Benito Mussolini! Muito se tem falado desse homem, todos pensam conhecê-lo, quem o conhecerá bem? E' o estadista mais discutido, mais amado e mais odiado, de após-guerra. E' a figura máxima do século! Maior do que Bismark e Cavour e Richeulieu. Sua obra ainda não está terminada; parece que ele ainda não revelou ao mundo todo o fulgor de seu gênio, ainda não deu liberdade a todas as reservas de talento creador que abriga em seu cérebro e de energia construtora que concentra em seu espírito. Só o futuro poderá dizê-lo; e então terá ele, neste seculo XX, o prestígio de um Napoleão, seu êmulo do século passado!

Mussolini! sôbre a sua personalidade as opiniões divergem... Porém, si um homem se julga

pela sua Obra, Mussolini está julgado. A Itália, a nova Itália, é a sua grande obra: ei-la! E' Roma que ressurge. E' a nova supremacia da Latinidade que se desenha no horizonte da História.

Que era a Itália pré-mussolínica? Pouco mais que uma Abyssínia... Hoje ela bate o pé diante do poderoso e magestoso leão-britânico, e grita desassombradamente: "Eu quero! E quero porque posso!" Quem assim fala só pode ser um povo, mas um povo de verdade!

"O Gênio do Duce é uma concessão que Deus fez á Itália", foi a frase genial de Marconi. Ha testemunhos que valem mais do que um milhão de desmentidos. O de Marconi é um. Marconi é um sabio, não pode mentir. E' um super-homem, não pode dizer tolices. E' um Gênio, não pode se enganar. — Tambem é fascista, dirão os contraditores. — Sim, é fascista; porém, nada o obrigaria a sê-lo. Marconi independe de Mussolini. Seria tratado como um príncipe em qualquer ponto do globo, porque é um cidadão universal. Si o povo italiano padecesse sob o Fascismo, Marconi seria o primeiro a protestar. E se tornaria o primeiro dos anti-fascistas, embora tivesse de se exilar. Tendo conquistado a glória suprema de ser denominado "bemfeitor da humanidade", ele não se deixaria subornar por uma senatória ou um marquesado. Sabendo onde está o bem da Itália, porque possue o descortinio e a visão de um Gênio, não hesitou em compartilhar a sua genialidade com Mussolini, ao dizer aqui no Brasil, para que todos os brasileiros o ouvissem, sem o intermédio da tão decantada e invetivada cênsura fascista: "O Gênio do Duce é uma concessão que Deus fez á Itália". Estas palavras confundirão para todo o

sempre, os ódios, os despeitos e as invejas de todos os politiqueiros medíocres e incompetentes que pululam do Oriente ao Ocidente, desde o Polo Norte até o Polo Sul.

As expressões do grande Marconi representam o sentir de todo um povo. Na verdade, feliz é o povo que pode contar com um "condotieri" da envergadura de Mussolini. O Duce italiano possue as virtudes necessárias para levantar o prestígio da Latinidade perante a História. Chegou a hora solene em que as Legiões Romanas devem seguir o seu novo Cesar. Só a união de todas as nações latinas pode lutar contra a hegemonia das raças germânicas, anglo-saxônias e eslavas, do mesmo modo que o Império Romano unido repelia as hordas dos bárbaros. O Duce reune em si as qualidades essenciais para a Vitória, e na hora atual não se encontra, em todo o mundo, outro estadista que possua, siquer de longe, a sua alta visão política e o seu extraordinário valor.

O Império Romano outrora dominou o mundo e no futuro dominál-o-á novamente. Pois, como profetisou D'Annunzio: "O Futuro mais distante pertence á supremacia latina, como o mais distante Passado". E o Império Romano é: a Itália, a França, a Hespanha, o Portugal, a Bélgica, a Rumênia, a África latina e, finalmente, esta jovem, bela, principesca e futurosa América Latina!

Nós todos que sentimos circular em nossas vêias o milenar sangue romano, devemos cerrar fileiras em tôrno de Roma Eterna e imitar o exemplo da Nova Itália que, em poucos anos, transformou-se como num conto de Fadas, deixando de ser a nação insignificante para constituir-se em grande potência. A lição de Mussolini aí está: pa-

triotismo, autoridade, união, trabalho, nacionalismo, fé. Que as nações latinas sigam o seu exemplo e a Latinidade será Rainha do mundo.

Este livro examina a gestão do govêrno fascista na Itália e demonstra como em poucos meses Mussolini fez para a sua pátria o que os outros govêrnos não fizeram em muitos anos. O autor enumera as reformas introduzidas pelo Duce nos terrenos administrativo e político, produzindo uma verdadeira revolução na arte de governar. Com efeito, a ação de Mussolini na Itália foi formidável. A sua vontade operou milagres. Em pouco tempo a Itália ficou renovada, completamente reformada, progredindo em 10 anos de mussolinismo mais do que nos 50 anos da éra pré-mussolínica.

O primeiro grande benefício que Mussolini prestou á sua pátria, foi o extermínio do comunismo em todo o país. No momento em que a nação inteira ia precipitar-se no abismo, surgiu o Dux que, agarrando-a com mão de ferro, colocou-a a salvo em terreno firme e seguro. Aos socialistas atrevidos que viviam de promover desordens, espancando os civis pacatos e os antigos combatentes desarmados, Mussolini antepôs os seus "Camisas negras" que resolutamente forçaram os reptís a recolherem-se ás suas tócas; a sua ação enérgica e patriótica restituiu aos civís a tranquilidade e aos antigos combatentes o respeito e o acatamento a que têm direito pelo muito que merecem da Pátria.

Subindo ao poder Mussolini preocupou-se em restaurar o dogma de Autoridade. Dominado o comunismo, era preciso extinguir a Maçonaria e a politicagem. O decidido foi feito. Todas as lojas maçônicas foram fechadas.

Sabendo que não haveria paz interior, sem unidade política, Mussolini determinou a extinção de todos os Partidos políticos que não se tinham fundido com o Partido fascista. Assim, acabou ele com a praga dos políticos que na Itália como no resto do mundo vivem a explorar o país, enganando o povo. E' por isto que os políticos de todo o mundo, cheios de despeito e de ódio, invetivam furiosamente contra o Fascismo. Êste deu o seu apôio decidido á Monarquia porque reconheceu nela um fator de autoridade para o Estado e um penhor de unidade nacional.

O ditador italiano extinguiu as lutas de classes, suprimindo as dissenções entre patrões e empregados e promovendo a colaboração de ambos para o bem comum. Assim, conseguiu Mussolini a paz no interior e a união de todos os italianos a favor do progresso e do bem-estar da Itália.

A reorganização financeira do país foi radical e benéfica. Mussolini resolveu o problema fiscal, aumentando consideravelmente a arrecadação sem sobrecarregar o povo com tributos exagerados. Também, aboliu os monopólios de Estado, entregando os serviços públicos á exploração particular; graças a isto ele pôde ir extinguindo o funcionalismo público, pois o Dux estima que ninguem deve viver á custa dos cofres do Estado, porém todos devem ganhar a vida por suas próprias iniciativa e atividade, atividade e iniciativa

estas que redundarão em benefício da economia nacional.

Mussolini esforça-se sobretudo para que o Fascismo seja o regime do Trabalho; ele acabou com o "chomage" na Itália, empregando-os em trabalhos públicos e na execução de empreendimentos gigantescos. Foi assim que em poucos anos Mussolini renovou todo o país. Roma, Milão, Florença, Gênova, Turim, etc., foram melhoradas, embelezadas, tornando-se cidades modernas, iguais ás grandes capitais do mundo. Bairros, avenidas ,estradas, pontes, túneis, viadutos, cidades universitárias, jardins, escolas, hospitais ,estádios, teatros, edifícios públicos, vilas operárias, tudo surgiu, tudo cresceu nessas cidades, em menos de um decênio. Foi um verdadeiro milagre de renovação sob a administração dinâmica de um homem. Cabos submarinos foram lançados da Itália para a América do Norte, para a América do Sul, para a Grécia. As companhias de navegação da Itália são as mais importantes do mundo.

Cioso da responsabilidade e do prestígio da Itália como grande potência contemporânea, Mussolini cuidou principalmente de dotá-la de uma Defesa militar eficiente e capaz de resistir a qualquer provocação estrangeira. A eficiência de seu exército ficou demonstrada nas recentes manobras de Bolzano. A sua esquadra naval está aparelhada tanto quanto o permite a situação financeira do país. A aviação italiana é talvez a mais poderosa do mundo, pelo número e perfeição de suas máquinas e pela habilidade e arrojo de seus pilotos; que o digam os longos "raids" em massa, empreendidos pela aviação fascista.

——:——

Um dos problemas qde mais têm preocupado o Govêrno fascista, é o problema da emigração. Devido á alta densidade de sua população, o povo italiano vê-se obrigado a emigrar em grande porcentagem. Suas pobres e deserticas colônias prestando-se pouco á colonisação, os italianos são obrigados a emigrar para terras hospitaleiras, porém estranhas. São energïas italianas que a Itália perde em proveito de outras pátrias! O Govêrno fascista pleiteou sempre a revisão do injusto Tratado de Versalhes que desprezando a parte de sacrifícios da Itália na Grande guerra, fingindo ignorar os seus 600.000 mortos e o seu milhão e meio de feridos e mutilados, negou-lhe a concessão de colônias na África. Em princípios de 1935, a Itália celebrou com a França um acordo particular, pelo qual esta última concedia á Itália, liberdade plena de expandir-se na Abyssínia. Mas a Inglaterra que, apesar de já possuir quasi todo o mundo, tinha também seus planos sobre a Abyssínia, ficou contrariada ao ver que a Itália se lhe tinha antecipado, destruindo assim os seus projetos. É a pretexto de um idealismo tardio do século XX, sob o hipócrita pretexto de proteger a independência do mais fraco contra a ambição do mais forte, enquanto que ela mesma mantém sob o seu jugo nações e povos civilizadissimos e dignos de uma vida livre, como sejam a Irlanda, o Canadá e mesmo o Egito e as Índias, sob esse falso pretexto a Inglaterra tem-se oposto com unhas e dentes á ação de Mussolini em prol de uma necessidade premente, e por isto mesmo imperiosa, de seu povo. Porém Mussolini já disse, reprimindo os arreganhos dos comunistas, que "a terra pertence a quem a merece e não a quem a rouba".

Estas palavras podem aplicar-se ao caso da

Abyssínia em particular e da África em geral. Então porque alguns milhões de negros ocuparam um continente que é o triplo da Europa, aquele lhes pertence? Porque alguns negros ocuparam uma vasta região que é o triplo da Itália, aquela pertence-lhes com exclusividade? O fato de ninguem ter protestado na ocasião não importa em conferir aos abyssínios um direito adquirido, com exclusão dos direitos de qualquer outro povo. Ninguem protestou no momento porque, então, o mundo ainda era grande demais. E si em vez de escolher um milhão de quilometros quadrados, eles tivessem escolhido dois ou tres milhões, tambem ninguem teria protestado naquela época em que o mundo dava para todos e sobrava. Mas seria absurdo que isto significasse aos negros um direito de posse sôbre toda a região. Pois não é justo que 44 milhões de italianos devam viver comprimidos em uma bota exígua, num território depauperado e exgotado por tres mil anos de aproveitamento e aonde não resta mais um palmo de terra siquer para ser explorado e cultivado, enquanto que uma rica e fértil região, imensa, quasi despovoada, permanece em poder de uns negros bárbaros e selvagens que não a merecem porque não a aproveitam, não a exploram, não a cultivam, não a civilizam, não a utilizam como deve e pode ser, não a fazem progredir, não a engrandecem, não a embelezam e portanto não são dignos do país que usurparam. Os abyssínios além de incapazes de valorizar o território que ocupam, não precisam de tanto espaço. E' muito natural pois que os italianos pretendam aproveitar aquilo que os negros deixam ao abandono, mais preocupados que estão com o exercício da escravidão, da bruxaria e de outras práticas bárbaras e selvagens.

Além da ordem pública e da defesa nacional, o Govêrno fascista cuida carinhosamente do Ensino e da Higiene. Depois do advento fascista as Escolas surgiram e cresceram em todo o país, de norte a sul. O analfabetismo que antes era tão disseminado, foi completamente debelado, tornando-se praticamente nulo. Universidades foram fundadas em todas as principais cidades do país. Institutos científicos e Hospitais se difundiram em todos os pontos. A Higiene foi encarada com especial atenção. Um dos problemas magnos do Fascismo é a eugenia da raça: pela educação e pela higiene físicas e mentais. Outra preocupação do Govêrno é o problema demográfico. O Fascismo preconiza o aumento da natalidade e a diminuição da mortalidade infantil. E tem conseguido resultados maravilhosos graças á sua santa obra de assistência á maternidade e de proteção á infância. Mussolini, com a sua extraordinária visão política, sabe que a solidez do regime fascista depende das crianças de hoje que serão os homens de amanhã.

E tem gasto somas imensas nessa Obra de proteção á infância e á maternidade, prestando assistência a milhões de mães e creanças. Assim, Mussolini se dedica com verdadeiro amor á proteção e ao preparo da futura geração italiana. E o povo itáliano, inspirado no exemplo de Mussolini, tudo tem feito para bem merecer de um tal chefe.

——:——

A Nação italiana está galvanizada pelo gênio do Duce, pelo seu patriotismo, pela sua inte-

ligência, pela sua vontade, pela sua energia, pela sua Fé. Ha 13 anos Mussolini vem ministrando a seu povo uma educação mais do que Spartana, porque Romana. Pois o Fascismo é a guerra ao vício, ao amolecimento, á luxúria, á vida fácil, á corrupção, aos prazeres desenfreados, ao materialismo e ao cepticismo. O Fascismo é Fé, Crença, Patriotismo, Entusiasmo, Trabalho, Renúncia, Amor e União de todos os filhos em torno da Mãe-pátria.

Em breve, a Itália restaurará o prestígio do Império Romano. O seu povo está preparado. Conforme escreveu o jornalista J. S. Maciel: "Quando da unificação italiana em 1870, Cavour exclamou: a Itália está feita, resta fazer o Povo. Mussolini em 1935 poderá dizer: o Povo está feito, resta fazer a Itália".

Com efeito, Cavour fez primeiro a Itália, unificando-a, e deixou ao tempo a tarefa de fazer o povo. E o tempo levou 50 anos para fazer um grande povo. Mussolini, mais genial, inverteu as fases. Ele fez primeiro o Povo, um povo de Titans, certo de que esse povo poderá de um momento para outro transformar a Itália de hoje num grande Império que será a Itália de amanhã.

Pois, como ele próprio o disse, o Duce só tem uma ambição: "tornar forte, florescente, grande, livre, o povo da Itália". Santo programa. Ideal sublime. Para a realização dessa ambição, Mussolini trabalhará a vida toda, com o coração ardendo de patriotismo e com os olhos da alma fitos na felicidade da Pátria.

——:——

Finalizando:

O autor é Francisco de Homem Christo Filho. Personagem: Benito Mussolini. E o argumento é digno de ambos.

Sendo uma obra consagrada pela crítica francêsa, dispensa apresentações outras. Que o julgamento definitivo fique a cargo do próprio público brasileiro.

CARLOS DE HOMEM CHRISTO.
(filho do autor)

—— : ——

O futuro mais distante pertence á supremacia latina como o mais distante passado.

GABRIELE D'ANNUNZIO

Eu só tenho uma ambição: tornar forte, florescente, grande, livre, o povo da Italia.

BENITO MUSSOLINI

Roma, 1923.

Ha tres dias, estou em Roma. Ontem á tarde, chegando ao hotel, encontrei uma comunicação:

— S. Excia. Benito Mussolini recebel-o-á, amanhã, ás quatro horas.

A mensagem, transmitida pelo telefone, já é conhecida do pessôal. O nome de Mussolini, nome sagrado, esvoaçando do porteiro ao ascensorista e deste ao "valet de chambre", abriu na minha frente um caminho de simpatia. A solicitude me envolve, a deferência me afaga. Chegado ha tão pouco e já recebido pelo Renovador da Itália, eu não posso deixar de ser uma figura interessante, um admirador de Mussolini, um de seus amigos, quem sabe?!

O Dux não reside no "Consulta"; este palácio, pesadamente mobiliado ao gôsto abastado dos grandes dias de Crispi, por ser muito apertado desagradou a Mussolini que, quando assumiu o poder, escolheu para séde do Ministério dos Negócios Extrangeiros, o palácio Chigi. Ao ordenar o Dux que os arquivos fossem imediatamente transportados para este último, os chefes-de-serviço, alarmados, objetaram-lhe que a mudança demandaria, no mínimo, alguns meses. Ao que, Mussolini, encarando-os com a sua face de bronze, respondeu:

— Pedi-me mil homens e quatrocentos caminhões: eu vo-los darei. Mas eu quero que em

oito dias, no máximo, tudo que concirna á minha administração, esteja no palácio Chigi, e em ordem!

Eis o homem que eu vou ver. Minha meditação, todavia, não me absorve de tal modo que eu não note, á passagem do carro ministerial que me conduz, um movimento desusado nas ruas de Roma. Porque essa saudação ampla e magestosa da parte dos indivíduos que eu encontro?

Será dirigida á minha pessôa?... Não; é ao Govêrno do Fáscio, cujas côres meu automóvel ostenta.

...Palácio Chigi. Um porteiro conduz-me a um salão de espera. Batem quatro horas. Uma porta se abre, um segundo porteiro aparece no limiar de outro salão. E eu entro.

Percorro uma sala de proporções inaudítas, uma sala espaçosa e alta como uma nave de igreja, cujo solo é, todo ele, um precioso tapete de mosaico... Além, no extremo dessa sala impressionante, atrás de uma vasta secretária, um homem está sentado, corpulento, severo, imóvel. Eu reconheço as feições mil vezes pintadas, desenhadas, fotografadas; o semblante das efígies sem número; a fronte poderosa, reta, luminosa; o olhar vivo e duro; a boca firmemente modelada. Nem um gesto, nem uma palavra de bôa-vinda. Glacial, Mussolini articula:

— Fala francês, não é verdade? Pode começar!

— Meu primeiro cuidado é asseverar ao Chefe do Fascismo, que eu farei de modo a lhe dizer em duas palavras...

— Quatro! atalha o Dux.

Eu me inclino e, prosseguindo:

— Eu ocuparei V. Excia. o menos tempo possível...

— Meia-hora! precisa Mussolini.

Eu faria uma triste figura si não discernisse nessas duas interrupções um sinal de atenção benévola. O Presidente está interessado em me ouvir. Resta-me conquistá-lo.

Confio-lhe todos os pensamentos, todas as esperanças que a epopéia do Fáscio me inspirou; digo-lhe como compreendi a ação fascista desde a primeira hora e como interpretei sua influência sobre o futuro da Latinidade. Impassível, Mussolini me escuta, interrompe-me ás vezes com uma breve observação, faz uma pergunta, fixa um fato... Eu sinto que sou estudado, julgado, seguido, e a minha alegria é grande quando Mussolini me diz:

— O Sr. vê o Fascismo como ele deve ser visto, em sua verdadeira expressão, e avalia com exatidão a extensão que ele pode tomar...

A isso, como responderei, sinão conjurando Portugal meu país, a Espanha, a Bélgica, a França, todos os povos latinos a se unirem pela supremacia de um mesmo ideal? Os obstáculos que o Fascismo derribou com tanto vigor, não existem em muitos países? O exemplo de emancipação, dado pela Itália, não será seguido além de suas fronteiras?

Mas, parece-me que o olhar de Mussolini interroga um quadrante invisível, sôbre a secretária que nos separa. Arrebatado por minha tese, talvez tenha eu atingido, ultrapassado o limite que ele me tinha assinalado. Calo-me de repente; vou levantar-me...

— Mais um quarto de hora! exclama Mussolini.

Animado, eu me permito acabar sem constrangimento: a obra em que eu não cesso de pensar, essa Federação Panlatina, cujas linhas-mes-

tras eu traço, cujas conseqüências incalculáveis eu me esfôrço em mostrar...

O presidente parece seduzido, cativo:

— Sim, diz ele, é uma nobre idéia... Uma idéia que merece toda uma vida de trabalho!

Um silêncio. Depois ele retoma:

— Eu aprendi coisas que ignorava; não me esquecerei desta palestra. Sua intenção é escrever um livro sobre o Fascismo? Eu desejo dirigir a sua atenção sôbre certos pontos.

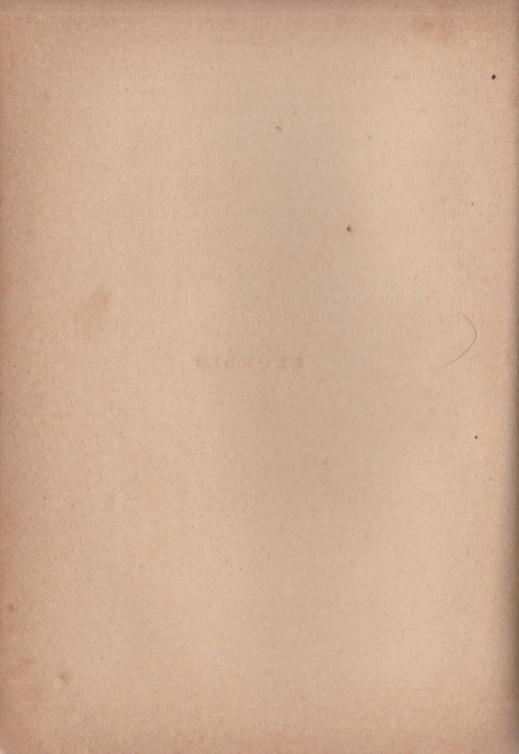
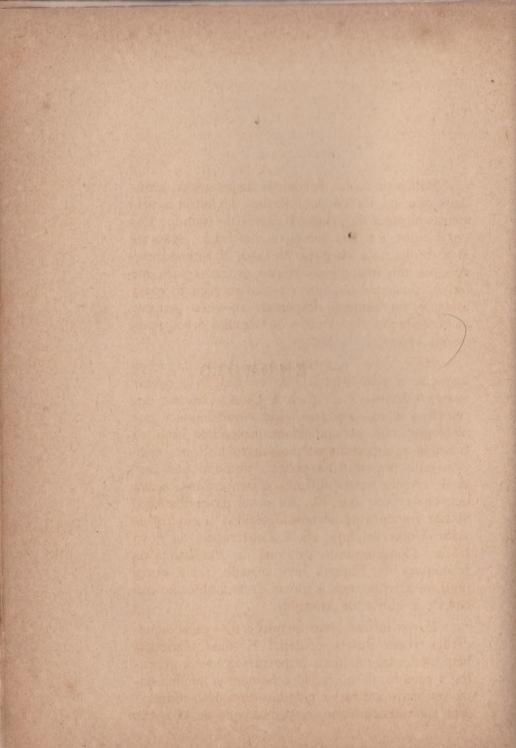
E são frases nítidas, peremptórias, um plano deslumbrante, a exaltação das virtudes nacionais: crença, coragem, razão... E' toda a função do Estado concentrada em uma breve fórmula: Ensino, Ordem pública, Defesa nacional; é o projeto de reforma da Constituição; é o "deficit" coberto pela redução das despesas, considerada como um sacrifício obrigatório.

Sem procurar dissimular a minha admiração, a minha emoção, inclino-me diante de Mussolini, disponho-me a me retirar, pois eu não tenho o direito de reter, por mais tempo, esse homem que pertence a toda uma nação; quando, ele se ergue, faz lentamente a volta da sua imensa secretária, vem a mim e me estende a mão. Pela vez primeira, eu o vejo sorrir.

— Adeus, diz ele; promete que esta palestra não será conhecida dos jornais e que sómente o seu livro reproduzir-lhe-á a essência?

Eu prometo e me retiro. Com as palavras de Mussolini ainda fervilhando em minha mente, eu desço a escadaria do palácio, marcho através Roma, caminho a ésmo, e o crepúsculo me encontra ainda mergulhado na meditação. Por isto que, nesta cidade augusta, o Passado, em todas as suas encruzilhadas, se substitue ao Presente, meus passos levaram-me ao angulo de uma pro-

funda avenida, juncada de ruinas, povoada de deuses de pedra que dormem na erva vivaz. Acima de mim, eu reconheço vestígios de muralhas... Estou diante do Forum, ao pé do Capitólio, no coração de Roma milenar. Para o entusiasmo que eu troxe de minha visita a Mussolini, podia eu desejar um cenário mais grandioso? Porque negá-lo: por ter reconhecido em Mussolini, o perfil de um chefe, a voz de um chefe, a alma de um chefe, eu estava possuido de um tal fervor que, todos os votos, todos os apelos que se comprimiam entre os meus lábios, eu os quisera atirar aos Latinos meus irmãos, levar ao encontro deles o Feixe radioso, adjurá-los, gritar-lhes enfim, gritar-lhes...

E perante um auditório inumerável e invisível, eu pronunciei o discurso que segue:

EXORDIO

Filhos da Loba, herdeiros dispersos do semideus que, no flanco do Palatino, levantou a primeira moradia da primeira cidade do mundo; Povos latinos, é a vós que eu venho falar. Não sei si a minha fala chegará até vós, si interrompereis por um instante os vossos prazeres para me ouvir; mas, mesmo que eu não mereça a vossa atenção, eu tentarei despertar em vosso sangue as recordações de glória e de orgulho pelas quais deveis viver.

Hoje, como nas horas mais belas da vossa história, é para Roma que eu desejaria atrair vossos olhares. Não para a Cidade Eterna dos retóricos e dos oradores, dos arqueólogos e dos ideólogos, não para a cidade esplendida onde os túmulos se aglomeram; mas, para a Roma rediviva cujo prestígio na política mundial não cessa de crescer nestes últimos sessenta anos. Para que vos repetir que Ela foi o sol da civilização! Si Ela foi durante séculos e séculos, a capital do velho Universo, hoje ela é a metrópole da nova Itália. Confrontando os dons do Passado e as promessas do Futuro, bem ousado, seria quem pudesse afirmar que a glória de amanhã não excederá a glória de antanho.

Povos latinos, não acontece ás vezes esquecerdes vossa ilustre origem? E' uma tendência bem moderna, não mais importar-se com a genealogia remota, de tal modo o homem se inclina cada vez mais a dizer-se cidadão-de-todo-o-mundo. Nós nos acostumamos a pensar que se vive tão

agradavelmente em Londres como em Madrí, em Viena como em Lisbôa, mas assim fazendo, nós estamos iludidos ou somos insinceros. Em nós latinos, uma voz profunda se elevará sempre, para revoltar-se contra as asperezas da vida setentrional, tão penosas á nossa sensibilidade: a permanente tristeza dos céus e das fisionomias, a aversão ás côres vivas e aos perfumes quentes, a fleuma das atitudes e a austeridade da voz...; enquanto nós temos a palavra exuberante, o gesto expansivo, o amor ás belas nuances sob o nosso soberbo sol. Embora o intercâmbio intelectual e as relações comerciais jamais tenham sido tão intensos, nós sentiremos sempre um mal-estar interior, quando entre aqueles que não possuem nem nosso sangue tumultuoso, nem nossa generosa veemência, nem essa propensão á emoção e á cólera que faz os mártires e os herois.

Ha quem considere esses caraterísticos como passíveis de reprimenda e que convém, em nome da ordem e da bôa-regra, estabelecerem-se costumes e procedimentos uniformes, de modo que não se possa, quasi, diferençar um Ibérico de um Anglo-Saxão, um Italiano de um Eslavo. Nada pode ser mais pernicioso e contrário á beleza de uma raça. Uma detestável servilidade mundana nos conduz a alienarmos nossa verdadeira personalidade, a desfigurarmos nossos costumes, a povoarmos nossas cidades de arquiteturas idênticas e de habitantes estritamente modelados á imagem de um banalissimo padrão. Que esse virus progrida e, cedo, nossas almas comporão uma fisionomia neutra e impossível se tornará, inclinando sôbre nossa arte e nossa literatura, nelas se encontrarem originalidades.

Por isto que a grande guerra misturou as raças, não se segue que, o ciclone passado, elas

devam permanecer confundidas. Com efeito, a abdicação de nossa personalidade essencialmente latina acarretaria paulatinamente uma renúncia ás nossas legítimas ambições, fundadas em nossa própria raça. Essas ambições só podem prevalecer na razão direta de nosso nacionalismo; nossa expansão é função de nosso temperamento. Disso resulta que nós Latinos, temos um interêsse imenso em conservar-nos Latinos da maneira mais ostensiva, si nós não queremos ser absorvidos algum dia por uma civilização diferente da nossa, mais ativa e mais conciente da sua superioridade.

Compete-vos por-conseguinte, Povos latinos, reivindicardes abertamente a fonte materna donde brotastes. Que vosso orgulho vos incuta a fôrça de agirdes outramente que por manifestações puramente espirituais, pois aos escritos sucederam os atos e estes matarão aqueles. E possais vós adquirir a noção exata de vosso valor material, nascido de vosso valor intelectual, e, finalmente, compreender que um exemplo vos é dado pela Roma de 1923; um exemplo de vitalidade, de energia, de disciplina e de renascimento.

A chamada das Legiões

E' a vós que eu me dirijo, Latinos da Espanha, descendentes dos Íberos de Sagunto, aliados de Roma contra Anibal, vós que tendes conservado, magnificado, transmitido todas as virtudes hereditárias: o culto da honra, o sentimento do sacrifício, o saber, o heroismo e o entusiasmo — essa febre sublime! Atormentados em vossos arrojos, constrangidos em vossas aspirações, vós vos revestiz com a indiferença daquele gesto altivo que só a vós pertence. . . Não crêdes que haja coisa melhor a fazer? Não sentiz

que a inquietude já se torna longa, que o vosso gênio desconfiado deve ceder lugar a uma preocupação de solidariedade e a vossa desunião a uma disciplina?

A ti França, Celta e Latina, ora violenta e ora terna, com a tua fronte bretã e o teu riso provençal; tu que adoras, mesmo sem os conhecer exatamente, todos os teus irmãos latinos! Queres erguer-te sobre as pontas dos pés e melhor observar o que se passa além de tuas fronteiras? Queres começar a procurar teus verdadeiros amigos onde eles de fato se encontram; não nos países de cerração e sombra, mas nos países onde o trabalho e o amor têm o mesmo acento que em teu seio?

Povo belga, divinizado pelo sacrifício e que derramaste teu sangue pela Latinidade; tu, o primeiro apunhalado e o primeiro triunfante, vem cobater ao nosso lado para novamente triunfar com teus irmãos. Teu lugar é á direita da França, pois é graças a ti, ninguem o esqueceu, que a flama latina é hoje mais ardente do que nunca.

Portugueses meus irmãos, lusitanos que descobristes e conquistastes a metade do mundo, que fizestes recuarem todas as águias em todos os tempos, Portugueses divididos pelos conflitos de opinião e por erros demagógicos; é preciso que renuncieis a vossas querelas medíocres, que procureis outras razões de vos apaixonar e que empregueis em conquistas mais elevadas o ardor de vossos entusiasmos. Vosso passado transbordante de opulência vos comanda que não deixeis sucederem a tantos feitos autênticos, uma agitação estéril e um desperdício de vossa fôrça e de vossa dignidade.

A vós Dácios, que constituiz a sentinela avançada da latinidade na frente Oriental, nação

perpétuamente dilacerada entre o Crescente e a Cruz, Romanos estabelecidos na outra vertente da latinidade á sombra doirada de Bizâncio! Temei a elegante inércia dos povos que já viveram em demasia, desdenhosos de qualquer esfôrço, porque, por princípio, êles desprezam qualquer recompensa. Vós perseguiz a ciência e a sabedoria no fundo das bibliotécas, sem desconfiar de que elas estão na vida de cada dia, que é preciso estar sempre ofegante sôbre a pista do sucesso e que nada é mais nefasto do que a imobilidade contemplativa... Eis porque eu vos conjuro a me ouvirdes!

Vós enfim, povos néo-latinos, povos espanhois e portugueses do Novo Continente, do Brasil, da Argentina, do Perú, do Uruguai, do Mexico, pois que vós detendes uma parte da grandiosa herança, pois que em vossas veias corre a seiva purpúrea de Roma, deveis associar as vossas energias ás da Europa latina, seguir o seu gesto, marchar ao seu passo, estreitar as suas mãos, imitar o seu zêlo e contemplar com a Ruménia, com Portugal, Bélgica, França, Espanha, o acontecimento precursor, o advento romano.

A unidade italiana

Estará tão afastado de nós o tempo em que Meternich, árbitro da Europa, aprazia-se em dizer: "A Itália não passa de uma expressão geográfica"?

Nos têrmos dos tratados concluidos em 1815, a influência austríaca se exerce sôbre toda a península; a águia bicéfala estende as suas asas sôbre Veneza, sôbre o Milanez, sôbre Florença e sôbre Nápolis. Savóia e Roma, as únicas poupadas, conservam-se isoladas e impotentes no meio das províncias cativas.

Mas não é em vão que a obra do liberalismo remove em França o trono dos Bourbons. A luta contra a impossível Restauração encontra, do outro lado dos Alpes, um éco sonoro; e eis que os conspiradores franceses tomam o nome italiano de "carbonari". No Piemonte a princípio, na Campânia depois, a "piazza" ruge, a revolta estala, o povo quer a independência e a unidade. Desde 1821, Ferdinando, rei de Nápoles, é constrangido a aceitar uma constituição. E' a centelha na pólvora: esmagados em Novara e Rieti, os amotinados se recompõem, reanimam-se e restabelecem a investida. A Romània se subleva por sua vez; a Calábria em seguida. E' a época em que Mazzini, constantemente exilado e constantemente atravessando a fronteira para animar os defensores da liberdade, funda em Milão o jornal "L'Italia del Popolo", no mesmo arroubo de patriotismo que determinou Mussolini, 75 anos mais tarde, a fundar "Il Popolo d'Italia". Estranhos aproximamentos da História!

Garibaldi levanta um exercito, Roma proclama a República. Carlos Alberto vencido, mas fiel á causa italiana, abdica em favor de seu filho Vitor-Emanuel I. Entre Cavour, sua balança, e Garibaldi, sua espada, o novo rei acalma o Piemonte, revela na Criméia o valor italiano e lança a questão da unidade italiana, no Congresso de París. A França aprova e envia os seus soldados contra a Austria. 1859: a Lombardia é conquistada; 1860: expedição dos Mil, Nápoles e a Sicília são anexadas; 1866: a Venécia é adquirida; 1870: a unidade italiana é proclamada. Que dizes disso, espetro de Meternich?

Os semeadores de joio

Mas isso é um passado já adormecido, pois a glória tambem se pulveriza. O gesto libertador a que eu consagro este discurso, esse gesto, é mais do que a história de hoje, é a história de amanhã. E é porque nele nós discernimos toda uma reviravolta salutar das teorias e dos sistemas, dos velhos oráculos e dos códigos caducos, dos sonhos ocos e das verbosidades enfadonhas; por isto que, na Itália, nesse povo que só gastou cincoenta anos para colocar-se no primeiro plano das potências, nós vemos um homem e vemos ação, energia, fé, vontade; nós vimos dizer, gritar a todos os povos latinos: olhai a Itália e fazei como ela!

Não por desejo de uma bela atitude, não para fitos mal definidos, mas para iluminardes as trevas de que vos queixais. França, Espanha, Bélgica, Rumênia, Portugal, povos de bravura e de elegância; sois, tambem vós, solicitados e talvez tentados pelo veneno moscovita, pelo sutil fermento de desagregação que, ha uns vinte e cinco anos, esses Eslavos vieram disseminar, tão docemente, em nossas universidades, em nossa arte e em nossa literatura. Transtornar o regime, destruir e não reconstruir, ó niilismo, tu só fizeste mudar de nome! Povos da Latinidade, admitiz um só instante a idéia medonha de que vossas glórias não representem mais do que um verdadeiro caos? Já rebeldes ás vossas leis nacionais, suportaríeis que vos viessem ordens dessa perturbada Rússia? Querêl-o-ias tu Espanhol, e tu Português, tu Ruměno, tu Bélga, e tu França?

Si não, porque tolerais que em vossas pátrias, a obra nefasta tenha artífices e que o joio se mescle ao bom grão? Pois si é certo que nós detestamos essa agitação equívoca, essas baixas insinuações que os invejosos se esforçam em pro-

pagar nas nossas fileiras; porque, nós que somos a multidão latina de espírito lúcido e de olhar franco, porque não impor silêncio, uma vez por todas, a esses maus pastores? Si é admissível que nós tenhamos hesitado, até aqui, por aversão ao tumulto, por indiferença, por indolência; a Itália não acaba de nos ensinar como se repele o jugo? O que ela fez, que nos impede de o fazermos? De que valerão a propaganda comunista e sua cantilena de reivindicações mentirosas, no dia em que todos os povos latinos, a França após a Itália, a Espanha, Portugal, a Rumênia, a Bélgica, denunciarem a "una voce" a burla odiosa do regime soviético, banirem seus subalternos e opuserem o bloco latino ao terror moscovita?

Os parasitas

Mas isso representa apenas o primeiro degráu da ascensão necessária; a salvação da Latinidade não reside sómente em sua libertação dos carrascos russos, pois a paz da Europa é ainda mais preciosa. O golpe de Mussolini fez mais do que banir da Itália, para sempre, as realizações comunistas; ele orientou a esperança nacional para novos destinos. O que nós vemos na Itália, é a substituição de uma política gasta por uma política nova, é o fim dessas contemporizações ociosas, dessas perplexidades, dessas ambigüidades, que se podem comparar a velhos sofás nos quais os ministros de hoje sucedem aos ministros de ontem, limitando-se, como única modificação, a mudar a côr das coberturas. Não compreendem que as molas estão cançadas, que os móveis só subsistem por hábito! São êstes que é preciso mudar, são as rotinas profissionais dos governantes, o temor das responsabilidades, o desejo de contentar todo o mundo, o horror do complexo,

o gôsto da verbosidade, a preguiça administrativa, a indecisão, a ignorância... O que é preciso mudar, nos países latinos bem mais do que nos outros, é o recrutamento dos novos ministros invariavelmente entre os antigos ministros, é a substituição dos funcionários cadúcos por outros que tambem o são, tanto ou mesmo mais. A Itália sofria desse mal singular; ela sofria de "giolitismo" crônico, pois que, cada vez que caia um ministério qualquer, os parlamentares de Panúrgio (*) pronunciavam logo o nome de Gioliti. Experimentado na profissão, afeito a todas as aventuras, talentoso, desprovido de gênio, Gioliti com efeito, prestava-se ás mil maravilhas, para tingir a política italiana. Porém, o colorido mais belo, não é renovação; é ilusão, cenário, miragem... Uma hora chegou em que a Itália, impaciente, enervada, declarou-se cançada desse "maquillage" enganador e quís materiais verdadeiros. Gioliti achou azado oferecer os seus bons e leais serviços, exalçar os seus métodos fantasiosos e exibir a sua equipe de ministros cem vezes vencidos e cem vezes vencedores. A Itália sacudiu furiosamente a cabeça e gritou: "Eu quero ver coisas novas!..." Este grito, será que cada um de nós, em seu fôro íntimo, já não o soltou alguma vez?

(*) N. T. — Panurgio: celebre personagem do "Gargantua e Pantagruel" de Rabelais. Para vingar-se do vendedor Dindenant que se achava com seu rebanho a bordo do mesmo navio em que ele viajava, Panurgio comprou a Dindenant o seu mais belo carneiro e lançou-o ao mar. Todos os outros carneiros seguiram imediatamente o companheiro lançando-se no oceano. O proprio Dindenant, tentando agarrá-los, tambem caiu ao mar e morreu afogado.

Emprega-se a expressão: "carneiros de Parnugio", para designar pessoas que imitam cegamente o gesto de outrem.

Ah! quantas crises governamentais não passam, na realidade, de trocas de lugares! Seja em França, Espanha, Portugal ou alhures, sempre as mesmas silhuetas se perfilam sôbre o "écran" da política com os mesmos gestos, com os mesmos tiques! Pouco importaria, si a direção do mundo só comportasse problemas suaves, dificuldades sem sofrimentos... Mas, desde que o "após-guerra" nos revela transtornos, complicações, ameaças, cujos germes nossos soldados acreditavam bem tê-los exterminado, onde estão os espíritos feitos para o trabalho? Talvez se julgue que a sua raça desapareceu, que o nivelamento próprio das democracias reduziu todas as energias a um formato único...

E contudo, Mussolini acaba de aparecer!

Os erros fortes como verdades

Segue-se que se deva desejar a transformação das Constituições, o retôrno aos regimes abolidos? Seria cair em uma perplexidade igualmente tenebrosa. Entretanto, é bem de se lamentar que os "imortais princípios", pedra angular de todas as democracias, tenham engendrado a heresia do Estado nutridor, o Estado que paga pelo mesmo preço os bons e os maus serviços. Porque espantar-se de vêr por toda a parte a inércia, quando não existem mais responsáveis? Porque tal servidor do bem público haveria de empenhar-se em realizar a sua tarefa melhormente do que o seu vizinho, si nenhuma recompensa lhe advirá de seu esforço? As coletividades não põem em comum sómente as suas virtudes, mas tambem os seus vícios, e por isto que estes, pela lei da natureza humana, são mais numerosos do que aquelas, segue-se que o dogma da fraternidade é freqüentemente uma valorização dos Caím em detrimento dos Abel.

Uma autoridade clarividente e vigilante pode, sózinha, estabelecer a separação entre os bons e os máus, elevar uns, castigar outros, segundo a justiça mais elementar e tambem a mais sumária. Pois um filósofo disse: a justiça lenta é uma injustiça. Quando a sanção intervém tarde demais, todo o benefício da repreensão é perdido. O binômio Autoridade-Justiça tem singularmente periclitado, desde Dracon; na hora presente, todo o mundo manda e ninguém obedece, nem mesmo aqueles que têm a missão de castigar. A incapacidade e o saber conduzem a fins equivalentes, com esta diferença que a primeira os atinge mais depressa, porque menos ingênua. Isto, meu Deus, nós sempre o vimos, é próprio das multidões; mas, desde que se trata de coisas públicas, do futuro de uma nação, de sua prosperidade, de sua segurança, essa admissão do artificial no mesmo plano que o verdadeiro, adquire uma terrível importância.

Sem autoridade, não ha seleção nem trabalho útil. Em um Parlamento sem autoridade, quem quer que emita um voto, proponha uma lei, invente uma jurisprudência, está quasi certo de fazer adotar o seu bastardo. Daí, essa superabundância de leis inoperantes que, ao azar das legislaturas, crescem como ervas daninhas. Um texto é lançado, artigos imprevistos se lhe anexam, reticências se lhe apegam, corretivos e subentendidos. Por isto que cada um, nesse monumento, quer colocar a sua pedra, sem preocupar-se com o consentimento do arquitéto, o edifício no final das contas, surge informe, inutilizável, perpétuamente inacabado: é a tôrre de Babel! Ha assim em França e alhures, um bom número de leis laboriosament compostas, que jamais servirão para nada e que ninguem compreenderá ja-

mais: desprovidas de coesão, firmeza e severidade. Ora, a lei, para ser respeitada, deve ser de bronze.

O Rei reina e não governa

Um outro abuso das democracias modernas consiste na incompreensão da palavra "chefe", cuja origem latina é "caput", que significa "cabeça". Em nossos dias, por um bizarro contrassenso, é justamente o chefe do Estado, o menos admitido a pensar, a prever, a governar; esse cuidado sendo o apanágio dos ministros. Mas, sendo dado que esses ministros estão infeudados ás fações parlamentares, espécie de mercenários a sôldo dos ambiciosos, resulta disso que, ninguem pensa, nem prevê, nem governa e que o Estado vai como pode, aonde pode, guiado pela rotina como um cego pelo seu cão.

E' indiscutível que a contextura política das antigas democracias está arqui-usada. Ela foi elaborada por homens de uma outra idade para necessidades de uma outra época. Considerar a sua reforma, como se a projeta em França ha tanto tempo, sem poder resolvê-la, é querer cair de Caríde em Cila (*)... As Constituições assemelham-se a Minerva que saiu toda armada do cérebro de Júpiter: é a inspiração que as faz nas-

---

(*) N. T. — "Cair de Charybdis em Scylla": escapar de um perigo para cair em outro igual. Charybdis era um famoso sorvedouro muito temido na antiguidade; hoje chama-se Calofaro e é pouco sensivel. Scylla é o nome de um rochedo situado em frente a Charybdis. Ambos se encontram no estreito de Messina e tão proximos um do outro que o piloto que quizer desviar-se de um, corre o risco de cair no outro. Ambos os nomes derivam da mitologia grega:

Charybdis — monstro feminino do estreito da Sicilia — era filha de Poseidon e Gaesa. Atraiu a colera de Herakles a

cer. Quem diz inspiração, diz: uma alma, uma cabeça, uma autoridade, um chefe! Onde estão eles? Em quem reconhecê-los?

Os augustos desconhecidos

Eles estão na multidão, que os ignora, como eles se ignoram a si próprios. Eles não tornar-se-ão ativos e visíveis sinão no dia em que o clamor nacional neles encontrar um éco de tal modo vibrante que terá a magestade de uma Consagração. Mas, si esse clamor não se eleva, si o ráio ardente não vai bater-lhes nos ombros, eles permanecerão desapercebidos. Assim como grandes capitães podem viver e morrer sem que o acaso lhes tenha fornecido a ocasião de manifestar seu gênio, possantes animadores são condenados ás trevas. Toda sua glória depende de um choque; é preciso que o aço da sua vontade fira o sílex do furor popular. Tirai ao tribuno o monte de pedras sôbre o qual ele se alteia para pregar á multidão, e, perderá a sua voz toda influência sôbre o povo. Que se tirasse á Gambeta, a depressão do Segundo Império, e Gambeta permaneceria toda a sua vida, um advogadozinho. Muitíssimo simples é a tese da predestinação.

---

quem ela tinha tirado alguns bois que ele roubára a Geryon. Foi fulminada com um raio por Zeus e transformada em abismo marinho.

Scylla: filha de Phorkos, e a quem Circe, num acesso de ciume metamorfoseou em monstro marinho. Desde então tornou-se o terror dos navegantes, a quem ela procurava devorar. Aparecia no estreito de Messina, em frente ao abismo de Charybdis, dando, por isto, o seu nome ao celebre rochedo aí situado. Segundo outros mitologos, Scylla era filha de Nisos, rei de Megara. Apaixonou-se loucamente por Minos que sitiava esta cidade e esqueceu-se de seus deveres a tal ponto que não hesitou em tirar da cabeça de seu pai um cabelo de purpura ao qual estava ligada a salvação da patria. Megara foi facilmente conquistada, mas Scylla, desprezada por Minos, a quem a sua traição tinha enchido de horror, precipitou-se no oceano.

Si o acontecimento não se põe adiante do homem público, este gastar-se-á em esforços vãos. E pois que o acontecimento, quasi sempre, é a angústia ou a cólera nacionais, é-se bem forçado a concluir que o nascimento de um heroi é o preço dessa convulsão.

Povos latinos, compete pois a vós, embelezar a vossa história. Não vos limiteis a exprimir um descontentamento mesquinho, mas ao contrário, clamai-o por vossas inúmeras bocas, e aqueles que esperam vosso apêlo, levantar-se-ão de entre vós. Os condutores de povos são trazidos pelos povos. Quando estes são débeis e inativos, nenhuma fronte procura dominar as demais frontes, pois a inércia é contagiosa. Mas, quando a multidão irritada se subleva e se interroga, aquele que deve guiá-la, surge; pois ha um outro contágio, este belo, é o entusiasmo. Todos esses períodos gloriosos que se denominam as Pléiades, a Renascença, a Revolução, o Romantismo, nasceram da inquietude popular e da sua sêde de liberdade. A labareda não arrebenta de uma lareira arrefecida: sem luta não ha vitória. Recusemos a obscuridade, repilamos os medíocres e exijamos um chefe audacioso, si queremos merecer um grande destino.

A beleza da crença

O que um povo deve aprender a temer acima de tudo é a indiferença. Sorrir ao espetáculo dos acontecimentos não é uma fôrça, como ha quem diga; mas uma fraqueza, pois é uma aquiescência. Vale mais a indignação do que o alçar de ombros; a cólera pode produzir atos emquanto que a ironia nada crêa. Feliz o povo que se apaixona, seja embora de uma maneira descontrolada; ele afirma assim uma vitalidade po-

derosa, uma indignação útil e reservas de energia. Cedo ou tarde ele produzirá um desses profundos movimentos que mudam os sêres e as coisas. Mas, que se pode esperar de uma nação indiferente? Nem os excessos, nem os erros conseguem tirá-la da sua elegante apatia; ela se desinteressa do seu próprio futuro, ela se condena á morte, como Atenas e como Bisâncio. Maquiável escreveu: "E' melhor pecar por impetuosidade do que pela circunspeção". Não se pode dizer melhor. O mundo só vive de ação, de realização, de esfôrço. Todo grupamento que se imobiliza, recúa, cede o seu lugar, permite que o calquem aos pés. Querer e agir, tudo está dentro destes dois verbos, e é ainda preferível agir para nada do que recusar a agir.

Agir

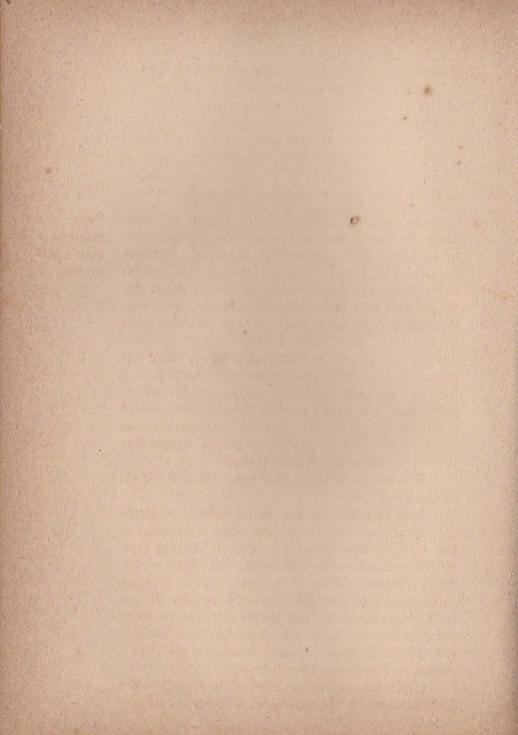
Filhos da Loba romana, vós não tendes o direito de repousar sôbre vossos antigos sucessos. Os louros dessecados, as corôas murchas, não passam de simulacros irrisórios; sómente valem os louros verdejantes. Apressai-vos em lembrar aos povos setentrionais, que o Universo não lhes pertence, que eles precisam contar com vosso número e vossa inteligência. Aprendei a construir tanto fábricas como palácios, a instruir tanto negociantes como artistas. Por pouco que vos dediqueis a isso, vós não tardareis a lançar sôbre o mercado do mundo, produtos incomparáveis, pois é a vós que pertence o senso da perfeição. Que a quantidade se associe á qualidade e vós colocareis logo em xeque os países de fabricação intensa. Mas para isso, precisais imolar vossas inimizades secundárias ás necessidades imperiosas da solidariedade; precisais, não, procurar alianças, mas consentir em associações; precisais pôr em comum vossas possibilidades econômicas e fi-

nanceiras, exatamente como vós haveis, na guerra, confundido vossos exércitos.

Agir, agir, eis toda nossa política doravante. Libertêmo-nos dos conselheiros timoratos, dos tímidos e dos fracos; procuremos homens e métodos novos. Que a sempiterna partida de xadrez disputada pela diplomacia seja confundida pela bôa-fé e lançada na poeira!... Não joguemos mais, finalmente; harmonizêmo-nos sôbre um terreno comum e o resto se arranjará por si mesmo. Enfim, tenhamos governos que governem, que protejam, que ajudem, que encoragem nossa necessidade de subir, nossa ânsia de prosperidade.

Sonhos? Quimeras? Impossibilidades materiais?... Filhos da Loba, interrogai vossa mãe... Ela é que vos vai responder!

PROPOSIÇÃO

Para os homens sem memoria

Os maiores acontecimentos fogem ao horizonte de nossa memória com uma decepcionante rapidez. Nós esquecemos depressa, depressa demais! Um tempo virá, certamente, em que as fases da guerra impor-se-ão de novo á nossa devoção, mas elas terão adquirido, então, uma magestade que as fará mais belas e também mais inacessíveis. Não mais distinguí-las-se-ão umas das outras, porém, envolvê-las-se-ão de uma admiração, de uma imensa expressão abstrata, e a bravura de cada uma das nações unidas incorporar-se-á á bravura comum dos Aliados. Será a patina da História... Mas, essa patina não apagará numerosos gestos efêmeros e palavras nobres já ameaçadas pelo Tempo?

Recorda-se o povo da França da atitude da Itália em 1914?

Não ha mal em voltar atrás, sobretudo quando percebe-se, cada vez mais, que enveredou-se por um caminho errado... Si, em alguns espíritos demasiadamente apressados em julgar e concluir, alguma dúvida se imbutiu quanto á nobre espontaneidade da nação italiana em face de sua irmã na Latinidade, um breve retrospecto basta para extirpá-la. Um dos políticos mais estimados da Itália nessa época (dezembro de 1914), Salvatore Barzilai, assim falava:

"Quando o príncipe Ruspoli levou a Viviani a declaração de neutralidade, a França compre-

endeu que a Itália punha o Direito ao serviço de seus verdadeiros sentimentos. Agora, embora seja perfeitamente explicável que a França deseje mais do que nós, causou um desgôsto muito vivo, sobretudo em quem, como eu, defendeu a causa da amizade franco-italiana, saber que os motivos de nossa conduta não tinham sido apreciados com justiça e que nossa neutralidade não foi considerada em seu justo valor.

"Eu suspiro pela aurora do dia em que houver uma cooperação ativa com os Aliados. Daqui até lá eu estou certo de que a França quererá reconhecer que, si no mês de Julho nós recusámos marchar, foi sobretudo pela razão seguinte: porque a conciência italiana considerava uma guerra contra a França como um fato moralmente impossível".

Seis mêses mais tarde, a Itália entrava em guerra. Um entusiasmo indizível levantava a Península inteira. Em Milão, o deputado Luigi Gasparoto, alistado como voluntário juntamente com mais cento e vinte parlamentares, dirigia-se nestes têrmos ao enviado do "Petit Parisien", Serge Basset:

"Dizei á França o quanto nós estimâmo-la, quão felizes somos em ver desaparecer, por fim, os antigos mal-entendidos e com que inabalável ánimo nós empreenderemos com ela o bom-combate contra os eternos inimigos de toda civilização!"

Entre os humildes habitantes da gleba, o mesmo grito repercutia até nos corações mais insensíveis. Os que não partiam, os que não davam o seu sangue, davam seu ouro. "O entusiasmo de nossas populações foi maravilhoso, declarava a propósito do primeiro impréstimo, M. Pávia, antigo sub-secretário das Finanças do Es-

tado e discípulo do grande economista Luigi Luzzatti. Eu estava convencido de que obter-se-ia rápidamente uma grande soma, como estou persuadido de que o sucesso não seria menor si ao povo italiano fosse pedido o dobro, o triplo..." Num único domingo, oito pequenas comunas lombardas subscreveram até 117.000 libras. Apenas refeita de um terrível desastre financeiro que cifrava-se em trinta milhões, a cidade de Varése contribuiu para o impréstimo, com cinco milhões e meio. — "Ah! exclamava M. Pávia, quando vier a paz, si a França quizer tratar a Itália como uma verdadeira irmã e com ela trabalhar, que belas coisas poderão realizar-se em pról do progresso e da prosperidade econômica das duas nações!"

Que dizia, em Veneza, o conde Brimani, prefeito da ilustre cidade? — "Eis que o presente nos recorda os belos dias do passado: Magenta, Solferino, toda a epopéia de 1895. Nós voltâmos ás alianças naturais depois de ter rompido alianças anti-naturais."

Palavras admiráveis, palavras proféticas, porque, pois, fostes abafadas pelo tumulto das armas! Será preciso lembrar a intrepidez dos voluntários garibaldinos em Argona? Será preciso mencionar Avelino, Muraccioli, Cotrozzi e os dois Garibaldi, Bruno e Constantino? Será preciso evocar as lutas épicas de Carso e Gorízia e a Bansizza e enfim Vitório-Veneto? Para que! A glória italiana dispensa homenagens. Ela nasceu em Roma!... Ela tem em que se apoiar!

Limitêmo-nos a pensar que as inimizades passam e que as bandeiras permanecem. E falemos agora do êrro inconcebível que impediu, entre a Itália e a França, uma aproximação que a vitória comum indicava, no entanto, como a mais lógica e a mais razoável.

A Italia decepcionada

Quando o ministério chefiado por Orlando caiu repentinamente, em maio de 1919, a França que constituia, então, o eixo da Europa, pôde ter a impressão de que a Itália tinha algumas razões sérias para declarar-se não satisfeita com os resultados da Conferência da Paz. Em 1914, nenhuma razão de interesse obrigava a Península (ligada por Crispi á dupla Monarquia e ao Império alemão), a não seguir os seus aliados na horrenda aventura e a tomar a atitude (tão tranquilizadora para as fronteiras francêsas) da neutralidade. Tão tranquilizadora, com efeito; pois, a mobilização do exército italiano, a qual era permitida esperar-se como uma coisa perfeitamente lógica, teria singularmente perturbado o alto-comando francês já atacado ao Norte e a Leste. E' pois incontestável — e está aqui uma palavra que não se pode em demasia repetir — que, a só neutralidade proclamada pela Itália, desde a abertura das hostilidades, foi um ato de generosidade cuja lembrança deve permanecer imperecível em todos os corações francêses.

Era o bastante para que fosse reservado á Itália, no momento das negociações finais, um tratamento digno da sua cavalheiresca fraternidade. Contudo, a Itália não se limitou a separar-se de seus aliados políticos, a recusar pegar em armas contra a Entente, mas ainda, arrebatada pelo seu generoso ardor, embriagada pelo super-patriotismo de Gabriel D'Anunzio, demonstrou o seu anseio em alistar-se ao lado da França e da Bélgica envadidas, menos certamente, para combater seu inimigo hereditário, a Aústria, do que para obedecer á torrente de entusiasmo que precipitava então, para a defesa das nações espoliadas, todas as lealdades e todos os heroismo.

Na Itália, foi a praça pública que ordenou ao govêrno tomar parte na guerra, foi a própria alma popular que exigiu o sacrifício. Não se tratava desses obscuros cálculos de interêsses que ás vezes conduzem os Chefes de Estado a atos belicosos para fins desconhecidos aos próprios combatentes; tratava-se plenamente de uma imensa inspiração, :vinda da profundidade da alma latina, para a defesa de um solo sagrado, para a proteção de uma irmã em perigo. Conforme a mais elementar política e, para dizer tudo, de conformidade com a mais elementar gratidão, convinha pois tratar a Itália, pelo menos, com tanta solicitude quanto aos outros aliados, na hora da recompensa. Ora, nada disso houve; e a impressão turva de que em París se hesitava em reconhecer a parte de sacrifício da Itália, em considerar os seus 600.000 mortos, irritou singularmente o pensamento popular. O partido dos antigos neutralistas vencidos pelos partidários da intervenção, apressou-se em explorar esse mau humor legítimo e irritar assim a nação. Foi nessa atmosfera de inquietações, onde já rugiam cóleras, que Orlando cedeu o poder a Niti.

Fiume

Que êrro acreditar que a famosa questão do porto de Fiüme pudesse bastar para exasperar o furor patriótico dos Italianos! Fiüme não era, na verdade, sinão um símbolo. O que a Itália não chegava a compreender era a razão porque os negociadores de París se obstinavam em tomar em consideração com uma tal deferência as exigências de uma nação mista, formada não sómente pelos Sérvios, mas tambem por grupamentos até então vagamente definidos e que, em sua maioria, tinham pactuado com a causa austríaca.

Admitindo, embora, que haver pudesse algum risco de iniquidade em confundir, com os inimigos da Entente, alguns Tchecos, talvez inocentes; preferível seria, entre dois males, escolher o menor, e assim poupar, á Itália, irmã de armas, a tristeza de uma decepção.

Os Italianos no decorrer das preliminares da paz, antes da assinatura desse malfadado tratado de Versálhes, foram levados a crêr que se lhes recusava tudo que pudesse parecer uma tentativa de indenização. Não, que suas pretensões fossem grandes; eles contentar-se-iam com vantagens modestas, si estas lhes fossem oferecidas com uma generosa bôa-vontade. Mas, uma atitude cheia de reservas, um não sei que de gelado, acabaram de prejudicar o que as preliminares do tratado tinham já comprometido.

Presentemente é fóra de dúvida que aos olhos de todo Italiano, a França é responsável pelo êrro cometido, si pode chamar-se êrro uma tal falta de presença de espírito. Saibamos ver as coisas tal como elas são e proclamar as verdades, sobretudo quando elas são duras de ouvir: si, em 1919, a França — ou, mais exatamente, o Triunvirato da Entente — não tivesse demonstrado considerar a dignidade italiana como um fator negligenciável, jamais as linhas seguintes, aparecidas depois em "La Vraie Italie", tivessem sido publicadas:

"Muitas e muitas vezes nós exprimimos a nossa maneira de ver as coisas; nós dissemos como a Itália, entrando na guerra ao lado da França com uma plena sinceridade de sentimentos fraternais, prometia-se cimentar, dessa maneira, uma amizade que, nem afrontas, nem injustiças tinham conseguido extinguir. Durante os anos da luta comum, das dôres comuns, e até á vitó-

ria, esse sentimento jamais esmorecêra; bem ao contrário. A guerra acabada e a hora da justiça tendo soádo, a Itália foi dolorosamente surpreendida ao descobrir na França, não essa "irmã amorosa" que ela esperava vêr a seu lado, para juntas gozarem o fruto de tantos esfórços e sacrifícios, encontrando nela um forte apôio contra quem quer que cogitasse de chicanar sôbre os seus direitos; mas, antes, encontrou uma rival fria e arisca, mais encarniçada do que qualquer outra em contrariá-la em suas pretensões, disposta á intriga e á traição, e sómente ciósa de estabelecer, para vantagem sua, essa hegemonia que tinha-se acreditado aniquilar, derribando nossos inimigos".

A ingratidão de Versalhes

França!... sim, esta entidade surge naturalmente sob a pena do patriota indignado! E' a França que ele julga ingrata, é a França que ele incrimina e não pode, com efeito, agir de outra maneira. Contudo, a coletividade francesa participou muito pouco nessa desastrada ação; ela não foi consultada, ninguem teve a preocupação de interrogá-la, nenhuma consulta foi empreendida junto a ela sôbre a partilha dos direitos e dos encargos. Para a redação do tratado de Versálhes, um tratado que teria feito hesitar Talleirand, foi preciso que o povo francês se tivesse louvado na experiência dos homens de Estado. Esses homens de Estado, quais eram? Um iluminado: Wilson; um egoista: Lord George; um tigre: Clemenceau. Como si não bastasse que as negociações se processassem sôbre a confusão mais inextricável da História, ao fim de uma refrega que puzera em contáto todas as nações, o Presidente Wilson, de pé á beira de um abismo

cuja profundidade lhe escapava, o olhar perdido na evocação de uma nova Salenta, prégava o direito dos povos conduzirem-se por si mesmos e cantava o hino dos Quatorze Princípios. Loid George, únicamente preocupado em escamotear a marinha e as colônias alemãs, recusava apegar-se ás considerações secundárias, isto é: a honra e a segurança de outrem. E Clemenceau depois de ter sido um homem de govêrno em toda a amplidão do termo, mostrava á Európa atônita, que as suas qualidades da véspera equivaliam, no dia seguinte, a outros tantos defeitos, e que esse homem de fôrça não era, em definitivo, um homem muito forte.

Que o Triunvirato da Conferência leve pois a esmagadora responsabilidade de seus erros, é justo; mas tu te enganas, Itália, perseguindo a França inteira com teu rancor. Pois tu não fôste a única mal servida, tu deves compreender isso, medindo com que custo o govêrno francês se esforçava para tirar desse tratado "omnibus" os meios de assegurar a sua própria salva-guarda. Pense que, no dia do armistício, a França, diminuida de 1.600.000 soldados, estava cançada e não aspirava sinão o repouso, que ela não tinha mais a sua clarividência habitual, e dize bem que tu sofreste as faltas de alguns, os mais altamente colocados, porém não, os melhores!

A Italia indignada

Breve, no momento da grande confusão italiana, Niti tomou o poder. Talvez cioso de uma popularidade que nunca pudera atingir, ele não hesitou em confiar as pastas das Finanças e do Tesouro a Schanzer e a Tedesco respetivamente,

os quais estiveram entre os neutralistas mais ardentes. A despeito dessa manobra propiciatória, o descontentamento dos Italianos estalou quando o preço da vida, já exorbitante, ainda se elevou. O que devia chegar, chegou: os consumidores devassaram os mercados e "abafaram" os gêneros alimentícios. Nas grandes cidades, em Roma, Milão, Turim, Gênova, houve cenas nitidamente revolucionárias. Dificilmente, o gabinete Niti restaurou a ordem, porém sem melhorar a situação, pois as vendas, agora respeitadas, não continham mais víveres, de sorte que foi preciso a requisição, apoiada sôbre a fôrça armada, para se obterem, dos campos, os produtos indispensáveis. Estimou-se que as eleições próximas podiam, sós, restabelecer o equilíbrio do país e apressou-se em realizá-las. A idéia capital do govêrno Niti era modificar profundamente o sistema eleitoral, o que cumpriu com efeito, substituindo o escrutínio de circunscrição por um processo de escrutínio de lista, com representação proporcional. Consistiam em que os eleitores votavam sôbre listas já organizadas, com a faculdade de substituir alguns candidatos por outros. Infelizmente, a adoção desse sistema teve por imediata conseqüência enfraquecer, dividindo-as, as fôrças constitucionais, com grande proveito do partido socialista, hostil á guerra por definição, e do partido popular, formado pelos católicos, antigos adversários da intervenção armada. Pareceu desde então que o sucesso das eleições não podia caber sinão a esses dois grupamentos, aliás muito bem organizados, pois que o povo italiano, decepcionado e mortificado, lançava sôbre a guerra toda a responsabilidade dos seus infortúnios.

A Italia dilacerada

Ameaçado de um triunfo do temível P. U. S. (Partito Uficiale Socialista), em colaboração estreita com a C. C. T., o govêrno tentou fazer compreender ao país que uma revolução seria para o mesmo uma condenação á morte e que a gravidade excepcional da situação econômica impunha, bem ao contrário, um acréscimo de ordem e de trabalho. Essas objurgações, razoáveis, porém mornas, de nada serviram; os partidos melhor organizados prevaleceram, a saber, os socialistas por 156 eleitos e os católicos por uma centena. Os grupamentos constitucionais achavam-se pois, graças á sua desunião ou antes á sua indiferença em face do voto, singularmente enfraquecidos. Imediatamente, o Parlamento tomou uma atitude ameaçadora: a 1.º de dezembro de 1919, os socialistas lançaram-se em uma violenta demonstração contra a Corôa, negligenciando as mais elementares fórmas de ética. Perturbados, os partidos moderados não tiveram bastante espírito combativo para replicar por uma contra-manifestação. Uma única vez, eles a isso se decidiram, mas essa nota de energia não teve outro resultado sinão levar os socialistas a uma violência ainda maior, a vociferações de "Viva Lénin" e a um imponente agitar de lenços vermelhos. Entre esses energúmenos e os católicos que, si eram hostís aos socialistas não o eram menos ao Govêrno, Niti era levado a se perguntar de que lado a maioria lhe viria. Finalmente ele obteve uma, não muito animadora, mas aceitável, devida á sua afirmação peremptória de governar com o Rei. Os deputados que, viam já avançar-se um regime de Soviets, reuniram-se a essa segurança e salvaram o Ministério em perigo.

O tumulto

Mas a desordem não estava sómente no Parlamento; ela reinava sobretudo na via pública, onde o P. U. S. nada negligenciava para celebrar o advento de seus 156 campeões. Em seguida a algumas agressões trocadas entre nacionalistas e socialistas, greves arrebentaram, depois, tumultos de um caráter particularmente odioso. Em Milão, oficiais foram maltratados, espancados, despojados de seus uniformes; mesmo os civís, quando vestidos com algum esmero, ficavam em situação crítica. Como vêm, os rancores davam-se livre curso de uma maneira toda rudimentar contra as classes dirigentes e os antigos combatentes. Enquanto Niti conservava-se em París, a proposito dos negócios do Adriático, os funcionários do Estado italiano, empregados dos Correios e dos Telégrafos, testemunharam o seu valor de proletários concientes e organizados abandonando o trabalho. Logo, outras indústrias seguiram a pista; depois, os agricultores. Resultou disso que, o país, já privado de carne fresca, "sob ração" para os generos de primeira necessidade, viu aumentar o seu mal-estar e minguarem os seus últimos recursos. Em diferentes regiões, notadamente na Ligúria, as usinas fechadas foram invadidas e requisitadas por operários constituidos em "conselhos de exploração". Em suma, caminhava-se para os usos comunistas que tornaram tão invejável a Rússia de hoje.

Para consternação dos velhos parlamentares, a Camara, durante esse tempo, oferecia um espetáculo desolante. Não havia sessão sem vociferações, pugilatos e conflitos. Toda a política resumia-se na "pancadaria"... Que Niti tenha encontrado geito de manter-se no poder em tais horas de encrenca e de furor, é um milagre de sorte ou de habilidade. Pois ele manteve-se, mas

a que preço! Presenteando os camponêses com o decreto Visochi que concedia, a quem quisesse tomá-la, toda terra insuficientemente cultivada; infligindo aos soldados da guerra o decreto Mortara que anistiava os desertores!

Premido entre os socialistas, que queriam suprimir a grande propriedade (Latifundium) para substituí-la pela exploração em cooperativas, e os católicos, partidários da mesma supressão, mas para crear a pequena propriedade, o govêrno Niti marchava de concessão em concessão. A questão agrária, vital para a Itália, atormentava a nação no seu próprio cérne; ela tomava uma amplitude igual á questão agrária da Irlanda e ameaçava conduzir o povo aos peores extremos. Como na Irlanda, o grande proprietário italiano não habita a sua terra; ele a aluga a um "gabeloto" (comparavel ao "midleman" irlandês), intermediário que explora o camponês e conserva-o á sua mercê pelo terror da "despedida" e pela usura. Tendo obtido, como era de justiça, a abolição do abominável "gabeloto", os camponêses exigiram mais, sem que eles mesmos se combinassem sôbre as suas reivindicações. Na falta de um entendimento, eles puseram-se em gréve, solução que nada resolvia. Em março de 1919, os grevistas da agricultura cifravam-se em 200.000. As estradas-de-ferro fizeram causa comum. A desordem, a anarquia, atingiram o seu paroxismo, para satisfação total do P. U. S. que, pelo grande refôrço de uma propaganda feita pelo jornal "Avanti", conduzia a Itália ao comunismo integral. Niti, intrépido, refez o seu Gabinete; ele apoiou-se sôbre Luigi Luzzati, economista célebre, cheio de sabedoria e de experiência, e sôbre Bonomi, jovem deputado reformista, e ostentou aos olhares do estrangeiro um otimismo de enco-

menda. Com isso, nada mudou, aliás; Niti só recuava para melhor saltar. Em princípios de máio de 1919, sua queda se realizava. Mas, enquanto que o "leader" do "Popolo d'Italia" aplaudia esse acontecimento, o ministro derribado retomava o poder que Gioliti, por uma hábil manobra, acabava de recusar. Quinze dias mais tarde, ele caia definitivamente sôbre a proposição de um decreto aumentando o preço do pão.

Onde Giolitti reaparece

Esta vez Gioliti aceitou formar o Ministério. Ele tinha uma bela partida a jogar, mas ele pertencia á geração dos "velhos astutos", dos profissionais do parlamentarismo, e ele preferiu entreter o tempo com frioleiras antes que arriscar corajosamente um grande golpe. Entre a fôrça de inércia dos operários e o "lock-out" dos patrões, ele não ousou escolher, persuadido de que as coisas se arranjariam por si. Nada disso; as coisas se agravaram, a ocupação das usinas pelos operarios tornou-se um fato consumado. De não ter impedido essa ocupação, o govêrno Gioliti terá, perante a História, duas excusas: em primeiro, a polícia não ter-lhe-ia obedecido e, em segundo, essa ocupação demonstrou, de uma maneira sonora, a incapacidade dos operários em fazerem-se de técnicos. Gioliti, abstendo-se, não deve ter previsto esta conseqüência, por experto que fosse. Esta será, não obstante, contada no ativo de seu "savoir-faire".

Depois, bruscamente, o Ministério tomou posição contra os comunistas. Ele ordenou que o aniversário da vitória fosse celebrado com estrépito, fundou um Bloco da ordem... Energia um pouco tardia que jogou "óleo no fogo". Enquanto que D'Anunzio, em Fiüme, perturbava a di-

plomacia escandalizada e vertia o heroismo no coração da jovem Itália, os socialistas lançavam-se, em formação maciça, ao assalto do poder. Tumultos, assassinatos nas cidades, agressões a mão armada nos campos, a revolução, uma revolução sem beleza, sem ideal, uma revolução eslava, ia envenenar, talvez para sempre, as fontes latinas, quando, de repente, a palavra "fáscio", tal uma abelha rápida e furiosa, voou de lugar em lugar, foi repetida, transmitida, gritada, aclamada, por vozes frementes...

E foi, em dezembro de 1920, a Natividade do Fascismo.

Fasces

Todos os que, em todo o país, em todas as esferas, em todas as profissões, desesperavam-se surdamente em ver o Estado frouxo e pusilânime; todas as coragens isoladas, as energias enganadas, as vontades constrangidas, agruparam-se expontâneamente sob o Feixe simbólico, de novo honrado na cidade dos "lictor", emblema das classes sociais unidas pelo amor da pátria. De um dia para o outro, quem quer que, do Piemonte á Sicília, fremisse de indignação á notícia de alguma violência exercida contra um soldado da guerra, quem quer que se recusasse a oferecer o seu pescoço aos assassinos da Itália, tornou-se um Fascista e combateu como Fascista, pela bôa causa dos bons cidadãos. Ah! certamente, o Fascismo não revelou-se do primeiro golpe como uma organização metódica, com um espírito de cálculo, á maneira do P. U. S. por exemplo... Deve constatar-se que os grupamentos socialistas e anarquistas, são os únicos que excelem em destruir as iniciativas individuais, para fazer da massa qualquer coisa comparável ao exército prus-

siano. Não, o Fascismo não teve, em início, nada de dogmático e cada um era nele bemvindo, contanto que usasse de bôa-vontade o "argumentum baculinum". Mas, que flama nessa desordem, que generoso frenesí no entusiasmo que projetava a jovem Itália em socorro de sua gleba e de seu prestígio! Aos comunistas que arrogavam-se o direito de molestar citadinos e rurais, opuzeram-se, de repente, os antigos "arditi", os alunos das grandes escolas, os jovens da burguesia. Todas as categorias nacionais encontravam-se e fraternizavam sob o pavilhão tricolôr, desde as pessôas de espírito simples e tranquilo, aterrorizadas pela revolta, até os patriotas apaixonados reclamando que a idéia de pátria recuperasse o seu antigo vigor. Depois, rápidamente, a ordem se fez. Do centro, do núcleo do Fascismo, irradiava uma vontade poderosa que dobrava tudo diante dela, que sabia, justamente no ponto necessário, exaltar ou moderar os entusiasmos. Esse animador, esse chefe, era Mussolini, deconhecido ainda da grande multidão; e Mussolini era lúcido demais para deixar o Facismo desagregar-se em vãos "brouhahas". Os objetivos do Facismo não tardaram a tornar-se claros e precisos: anular a ação comunista e os sindicatos vermelhos, extirpar o germe soviético, limpar os campos dos conselheiros de rapina e dizer, aos camponeses, esta palavra digna de Plutarco: a terra pertence a quem a merece e não a quem a rouba.

Dux

Naquela áspera região da România, cem vezes conquistada e cem vezes retomada, dilacerada entre Veneza, o Papa e esse terrível César Bórgia que dizia: "A Itália é uma alcaçofra que eu comerei folha por folha"; na provincia de Forli,

exatamente em Prezápio, nasceu em 1883 Benito Mussolini. Fez rápidos estudos e quis consagrar-se ao ensino. Preceptor em uma pobre aldeia romaniana, ele se enerva de não ver o seu horizonte alargar-se, arruma a sua bagagem e levando, como um filósofo grego, todos os seus bens consigo, ele emigra para a Suissa. E' lá que ele começa a freqüentar os meios políticos populares e que ele aprende o socialismo em todo o seu rigor, e não, como escreveram com complacência alguns de seus biógrafos, um socialismo "agua de rosa", um socialismo "ad usum delphini". Socialista, Mussolini o foi na acepção mais forte do princípio. Não pode admitir-se, aliás, que um tal homem tenha-se contentado com uma doutrina relativa; desde o princípio, ele entrou no vivo da ação, procurando todos os elementos de convicção, tudo apreendendo, tudo controlando, tudo conhecendo. Si, depois, ele voltou atrás, foi com pleno conhecimento de causa. Si ele tomou a peito arrancar as más ervas do jardim social, foi porque ele constatou o perigoso vigor do parasitismo. Para bem julgar os erros e para deles preservar outrem, não é mau tê-los cometido pessoalmente.

Na Suíssa, Mussolini aprende o francês, lê os grandes autores, apaixona-se pelos mais altos problemas. Profundamente marxista, ele funda e redige uma folha revolucionária, o que lhe vale um decreto de expulsão. Voltando á Itália, ele continúa a escrever e prontamente faz-se notar, por seu estilo rude, rígido, claro, altivo mesmo, que em nada se assemelha ao estilo rotineiro com que o leitor está demasiadamente habituado. Os "camaradas" vêm com maus olhos esse combativo que, por sua envergadura, fá-los parecer pigmeus, porém, tentando diminuir a sua marcha, só conseguem acelerá-la. Bastante inteligente para

não cair no sectarismo e sabendo, como disse Rivarol, que "si os carneiros se juntam, os leões se isolam", ele toma a iniciativa de separar nitidamente seu socialismo da maçonaria e vem a pôr esta em xéque no Congresso de Ancona. Pouco depois ele toma a direção do "Avanti", o primeiro jornal do partido. No início da guerra mundial, ele se recusa a conservar-se neutralista, sabendo que a abstenção é uma negação da vontade e que para um povo, assim como para um indivíduo, quem nada arrisca nada obtém. Ele declara-se, pois, intervencionista, desde a primeira hora e, para conservar a sua independência e os seus meios de ação, ele renuncia a todas as suas obrigações para com o partido socialista. Logo, ele funda o "Popolo d'Italia" e torna-se o guia da Itália patriota. Parte como voluntário contra a Austria, bate-se, é ferido e volta a Milão no momento em que a sua presença e o seu talento são indispensáveis. Pois o comunismo, gordamente subvencionado pelo estrangeiro, ameaça infiltrar-se na Itália. Nesse comunismo, ele discerne o fim da Latinidade, o aniquilamento das liberdades, o retôrno das velhas servidões mascaradas sob novos nomes. E, doravante, a propaganda "leninista" não terá, entre o Adriático e o Mediterrâneo, adversário mais terrível, até o dia em que ele a lançará por terra.

Mussolini tem todas as qualidades necessárias para conduzir as massas: de uma instrução considerável, panorâmica, ele compreende com uma rapidez fulgurante, decide sem hesitar, nunca discute um fato consumado, é lógico, com as opiniões recebidas ou contra elas. Sua eloqüência, desprovida de retórica vazia, é temível, ardente, apaixonada; ele crê no trabalho produtor e na ação, sem a qual, todo trabalho permanece obs-

curo; não obedece a regra alguma, salvo ás regras, fundamentais, da conciência. Ele não governa por um código preestabelecido, não vaza a sua política em padrões de conduta; ele inova. Não aplica sistemas; inventa-os.

O senso da medida

Mussolini possue, no mais alto gráu, essa admirável virtude, tão rara e tão profundamente italiana, que pode chamar-se "o senso da medida". Ele sabe, com uma extraordinária precisão, o que deve fazer-se e o que não deve se fazer. Ele "reparou" os limites além dos quais a rota encurva-se e acaba na Rocha Tarpéia (*). Maravilhoso exemplo de equilíbrio, alma forte, espírito apurado, que político seria capaz de igualá-lo, nas horas de crise, quando é preciso encontrar energia bastante para manter no interior, a disciplina e a confiança, enquanto que, no exterior, convém negociar com tato e diplomacia. Mussolini é toda a Itália, encarnada em um homem; é o "protótipo itálico".

(*) N. T. — Rocha Tarpeia: lugar onde morreu Tarpeia, situado perto do Capitolio, e que depois serviu aos Romanos para a execução capital dos condenados por crime de alta traição. Eis a lenda:

Tarpeia: jovem romana, filha de Tarpeio que comandava a guarnição da fortaleza do Capitolio. Ainda que vestal, Tarpeia gostava de adornos. Por ocasião de um cerco da praça pelos Sabinos, Tarpeia, seduzida pelos braceletes de ouro que os sitiantes traziam no punho esquerdo, prometeu entregar-lhes a praça si em troca eles lhe dessem "o que traziam no braço esquerdo". Os Sabinos prometeram, mas, realizada a traição, eles esmagaram-na sob o peso de seus escudos que tambem traziam no braço esquerdo.

Emprega-se a expressão: "a rocha Tarpeia não está longe do Capitolio", para significar que muita vez o ostracismo segue de perto a gloria; e para lembrar ao triumfador que ele não deve deixar-se cegar pela vaidade até o ponto de cometer desmandos sob pena de perder o poder e ser condenado ao exilio.

A arrancada

Sob o impulso desse condutor de homens, o Fascismo só podia crescer, estender-se, desenvolver a sua influência, conquistar os corações; primeiro, porque ele defendia uma causa nobre e justa, mas tambem, porque ele a defendia, atacando, que é a maneira exata. Quando foram creados nas cidades e nos campos, Comitês executivos numerosos e vigilantes, puderam ver-se Fascistas de fresca data, recentemente recrutados, deixar seu trabalho na usina ou na fazenda para correr aonde havia necessidade da sua bôa-vontade e dos seus músculos. Sem outro programa que o de perseguir, castigar, desanimar os fautores de anarquia, o Fascismo desencadeou, em toda a Itália, uma ação instantâneamente vigorosa e, rápidamente, formidável. Os principais agentes comunistas diligenciaram, inutilmente, invocar a liberdade e fazer apêlo ás suas próprias polícias; eles receberam em diferentes ocasiões tais bastonadas e acharam tão heroico o tratamento inflingido, que sua arrogância diminuiu em proporções notáveis. Com medo de atrair novas doses de cacete, eles mesmos começaram — nada mais cômicamente paradoxal — a prégar a calma aos desordeiros, dos quais, eles eram os cabeças. Sua arrogância dos primeiros tempos cedeu lugar a atitudes circunspectas; eles sentiram que, diante deles, levantava-se gente tão resoluta quanto eles o poderiam ser, porém, em número muito mais imponente, pois que todo o país colocava-se atrás deles. Quando os Fascistas, indignados com a armadilha em que tinham sucumbido vários dos seus, em Modena, puseram fogo á Bolsa do Trabalho de Bolonha, a reação socialista evidenciou-se infinitamente menos violenta do que se esperava. Houve uma greve de protesto, porém muito curta. Em público, encontravam-se cada vez

menos os deputados socialistas; si, em Motecitório, eles continuavam a perturbar as sessões com os seus guinchos e suas tolas interrupções, nas ruas eles comportavam-se muito bem, com o único desejo de passar desapercebidos. Os Fascistas, com efeito, zombavam muito da inviolabilidade parlamentar; quando um comunista, simples comparsa ou representante do povo, tinha a desgraça de atrair a sua atenção — tão pronta a despertar-se — por atos ou palavras antipatrioticas, ele não tardava em sofrer as suas acerbas conseqüências físicas. As tribulações do "signor" Buco, deputado por Mantova, ficarão legendárias. Viram-se deputados vermelhos solicitar, contra os impiedosos discípulos de Mussolini, a proteção dos carabineiros. Nada mais "burlesco", nada que lembre melhor a sadia farça italiana.

A suprema finura com que Mussolini contra-atacou a revolução, recorrendo para isso, não a rigores trágicos, mas a meios de comédia, devia assegurar-lhe a simpatia de toda a Europa latina. Quer se trate de um conflito de rua ou da evolução de um govêrno, o essencial, entre os povos que inventaram o teátro, é que o personagem principal saiba colocar os que riém, do seu lado.

NARRAÇÃO

A 24 de Outubro de 1922, Nápoles era o centro ardente do nacionalismo italiano.

O Congresso de Napoles

Emolduradas pelas "Camisas azues", representando o partido Nacionalista, quarenta mil "Camisas negras", representando os esquadrões do P. N. F. (Partido Nacional Fascista), acorridas de todas as províncias da Itália, reuniam-se para ouvir a palavra de Mussolini.

Gioliti, prestes a reentrar em cena, a tornar a jogar sua eterna personagem de "Deus ex machina", pronunciava já, nos bastidores, as palavras anunciadoras de sua intervenção. Enquanto Nápoles aguardava a grande voz da Pátria encarnada, Gioliti, perante o Conselho provincial de Cúneo, adjurava o Fascismo, ao qual ele bem queria reconhecer uma certa importância, a não perturbar as coisas existentes, a respeitar as leis, a só agir dentro do quadro da Constituição. Frases ocas, expressões vazias, vocabulário correto e banal! Nada permitia supor, aliás, que a Constituição estivesse em perigo, nem as leis, nem a ordem! O Congresso de Nápoles apresentava o aspeto magnífico de uma manifestação jovial e cordata, de uma nobre festa patriótica. Nunca os "Feixes" melhor mereceram o seu nome, símbolo de união e de fôrça, do que nesses dias de outubro sôbre os quais o céu napolitano desdobrava o seu "velum" da côr da fidelidade. Que estranha

necessidade impelia pois o antigo presidente do Conselho a fazer alusão a um perigo de que ninguem tinha a menor preocupação?

Ai! Gioliti, representante o mais distinguido da política prudente, porque desprovida de envergadura, Gioliti não via sem uma certa emoção as legiões fascistas avançarem. Êle compreendia que uma éra ia fechar-se e uma outra se abrir, que sinais apareciam nas nuvens e não havia outro recurso, entre os Antigos de repente desapossados, que agitar as suas mãos trêmulas para tentar deter a devastação dos profanadores!

Dez mil auditores acumulam-se na sala do teátro San Carlo. Em torno do teátro, uma multidão enorme aclama a chegada dos congressistas.

E, por uma admirável ironia da sorte, enquanto que a polícia, atropelada, mostra-se impotente para assegurar a ordem, são as esquadras fascistas, elas mesmas, que dirigem e controlam, com uma disciplina ao mesmo tempo cortez e rigida, a instalação dos diversos contigentes.

Que dizer dos transportes de alegria que saudaram o discurso de Mussolini! Ousado e prudente, o chefe do Fascismo começou por declarar que o jovem Partido Nacional não tinha a intenção de participar do govêrno e que ele limitava-se a preconizar, num futuro muito breve, novas eleições legislativas. Esse início mostrava claramente a vontade do Fascismo de não colaborar com Gioliti e os seus, mas tambem a sua ambição de formar um govêrno independente.

Dadas essas precisões, Mussolini soube confortar a opinião italiana, por uma alusão á Monarquia que, no dizer de seus adversários, tinha tudo a temer de um republicano, tal como ele fôra. Foi

um bálsamo para o auditório quando Mussolini pronunciou estas nobres palavras:

"A vida unitária italiana apoia-se firmemente sobre a Monarquia que, por suas origens e por razões históricas, não pode opor-se ao Fascismo, o qual é desejoso de salvaguardar as livres instituições, honrar o exército, trabalhar pela grandeza da Pátria".

A bussula desnorteada

A despeito da advertência de que o Fascismo declinava de toda cooperação com o "govêrno de costume", Gioliti, singularmente tenaz, conservava esperanças; por sinal que, no dia seguinte ao Congresso de Nápoles, ele fez questão, simultâneamente, da demissão do gabinete Facta e da formação de um novo ministério Gioliti-Orlando, com atribuição de duas pastas aos Fascistas. Mas, não eram sinão balões de ensáio enviados por um govêrno agonizante; em Nápoles, Mussolini e os seus, entrincheirados em um mutismo impressionante, esquivavam-se das entrevistas, furtavam-se ás interrogações, conservavam-se imperturbáveis. Esperavam. De Nápoles, eles seguiam telefônicamente a progressão dos acontecimenots romanos: O Rei reapareceu. — Os ministros estão reunidos para pôr á disposição do presidente Facta as pastas de que ele pudesse necessitar na hipótese de uma intervenção dos Fascistas no ministério. — A reunião terminou sem que uma decisão fosse tomada. — Uma outra reunião terá lugar durante o dia. Será creado um govêrno provisório Gioliti-Orlando ou Salandra-Mussolini? — Sim. — Não. Facta remeteu ao Rei a sua demissão e as de seus colaboradores.

Durante esse tempo, em Nápoles, sôbre a

praça do plebiscito, cem mil pessoas contemplavam Mussolini. E Mussolini fez um gesto e, no enorme silêncio instantâneamente obtido, ele disse estas palavras: "Trata-se de dias e talvez de horas. Ou o govêrno nos dará o poder, ou nós tomá-lo-emos, assentando praça sôbre Roma". Então, um grito formidavel: A Roma! A Roma!

Que Mussolini o quisesse e aquela multidão, embriagada, precipitar-se-ia á conquista de sua própria capital. Mas, Mussolini acalmá aquela febre: "Paciência! Aguardai as minhas ordens!"

E, político fino e astuto, ele dissimula-se sob uma rede de notícias contraditórias. Um jornal é todo orgulhoso em anunciar, em edição especial, uma declaração do chefe do Fascismo "pronto a colaborar, mesmo com os socialistas, inimigos declarados do Partido". Contudo, no mesmo minuto um outro jornal publica uma profissão de fé monárquica emanada de Mussolini-Proteu. Um exclama: "O Fascismo se conservará fóra do govêrno!" Outro proclama: "O Fáscio tem um ministério prontinho, de reserva!" "Nós queremos exercer uma ação completamente pacífica", afirma Mussolini, enquanto que o mesmíssimo Mussolini lança este aviso a seus comandantes de esquadras: "O momento de agir, chegou!"

A vitória do Fascismo

"A Roma! A Roma!" Não foi em vão a arrancada. Onde quer que haja um "fascio", voluntários se juntam, com o capacete e a camisa negra. Sente-se que cada combatente está ligado por um fio invisível ao grande coração da Itália que bate no peito de um homem. Essa efervescência não pode deixar indiferentes os ministros demissionários: "O dever nos comanda a ficar em nosso posto, dizem eles; sem dúvida, o país

inteiro vai se afogar em fogo e sangue! Preparêmo-nos para assistir a terríveis excessos. . . ." E crispados ao telefone, eles perguntam ávidamente: "Que faz Vintimili, onde se reünem os Fascistas nicianos? — Vintimili canta! — E Civita-Véchia? — Ilumina-se — E Roma? — Embandeira-se!

Não importa, é preciso fazer alguma coisa, é preciso que o ministério demonstre uma certa vitalidade. Em face de um país disciplinado, entusiasta, unido na expressão de sua vontade soberana, os ministros, completamente desorientados, resolvem cometer uma falta imensa: decidem aplicar o "estado de sítio"! E, o decreto apenas redigido, eles se apressam em submetê-lo á assinatura do Rei. Não ha na História instante mais patético, maior do que o instante em que Vítor-Emanuel III póde ver acumularem-se acima de sua corôa as ameaças da dupla tormenta que ameaçava ao mesmo tempo a dignidade nacional e a Casa de Savóia. Assinar o estado-de-sítio equivalia, para ele, desconhecer a augusta vontade do Fascismo, isto é: a injução da própria Pátria; era ainda, fortificar no coração do Fáscio o fanatismo da independência e conduzir Mussolini direito á República.

A meditação do Rei foi profunda e breve: alucinado pela contemplação da combustão precursora das guerras civís, o Rei recolheu nessa visão dantesca, o ensinamento ao qual ele devia obedecer. A despeito das instâncias de Facta e de diferentes ministros, Vítor-Emanuel, da maneira mais perentória, recusou assinar o decreto de estado-de-sítio, salvando assim a monarquia e a pátria italianas e dirigindo ao Fascismo vencedor a saudação suprema da Realeza.

Que restava fazer, ao ministério desfalecente

sinão despedir-se e esquivar-se sem glória? Já o govêrno se oferecia aos golpes dos imoladores. Coube a Riccio, ministro da Justiça formular, o primeiro, a sua demissão. Todos os outros seguiram-no, tais capuchinhos de cartas... E o Fascismo foi.

A marcha sobre Roma

Enquanto Roma despertava em uma alegria nova, como si um ar mais saudável enchesse a Cidade Eterna, as legiões fascistas, dirigidas desde vários dias para a capital da Itália, acampavam nas proximidades de suas portas. Mais de cem mil combatentes, jovens, resolutos, alertas, possuídos desse entusiasmo que é como o sangue da vitória, esperavam na campanha romana a ordem de marchar para a luta ou para a ovação. Mas foi a ovação que veiu a eles. Desde que o povo de Roma soube que o Rei, rejeitando o decreto de estado-de-sítio, tinha-se declarado ele mesmo o Primeiro dos Fascistas, um clamor inesquecível lançou quem quer que tivesse uma alma ao encontro das tropas de Mussolini. Pelas velhas estradas que tinham visto passar tantos Césares, sob os antigos arcos triunfais testemunhas de tantos esplendores desvanecidos, o Fascismo desdobrou os seus estandartes. Assistiu-se como que a retomada da Pátria pelos patriotas; estimar-se-ia que os magistrados da cidade, renovando o gesto gibelino, trouxessem aos vencedores as chaves simbólicas e, por uma estranha reminiscência, enquanto que desfilavam os "camisas negras", procurassem á sua frente o "Imperator" que os tinha suscitado.

Durante sete horas, sôbre o Corso, desfilaram as tropas fascistas, milhões de homens saudando á romana, a mão direita estendida, a mão

esquerda apertando o fusil. A multidão sapateava de entusiasmo á vista dos bonés militares adornados com o "feixe do litor" e das camisas negras sôbre as quais se cruzavam as cartucheiras... Esse exército improvisado, mas, no mínimo, tão temível quanto o exército regular, desafiava, por seu equipamento, sua disciplina e o seu garbo, toda crítica. Quando, após os últimos batalhões, passaram as metralhadoras e as mulas carregadas de munições, o povo italiano compreendeu que uma fôrça se lhe nascêra.

Seria de desejar que numerosos franceses assistissem a esse acontecimento grandioso. Melhor do que por narrações eles compreenderiam a amplidão do movimento fascista e suas raízes profundas no caráter romano.

Seria compreendido em França que a Itália não é sómente um país de ruínas magestosas, de vestígios gloriosos, mas que a velha nação italiana é rica de futuro, que ela trabalha ardentemente para seu destino, que a verdadeira maneira, enfim, de honrar a Roma moderna e de merecer a sua afeição, não é honrar os seus antigos prestígios, mas saudar a sua nova apoteose.

E eis que o Rei e Mussolini se encontram face a face: minuto inesquecível aquele em que o Rei confia ao ditador a missão de governar a Itália... Mas, já as aclamações do povo em delírio constrangem Vitorio-Emanuel a aparecer e a reaparecer sem cessar na varanda do Quirinal. Já perante Mussolini que se adianta discretamente, Roma inteira se precipita e se entrega.

Fascismo e Nacionalismo

A primeira palavra de Mussolini no poder foi: "E agora ao trabalho!" O período belicoso estava encerrado; a ação mudava-se em organi-

zação; não era mais questão de entregar-se á embriaguês do sucesso, mas ao contrário, adquirir essa sobriedade rigorosa que permite a visão clara e o raciocínio pronto.

O Fascismo, em seus pródromos, não era um partido, o Fascismo não era uma doutrina. Mais exatamente e segundo o seu próprio fundador, era um dinamismo ao serviço de uma causa eminentemente nacional, era um movimento provocado por um descontentamento geral e que só a vontade patriótica concretizou.

Si é exato que todo dinamismo não passa de estatismo ainda não chegado a seu destino, este raciocínio rigoroso não pode aplicar-se doravante ao Fascismo, que possue em si todos os elementos constitutivos da fôrça e da duração. Aquilo acontece com os processos dos partidos ditos revolucionários, cujo programa, é, com efeito, todo inteiro contido na palavra revolução. E' impossível levantar um sistema político sôbre um estado revolucionário, o qual não pode ser, sinão, uma fórma transitória e, aliás, imprevisivel.

O Fascismo foi, antes de tudo, no espírito de seu chefe, a ação determinante, o organismo de trabalho, a arma ou antes a ferramenta. A necessidade imperiosa, temível, impunha-se a todos os corações generosos, de purificar o sólo italiano, da peste comunista. A grandes passos a Itália marchava para a agonia de sua glória, o aniquilamento de suas aquisições ancestrais. O mundo ia assistir a esse horrível espetáculo, de Roma definitivamente presa dos Bárbaros. Toda energia indignada dos patriotas italianos preponderou súbitamente sôbre as divisões de opiniões ou de classes e, de um dia para o outro, desde que Mussolini escreveu, no "Popolo d'Italia", esta palavra radiosa "feixe", a idéia tomou corpo,

tornou-se um fanal e um foco em tôrno do qual agrupavam-se, magníficos de ardor, todos os estudantes, todos os combatentes, todos os comerciantes, isto é: o pensamento, a fôrça e a riqueza da jovem Itália.

Essa riqueza, essa fôrça e esse pensamento, já o Partido Nacional era a sua expressão mais direta. Um dos promotores do Nacionalismo, Alfredo Rocco, atualmente sub-secretário de Estado no Ministério das Finanças, notou mui justamente que os objetivos do Fascismo e os do Partido Nacional eram idênticos, de sorte que este parece ter tido naquele o seu intérprete. Bem antes do Fascismo, o Nacionalismo tinha proclamado a sua fidelidade ao princípio monárquico e dinástico, símbolo da vida perpétua da nação. E' igualmente de origem nacionalista a teoria do sindicalismo nacional, como sendo a adaptação dos sindicatos ao Estado sob o seu "controle" e a sua disciplina.

As duas doutrinas confundindo-se pela maior parte de seus pontos essenciais, deviam um dia se fundir. Esta fusão deu-se em março de 1923; os sindicatos nacionalistas converteram-se em corporações fascistas e as melhores inteligências do Nacionalismo encontraram lugar nas diversas organizações que o Fascismo tinha creado.

Importa notar que o Grande Conselho Fascista foi levado a proclamar oficialmente a incompatibilidade do Partido Fascista e da Maçonaria. Convidados a escolher entre esta última e o Partido, a maior parte dos Fascistas não hesitou em dar a sua preferência ao Fáscio.

Protetores de Roma

Mussolini, assim como é um homem de ação, tambem é um homem de Estado; aliás estes dois termos definem bastante bem o chefe político tal

como ele próprio o concebe. Encarregado pelo Rei de formar o Ministério, ele esquivou-se de oferecer a seus Fascistas o vinho do triunfo, esse "vinho negro" de que fala Lorenzaccio, "que engendra a metáfora e a prosopopéia". Ele furtou-se á alegria fácil do hosana popular; ao contrário, empregou todo o seu poder em dominar o arrebatamento que ele tinha alimentado por tantas palavras, escritos e atos; começou a obra corajosa de extinguir a cintilação de sua própria glória em proveito da glória nacional. A gratidão da Itália foi conquistada por esse grande patriota, indiferente á corôa de carvalho e que, o labor cumprido, o combate terminado, não teve outro orgulho sinão tornar a ser um artesão entre os artesões.

Ao dia seguinte do sucesso, o primeiro gesto de Mussolini, terá sido indenisar aqueles que marchavam em seu séquito? O dever cumprido tem necessidade de um salário? A probidade feroz dos Convencionais revive nesse homem que cuida dos interesses do país e não dos seus. Mas não bastava que os Fascistas, tendo jogado por terra o bolchevismo e dado um golpe mortal no velho espírito parlamentar, tivessem ocupado Roma; era preciso ainda designar uma função a essas coórtes imobilizadas...

Mussolini, nessa conjuntura tão fatal aos exércitos vitoriosos e que privou a jornada de Canes de seus justos "amanhãs", Mussolini não quis, nem a inação, nem o prazer. Tão violentamente quanto ele exigíra o tumulto, ele exigiu a ordem, transformou os seus legionários em milicianos, ordenou-lhes organizarem, na cidade febril, a calma e o trabalho, tornou-os responsáveis... Logo, puderam ver-se, em Roma, os célebres "camisas negras" e os não menos famo-

sos bastões assegurar o rítmo pacífico da nobre cidade, com tanto de cortezia e mesura quanto de impetuosidade eles tinham manifestado contra os "arditti del popolo".

A qualqur outro que Mussolini, duas alternativas igualmente perigosas apresentar-se-iam: indenisar os Fascistas, e nisso, nós o repetimos, Mussolini nunca consentiu; ou bem, licenciá-los, o que teria lançado, através da Itália, milhares de energias repentinamente ociosas e por isto mesmo, perigosas. Com uma maravilhosa sagacidade que põe em plena luz as suas virtudes de manobreiro, o novo Presidente do Conselho da Itália soube impôr áqueles que tinham, sob o seu impulso, travado o bom-combate, uma função digna de seu civismo. Ele os fez, com efeito, os protetores de Roma; elevou-os á dignidade de restaurarem e de manterem a sã disciplina em Roma ainda efervescente; seus militantes da véspera, ele os converteu em pacíficos soldados únicamnte preocupados em preservar de todo atentado a placidez citadina.

A espada na bainha

Isso fazendo, Mussolini teve por único objetivo assegurar aos Fascistas um legítimo emprêgo de seu valor? O observador é inclinado a se perguntar — e é aí que parece revelar-se a finura de julgamento de Mussolini — si a intenção dele não foi, além disso, dobrar os ardores fascistas em tarefas menores, afim de que se faça pouco a pouco nos espíritos mais exaltados, os mais legítimamente embriagados, a calma indispensável ao estado de paz que deve seguir cedo ou tarde — e cedo de preferência — ao estado de guerra civil.

Isto vem a significar que Benito Mussolini,

possuído desse maravilhoso senso da medida de que tão freqüentemente são privados os maiores homens de Estado, quis que o Fascismo fosse, nas horas ardentes, uma arma maravilhosamente eficaz, mas que essa arma voltasse á baínha logo que as circunstâncias não exigissem mais que ela fosse brandida.

O Fascismo, atenuado como meio de ação, conserva todavia seu pleno valor como prelúdio de uma transformação política. Que elementos ele traz? Que mudanças se propõe ele impôr ao sistema parlamentar cujos erros precisamente, deram-lhe nascimento?

Conduzido pelo fervor popular, tendo atravessado com uma rapidez fulgurante essa fase turva e laboriosa que precede geralmente ás evoluções, falta-lhe doravante, empreender, sôbre outras bases, a reconstrução do sistema que ele pretende transformar.

Que quer o Fascismo, que pode fazer, aonde vai ele?

O Decalogo fascista

A estas perguntas, o Decálogo Fascista responde, em dez artigos inspirados:

"I — O Fascismo é a nação vitoriosa que não quis ser reduzida á condição das nações vencidas e enfraquecidas.

II — O Fascismo é a Itália burguesa e proletária, a Itália dos trabalhadores que, ao mito das lutas de classe e ao fato da guerra civil, substituiu a cooperação efetiva de todos os cidadãos, afim de regenerar a fortuna da Pátria.

III — O Fascismo é a Itália dos pensadores que, proclamando os direitos da sociedade nacional, libertou-se para sempre da ideologia estrangeira, preponderante em nosso país, desde a

segunda metade do século XVIII, para atingir o seu ponto culminante, no começo do século XX, na ideologia parricida de Moscóvia.

IV — O Fascismo é o gênio da raça ressuscitada, a tradição latina sempre operante em nossa história milenar, o retôrno á idéia romana do Estado e á fé de Cristo, a conjunção de um grande passado a um luminoso futuro.

V — O Fascismo é o culto dos valores espirituais, oposto ao culto do ventre, deus único dos socialistas, anarquistas e comunistas.

VI — O Fascismo é a liberdade do povo italiano, sucedendo á licença desenfreada dos indivíduos, dos grupos, dos partidos. Ele é o triunfo do trabalho, da ordem e da disciplina.

VII — O Fascismo é o sacrifício, consentido com humildade, do bem individual ao bem da nação.

VIII — O Fascismo é a defesa da Itália, contra os inimigos de fóra e contra os inimigos do interior.

IX — O Fascismo é a religião da paixão da Pátria, o orgulho do nome latino, a fé inquebrantável nos altos destinos da Itália, o augúrio e o penhor de uma nova preeminência italiana.

X — O Fascismo é a união sagrada de todos os verdadeiros italianos: é a Itália flôr, luz, alma do mundo".

A obra de amanhã

Os ideais do Fascismo são, vê-se-o, muito simples. Conciente de poder insuflar uma vida mais generosa ao Estado vacilante, ele deseja que após tantas hesitações, após tantos enganos dos quais o mais paradoxal é ter procurado inspirações em um país tão dissemelhante como a Rússia, a Itália retoma-se, reeduca-se, atira-se a gran-

des passos na senda do progresso. Aos olhos de todo Fascista esclarecido, a falta capital do govêrno precedente foi desconhecer, á fôrça de atonia, o princípio sagrado da italianidade, do orgulho nacional tão desenvolvido na nação-mater da Latinidade. O fascismo não é pois, sinão, a projeção expontânea de um partido nacional, não mais desse liberalismo burguês de vistas curtas que, desnudo de energia, pode ser considerado como o primeiro responsável da epidemia comunista, mas de uma "clan" que engloba a pátria inteira, seu labor, sua beleza, sua riqueza e sua glória.

Mussolini apresenta-se pois como o adversário irredutível das velhas concepções governamentais, da rotina, da tola economia, da finança estreita, da moralidade, muita vez, por demais elástica. O senso do aperfeiçoamento social leva-o a considerar o fim da autoridade do regime capitalista e o advento dos verdadeiros produtores. Ele não quer destruir, ele quer construir, mas, não, sôbre ruínas; ele não quer suprimir os substanciais princípios burgueses, eles os quer levar a uma concepção diferente, melhor, mais larga, de seu papel na elaboração da fôrça nacional.

Não é no sentido superficial que a palavra evolução é empregada, a propósito do Fascismo. Evolução, dizemos nós, e não revolução. Evolução com efeito, porque os elementos constitutivos do Fascismo são, de alguma maneira, elementos novos, almas que nenhum êrro de doutrina corrompeu ainda, espíritos não poluídos por dogmas falazes. Que foram os Fascistas da primeira hora? Jovens arrancados aos seus estudos sob o impulso de uma generosa indignação; proletários cançados de não sentir sôbre eles a proteção de um govêrno previdente; operários inquietos

de ver a sua sorte á mercê da oligarquia mongólica; quasi sempre, humildes pessoas e mesmo indigentes que tinham bem menos preocupação de sustentar uma opinião ou fazer obra de polemistas, do que defender a integridade e a dignidade de sua pátria, ameaçadas pelos fautores de desordens e os perturbadores assalariados.

Tais foram os voluntários da primeira hora, cujas fileiras encontraram-se logo engrossadas por todos os contingentes vindos das profundezas da nação. O Fascismo é pois, nós o repetimos, um movimento profundamente nacional em prol de uma política nacional, pró Itália "alma-mater". Jaques Bainvile disse mui justamente: "O Fascismo é um fenômeno latino, no qual, as reminiscências de Roma antiga e da ditadura de salvação pública, entram com uma certa parte". Salvação pública, eis as justas palavras que esclarecem a ação fascista.

Mas, o encaminhamento á salvação pública, subdivide-se em etapas. A primeira foi guerreira e terminou com a derrota do comunismo; a segunda não faz sinão começar, ela é pacífica, ela deve ensinar á Itália e, depois dela, ao mundo inteiro, que as duas faces da medalha cunhada com o símbolo dos "feixes" são igualmente belas.

Serenidade

No limiar desse segundo período, na aurora desse estatismo, é bem evidente que o Fascismo tem o maior interesse em oferecer-se ao país como um modelo de disciplina. Isso não deve ser, para ele, sómente uma questão de amor próprio; é tambem uma garantia de vida. Em primeiro lugar, é indispensável que substituindo pela fôrça — ou mais exatamente, pela autoridade — uma éra de anarquia e de confusão, ele saiba mostrar-

se metódico com rigor e calmo com magestade. E' por uma demonstração permanente de bôa conduta, de calma e de sangue frio, que ele acabará de converter e de cativar os longínquos corações camponeses, pouco experientes em sobressaltos políticos. Tumultuoso e extremado ainda ontem, o Fascismo não pode ser hoje sinão a encarnação da ordem. A violência foi o seu caminho, mas a pacificação é o seu fim.

Em segundo lugar, si o Fascismo triunfou de seus antagonistas exteriores, nada prova que ele não tenha, em seu seio, fermentos de dissociação. Mussolini, ele, possue no mais alto gráu, nós o dissemos, o sentimento sutil da exata medida, mas resta-lhe impô-lo a seus companheiros de luta. E' lá, talvez, que as peores dificuldades o esperam. Durante o tempo em que o Fascismo foi uma fôrça em pleno trabalho, ele podia dispensar programa definido e apegar-se ao ideal sumário de derrubar as velharias. E Mussolini podia limitar-se a declarações como esta:

"O Fascismo é uma grande mobilização de fôrças materiais e morais". A que se propõe ele? Nós o afirmamos sem falsa modéstia: governar a nação com o programa necessário para assegurar a grandeza material e moral do povo italiano. Nós não cremos nos programas dogmáticos, nessa espécie de quadros rígidos que deveriam conter e sacrificar a variável, cambiante e complexa realidade. "Nós nos permitimos o luxo de ser aristocratas e democratas, conservadores e fautores de progresso, reacionários e revolucionários, legalitários e ilegalitários, segundo as circunstâncias de tempo, de lugar e de meio nas quais somos forçados a viver e a agir".

A esta excelente fraseologia de combate, devia suceder um plano de govêrno. O Fascismo

entrava na órbita das realizações, na necessidade concreta. Seus adversários, evidentemente, esperavam-no aí com uma maliciosa curiosidade.

Uma politica nova

Ora, os primeiros atos de Mussolini, como Presidente do Conselho, mostram uma rara coragem e dão uma medida toda nova do "metier" de homem de Estado. Apenas subido ao poder, ele lança na rotina parlamentar uma perturbação esplêndida. Ele aceita a demissão de quatro ministros e sub-secretários de Estado, do Partido Popular, e decide não substituí-los. Auxiliado por seus puros Fascistas, ele governa só. Si ele age dessa maneira, si ele restaura o dogma da autoridade, não é para satisfazer uma inclinação pessoal; é com o pleno concurso da opinião pública. A Itália queria um chefe, ela o teve em Mussolini. Portanto, os partidos da extrema-esquerda, em França ou alhures, fazem mal em criticar a sua conduta. A bem dizer, eles se intrometem com o que não lhes diz respeito e sobretudo naquilo que não compreendem. A mentalidade italiana, as necessidades, as aspirações da Itália não têm nada de comparável com as dos países vizinhos. E' um grave êrro emprestar a outrem intenções que nós mesmos teríamos. Empregando, a torto e a direito, a palavra Fascismo e desfigurando-a, os contraditores cometem uma pesada falta, de política e de polidez.

Cioso de ter as mãos livres para levar a bom termo a sua pesada tarefa, Mussolini não entende ficar á mercê da nervosidade da Câmara. Ele não quer que o seu esfôrço esteja subordinado a descontentamentos de corredores; ele exige, com justiça, garantia de tempo. Assim, ele pede ao Parlamento, e obtém, o voto da lei de "plenos

poderes", em outras palavras, uma delegação do poder legislativo. De mais, ele reclama a abolição desse abuso, desse excesso que se chama o voto de confiança.

Reforma ousada, mas reforma salutar e cujo princípio todas as democracias tem interesse em observar. Então, que! um homem aceita o fardo do govêrno, expõe a sua vida pública e privada, o seu passado, a sua pessôa, ás críticas, aos brocardos, aos rancores e ao ódio; chamado numa hora difícil, esse homem dispõe-se a repor, em aprumo, o carro atolado, junge-se ao mesmo, estimula os seus companheiros com o gesto e com a voz, padece, entrevê o sucesso, reune toda energia para o último esfôrço . . . e, na véspera do bom êxito, sôbre uma questão secundária, sôbre uma interrogação que o encontra distraído, desorientado, nervoso, eis que a confiança do Parlamento lhe é recusada e que ele é constrangido a abandonar a sua tarefa, a renunciar a seu sucesso legítimo, a retirar-se enfim, para deixar o seu lugar a um outro que, sôbre planos pessoais, recomeçará o que lhe interditaram de acabar! Mas, nada mais anticívico do que o fato de uma assembléia, perturbadora e rudimentar, cortar, assim, a todo instante, o fio a que está suspensa essa espada de Dâmocles (*). Sob essa ameaça perpétua, o govêrno não pode mais contar, para du-

(*) N. T. — "Espada de Damocles": emprega-se esta expressão para figurar um perigo que pode a qualquer momento incidir sobre um individuo ou uma coletividade.

Historico: Damocles, cortezão prodigo em bajulações, frequentava a côrte de Dionisio, tirano de Siracusa, e vivia a exalçar, diante do rei, as delicias da realeza. Fatigado de tanta adulação, Dionisio resolveu ministrar a Damocles uma lição exemplar e propôs ceder-lhe, por um dia, o seu lugar de rei. O cortezão aceitou entusiasmado e Dionisio deu ordens para que o adulador fosse tratado como o proprio rei. Nesse dia, ao meio de um lauto banquete em que Damocles, ricamente vestido e com um diadema cingindo-lhe a fronte, parecia na-

rar, sinão com a sua "chance", com a sua popularidade, com o seu ascendente em face dos partidos. Dessa fórma, o ministro que agrada á assembléia, porque diverte-a, que desarma os fazedores de cabalas, porque os intimida e, enfim, que tem, a seu favor, o acaso, demorará no poder dez vezes mais tempo, embora politicamente incapaz, do que o verdadeiro homem de Estado, o pensador, o sábio desnudo de prestígio e desprovido de ousadia. Isto tem-se visto. Sem que nós nos permitamos designar tal país, antes que tal outro, nós vemos, lançando um olhar para trás, que os mais longos ministérios não têm sido sempre, os melhores.

O direito elementar ao trabalho

Mussolini reprova esses costumes; pois, si escolheram-no, é que o julgaram digno; si ele é digno, que o deixem trabalhar. Quando tiver terminado a sua obra, quem quiser reprová-lo, é livre de o fazer; mas, antes, não. Certamente, uma tal reforma, não é do gôsto de todo o mundo. Ela é de molde a desconcertar os amadores de interpelações sorrateiras, todos aqueles que fazem profissão de jogar cascas de banana no caminho do govêrno. Para muitos parlamentares, essa inovação equivale a um atentado contra a liberdade, pois é sempre a liberdade que se invoca, assim como se grita facilmente contra a ditadura. Mas, a liberdade é uma palavra, cuja justa significação, é tempo que se determine.

---

dar em um mar de rosas, ele olhou casualmente para cima e viu com espanto, bem sobre a sua cabeça, e suspensa ao teto por um tenue fio de cabelo, uma espada aguçada e nua. Aterrado, levantou-se de um salto e suplicou a Dionisio que pusesse fim á realeza de que o investira. Só então compreendeu Damocles, qual era a verdadeira felicidade de um tirano, cuja vida estava continuamente exposta aos atentados.

"Não ha liberdade; mas, sim, liberdades!" disse excelentemente Mussolini. E é bom que, pelo menos concedam-se ao ministro as mesmas prerrogativas que se facultam ao artífice, a saber: o direito de executar o seu trabalho, do começo ao fim.

A nova unidade nacional

E é, incontestavelmente, um vultoso trabalho! Sem dúvida, os pródromos do Fascismo foram penosos; sem dúvida, foi mister batalhar rudemente, para aniquilar a hidra bolchevista; mas, já os tempos heroicos estão acabados. Agora, realiza-se a obra profunda, privada de brilho superficial. O Fascismo prometeu renovar a Itália, instaurar um regime de ordem, de brilho, de união sobretudo. Ora, ele absorveu todos os descontentamentos, todas as esperanças iludidas; ele confundiu-as no serviço da bôa causa, que consistia, a princípio, em cair em cima dos Leninistas triunfantes. Mas, passado o período agudo, os Fascistas, em repouso, consideram-se com surpresa; tanto, eles se veem diferentes uns dos outros! Aquele é um intelectual, este um camponês, o terceiro um operário, o seguinte um burguês. Todos combateram pelo ideal, mas ao repouso, um precipitado se forma. Esse ideal é variável; as reivindicações do intelectual são conciliáveis com as do operário, as do comerciante com as do produtor? A magnífica associação de energias, resultante de um entusiasmo unânime, subsistirá, uma vez a excursão terminada?

Sim, si Mussolini tem a seu favor o tempo; sim, si ninguem vem arruinar, á medida que ele o constroi, o edifício da restauração. Quando se aborda, entre os múltiplos problemas cuja solução a Itália lhe reclama, o do "latifundium" ou

crise agrária, compreende-se que é impossível realizar aí acordos duráveis, pelo meio expedito de alguns decretos. Um pouco em cada lugar, notadamente na Sicília, os camponeses apossaram-se das grandes propriedades, aprovados, aliás, por um govêrno, a quem o futuro pouco atormentava. E' inadmissível que Mussolini sancione, por sua vez, um estado de coisas, com o qual, ele era o primeiro indignado. De outra parte, restituir as grandes propriedades a seus donos, seria recair no êrro inicial e, além disso, provocar nos rurais uma revolta furiosa. Trata-se, pois, de imaginar um compromisso, de estabelecer o regime da pequena propriedade, tarefa que está á altura de Mussolini, com a condição de que uma oposição vingativa não lhe venha pedir contas cedo demais.

Do principio de autoridade

E', em definitivo, uma questão de autoridade. Não, sómente, uma autoridade de pessoa, com as suas vantagens e também os seus inconvenientes — um chefe de partido, exageradamente autoritário, acaba algumas vezes, por alienar os seus mais certos partidários — mas, sobretudo, uma autoridade de Estado. Restituir ao Estado um prestígio de algum modo paternal, dar ás leis o seu vigor, perseguir severamente esses "rebeldes profissionais", que são capazes de derrubar todos os governos e incapazes de elaborar um só, reagir contra a perturbação por princípio e o tumulto premeditado, honrar o trabalho como a mais alta virtude patriótica, velar sôbre a escola, sôbre o exército, sôbre a família, os tres estádios do civismo, reservar o exercício da política a um numero restrito de competências responsáveis e, nela, não mais admitir os primei-

ros desocupados vindos em busca de uma situação social. Eliminar os "bons-à-tout" assim como os "propres-à-rien"... é um programa que satisfaz todo o mundo, que exige, de cada um, a sua contribuição á comunidade, que santifica o trabalho e o impõe a todos, que coloca a salvação da Pátria acima dos conflitos de opinião. tal é a doutrina de Mussolini, tal é o "mussolinismo italiano".

Sindicalismo evoluido

Insistamos sôbre a parte considerável de sindicalismo que o mussolinismo contém, não sómente porque toda doutrina de nossos dias deve-lhe reservar um grande lugar, mas ainda porque Mussolini, si não hesitou em combater os êrros do socialismo de onde aquele provém, no entanto, estará sempre pronto a exaltar as verdades saudáveis. Na Itália, como na França, como em toda parte, o sindicalismo pode salvar a nação ou perdê-la, segundo a orientação que os seus chefes lhe quiserem dar. Inteligentemente, dignamente conduzido para fins realmente tangíveis, ele deve aproximar o povo de seu ideal e fazê-lo feliz; lançado ás cegas contra fôrças indispensáveis á vida orgânica da sociedade, desprezando a razão e a lógica, ele só destruirá sem jamais construir nada.

E' certo que o evangelho socialista, ensinado ao mundo por Karl Marx e seus discípulos, aparece, em face dos problemas atuais, como um documento senil e caduco. As condições presentes são de tal modo diferentes daquelas de 1880, que não se pode decentemente invocar um semelhante código cuja indigência é manifesta. O processo do capitalismo, tal como o instruiu o socialismo, tornou-se tolice pura, agravada de ignorância. Si

existe na realidade, a cargo do capital, numerosos abusos e proveitos excessivos, pelos quais os operários são lesados, em "revanche", a direcção de um negócio industrial impõe, além do saber técnico, responsabilidades, despesas, esforços e preocupações muito grandes. E' pois absurdo que o operário, sobretudo em seguida a uma guerra ruinosa, continue a hipnotizar-se com os lucros de seu patrão, atendendo a que, contas ajustadas e após ter tomado em consideração o capital imobilizado, o interesse a servir, os riscos, os dissabores e toda a confusão, consecutivas a um empreendimento industrial, é bem freqüentemente a jornada do operário que se salda pelo mínimo de perda e de tormento.

Mas o socialismo acreditou bem descobrir uma nova "Terra da Promissão" susceptível de substituir o velho paraíso "jaurèsiano" um pouco "demodé", quando ele mudou-se em bolchevismo com, no centro, um Estado-dispenseiro, um Estado-patrão, em uma palavra, o Estado-Lénin. A-pesar dos resultados deploráveis adquiridos por esse sistema na Rússia, é provável que os operários italianos, tão apressados ainda ha pouco, em ocupar as usinas, não tenham feito sinão ceder á pressão da opinião pública, restituindo-as aos seus proprietários e que no fundo deles mesmos, conservem uma certa devoção ao altar comunista. Mussolini terá pois de lhes inculcar que o Estado, entre todos os patrões, é o menos acessível e o menos competente. Si o Estado se mete a desapossar o capitalismo, para colocar-se em seu lugar e tomar a direção das emprêsas, é preciso ainda que ele tenha capacidade para tal, e o regime dos monopólios que ele detém não parece fornecer a prova disso. Admitamos todavia que o Estado seja um chefe lúcido; o caráter individual das empre-

sas mudaria? Mas, não; o negócio, a fabrica, permaneceriam no lugar que elas ocupam, nas mesmas condições que antes, pois o trabalho de manufatura, subordinado ao rendimento e á receita, não tem nada que ver com este ou aquele modo de direção. Os operários, dir-se-ia, não seriam mais obrigados a obedecer ao capitalista!... Seja, mas o funcionalismo seria mais cômodo, com seu regulamento, sua burocracia e seu favoritismo?

Mussolini declarou: dentro de dez anos a Itália será uma imensa usina. Assim traçou ele a tarefa do mussolinismo, bandeira sob a qual, as classes devem realizar uma associação íntima, para um resultado único. O mussolinismo é "a Itália pela Itália". Em outras palavras, isso deve ser, em breve tempo, a colaboração e a união das classes.

Pois bem, em uma colaboração das classes, animadas por um sindicalismo da bôa-escola, a organização operária terá capacidades e direitos (de que ela não tem siquer a idéia na hora presente), que não trarão nenhum atentado aos direitos e ás capacidades do patrão e que farão dos assalariados uma potência infinitamente mais respeitável do que é hoje. Longe de nós o pensamento de profetizar; mas, si a Itália operária consente em marchar na via que lhe traça o chefe do Fascismo, é-se fundado a predizer ousadamente que ela fará, um dia, a admiração do universo inteiro.

Roma capital da cristandade

Os velhos liberais italianos estão receiosos de que, num futuro próximo, a potência da Igreja se fortaleça... Eles veem ameaçado o templo do livre-pensamento, asilo tutelar da fé de "..48".

Eles não compreendem que o povo italiano não pode contentar-se com uma moral secamente abstrata. São-lhe necessários símbolos, imagens, que ele possa ver e tocar. Não se subvertem, de um dia para o outro, tradições milenares, sem o risco de desorientar a nação. E não se pode impedir que Roma, capital da Itália, seja tambem a capital espiritual do mundo latino.

A sociedade humana sofreu bastantes metamorfoses, desde o dia em que o primeiro papa fez de Roma a séde de seu govêrno; contudo, bem ousado seria quem pudesse afirmar que o prestígio de Roma católica diminuiu no mundo. Pois esse govêrno existe, ainda que limitado hoje ao poder espiritual; o previlégio de intervenção, os bispos de Roma nunca cessaram de reivindicar, afim de que a sua autoridade se perpetue, segundo a palavra de Cristo. "até a consumação dos séculos". Bom-grado, mau-grado, o iconoclasta mais frenético acha-se, aqui, diante de um monumento que, por uma resistência, cujas provas estão feitas, desafia os seus puerís assaltos. A preeminência de Roma como capital da cristandade, é fundada, primeiro, sôbre a importância moral e política da cidade de Roma — o que demonstra bem que, em face dos historiadores, Roma é única; em seguida, sôbre o mérito próprio de seus bispos que, todos, são honrados como santos e dos quais um grande número foi mártir; enfim, sôbre a pureza da doutrina que eles ensinam, sem jamais alterar a palavra de Cristo, nenhum deles tendo incorrido siquer na suspeita de heresia.

A veneração por assim dizer universal, que rodeia o Vaticano — e a qual os povos de confissão diferente se esforçam por ocultar — tem pois origens demais profundas para temer os acontecimentos ou os homens. Mas, na Itália, es-

sa veneração é tanto maior que, varios papas, e não os menores — Júlio II, Leão X, entre outros — praticaram uma política inspirada de um singular amor da pátria italiana. A irradiação intelectual que a Itália exerceu tanto tempo sôbre a Europa e que revém constantemente sob a pena dos escritores, é obra do Vaticano, é a conseqüência de um movimento precursor do Nacionalismo moderno. A ação vigorosa dos papas, desde alguns séculos, em todas as preocupações sociais do mundo cristão e que se tem traduzido pelo restabelecimento da hierarquia católica nos Estados Unidos, na Holanda e na Inglaterra, a multiplicação das missões estrangeiras, a atitude conciliante desenvolvida pela Santa-Sé, em suas relações com os diversos govêrnos, essa ação está incontestavelmente, por uma parte considerável, na magestade de Roma. Segue-se que um govêrno — o de Mussolini ou um outro — fingindo ignorar a política do Vaticano, consentiria no abandono de um imenso elemento de prestígio. Não fazer entrar em linha de conta, em Roma, a potência da Igreja romana, seria pois, para um chefe político, admitir uma limitação á sua zona de atividade e seria tambem recusar por em proveito os imensos recursos de propaganda que sómente a Igreja possue... Enfim, seria lesar gravemente o espírito nacional em suas mais íntimas tradições. Mussolini tem o cuidado de não sacrificar tão altos interesses ao dogma laico, tanto mais que este não substituiu as antigas crenças; ele não fez sinão juxtapor-se ás mesmas.

Na França mesmo, país onde a indiferença religiosa é grande, principalmente nos centros de atividade, a menor comoção permite constatar quanto essa indiferença é fictícia. Um perigo público basta para conduzir os peores negadores ao

pé dos altares. A grande guerra restituiu ao clero o seu antigo prestígio intacto. E, além disso, para que privar os povos de uma religião oficial? A angustia humana, a necessidade de crer, a confiança na oração, adotarão outras fórmas, si se lhes tiram aquela que lhes é familiar; devoções mais ou menos estranhas tomarão o lugar do culto abolido e nada será mudado, sinão os simulacros.

Montesquieu escreveu em seu "Espírito das Leis":

"A idéia de que Deus não existe, segue a de nossa independência; ou, si nós não podemos ter esta idéia, a de nossa revolta. Dizer que a religião não é um motivo de repressão, porque não reprime sempre, é dizer que as leis civís não são um motivo de repressão, tão pouco. E' raciocinar mal, contra a religião, reunir em uma grande obra uma longa enumeração dos males que ela produziu, si não se faz o mesmo com os bens que ela fez. Si eu quisesse contar todos os males que produziram no mundo, as leis civís, a monarquia, o govêrno republicano, eu diria coisas incríveis.

"...A questão não é saber si valeria mais que um homem ou um povo não tivesse religião, do que abusar daquela que tem; porém, saber qual é o menor mal: abusar algumas vezes da religião ou não possuí-la em absoluto".

Assim, admitindo que Mussolini (como se lhe atribue), veja no exercício da religião, uma garantia de educação cívica e tome essa garantia como um auxiliar de sua própria missão, ele estará de acôrdo com um dos mais penetrantes moralistas e dos menos suspeitos que o mundo tem conhecido.

Relações exteriores

Tanto, sinão mais ainda do que por sua política interna, é por sua atitude frente ás outras potências, que uma nação afirma a sua dignidade'. A política exterior da Itália é, sem contradita, uma das mais difíceis que ha. O que o tratado de Versálhes não fez, é ao Fascismo que cabe realizar. Mussolini, nós logo o mostraremos, soube exprimir mui claramente as suas intenções a esse respeito. A Itália deve continuar a sua ascensão; ora, o prestígio de uma potência européia, de nossos dias, resulta não menos de sua importância territorial do que de seu mérito intrínseco. E chega-se a uma das preocupações agudas entre todas do povo italiano, á expansão colonial. A Itália continúa prolífica, e é a sua glória, no meio de tantas nações estéreis. A sua população é de 37 milhões de habitantes para uma superfície de 300.000 Km² sómente, o que dá por Km², 123 habitantes. Mas, essas cifras não são sinão provisórias, pois as famílias italianas têm uma concepção muito alta de seu dever social, de sorte que a população não cessa de aumentar. Segue-se, obrigatóriamente, que a Itália é por excelência, um povo de expansão e que territórios anexos são-lhe indispensáveis. A França que não conta sinão com 66 habitantes por kms², não possue o segundo império colonial? Certamente este lhe custou caro, ela o pagou com o seu sangue e o seu ouro, mas esta consideração, por nobre que seja, não dissipa, em nada, o mal-estar de sua vizinha latina. Forçada a procurar fóra de si-própria, campos de atividade para a sua numerosa população, o mais sagrado dos seus bens, a base de sua grandeza futura, a Itália vê-se condenada á emigração até ao extremo, a menos que revisões melhorem, a seu respeito, os tratados mui levianamente concluídos.

A obra colonial

A aquisição de territórios além-mar é pois objeto de preocupações constantes do govêrno fascista, na pessoa do ministro das Colônias, Luigi Federzoni. Cérebro poderoso, organizador incomparável, grande trabalhador, Federzoni, o magistral "leader" do Nacionalismo, pôde já realizar vastos progressos na italianização da Cirenaica, que promete ser, em um lapso de tempo muito curto, uma colônia modelo. Sua atenção, de outro lado, permanece aplicada ao melhoramento das relações entre a metrópole e os países coloniais, á sistematização do intercâmbio comercial, á creação de novos organismos no domínio da marinha mercante. Ele é, por excelência, "the right man in the right place" e a sua colaboração, no conjunto da obra fascista, equivale a uma garantia de retidão.

Majores pennas nido!

A Itália perdeu 600.000 homens na guerra comum; ela deveria receber, á custa dos vencidos, a indenidade territorial correspondente á vida de 600.000 colonos. Estes, ela se encarregaria de os fornecer; como essa Malatesta do Quatrocento que, intimada a render-se sob pena de ver morrerem os seus filhinhos cativos, respondeu mostrando o seu seio glorioso: "Eis com que fazer outros!" Mas, confiscando as colônias alemãs, não se pensou, é preciso crer, na Itália, tão pobre de espaço. Julgou-se mesmo, exagerado, atribuir-lhe sem reservas, a Dalmácia; constrangeu-se o povo italiano a continuar a expatriar-se, esquecendo que esta palavra fere-a no mais sensível de seu "eu"; pois que a todo Italiano agrada envelhecer e morrer sob o seu céu, diante de suas montanhas, á beira de suas videiras, por muita doçura ou bem-estar que lhe ofereça o solo estrangeiro.

PROVA

A confiança unanime

Ide á Itália, caminhai através seus campos, detende-vos á margem das culturas e conversai com os camponeses. Na hospedaria, enquanto alguma bela e robusta rapariga de pele alambreada, vos traz um "fiasco" desse vinho que sabe a amora e a murtinho, perguntai em torno de vós, o que se pensa da política italiana. Nas cidades, em Roma, Milão, Turim, Gênova, onde o trabalho é rei, interrogai os comerciantes, os industriais, os armadores... E vós ouvireis isto:

— E' como uma éra nova que se abrisse para a Itália. Pela primeira vez, desde bastante tempo, nós temos um chefe de govêrno, que fala uma linguagem outra que a linguagem política. Gioliti, Niti, Facta, eram políticos que, em seus discursos e suas alocuções aos citadinos e aos camponeses, aos operários e aos patrões, pareciam sempre dirigir-se a uma assembléia parlamentar invisível, de sorte que as suas palavras passavam por cima do auditório ao qual, entretanto, elas eram destinadas. Disso resultava uma falta de ligação entre o público e os Poderes, uma incompreensão da parte do primeiro, e, da parte dos segundos, um desconhecimento total das necessidades da nação, de suas aspirações e de suas preocupações.

Com efeito, completamente diferente é Mussolini, que não recebeu a educação dos comuns

homens de Estado. Ele não contraiu, como tantos outros, essas camaradagens de colégio, que refletem tão perniciosamente sôbre a independência de espírito dos políticos que surgem; a sua inteligência não foi fundida no molde arbitrário que torna tão semelhantemente medíocres, os homens de uma certa categoria; o seu julgamento não recebeu essa curva especial que permite ignorar os perigos e praticar com a maior bôa-fé deste mundo a política de avestruz... Enfim, ele não é desses que, fundamente mergulhados no sofá ministerial, dizem, quando as dificuldades surgem: "Dever-se-ia fazer isto... porque não se fez aquilo?..."

Mussolini proveio das camadas profundas, brotou do humus fértil onde mergulham e se nutrem as raízes do povo; prematuramente, ele teve de batalhar para viver; e trabalhou cedo e duramente; a aurora surpreendeu, bastas vezes, a sua lampada acesa. Assim, idéias novas e impacientes atroaram dentro dele; para lançá-las no espaço, ele tornou-se polemista, e de polemista, proscrito. E' a escola das águias. No exílio, ele vive como pode, mas pensa como quer. A pobreza flagela a sua cólera, irrita o seu gênio, tempéra a sua resistência. Ele fala uma linguagem nítida, isenta de florêios de retórica; escreve artigos estridentes... E, quando chega o seu dia, ele está armado como é mistér, tem tudo que a luta exige: envergadura, vontade, autoridade!

Autoridade reconfortante e vontade comunicativa. O movimento fascista, tão poderosamente conduzido, restituiu a cada um, na Itália, esse valioso otimismo sem o qual as nações mediterrâneas não podem crescer nem prosperar.

Autoridade reconfortante, porque inflexível; autoridade cuja fonte é um patriotismo que não

transige. Sua doutrina de chefe de Estado, Mussolini proclamou-a, desde o primeiro dia, á face de todos:

"Eu quero governar com o consentimento da maioria. Mas, enquanto não se forme essa maioria, é-me preciso realizar o máximo de força disponível. Pois essa fôrça mesma creará, mais tarde, o consentimento que eu desejo e si, o consentimento falta, a fôrça pelo menos subsistirá.

Em todas as resoluções que venhamos a tomar, nós colocaremos os cidadãos diante deste dilema: ou bem aceitá-las por espírito de patriotismo, ou bem suportá-las. Não é de outro modo que eu concebo o Estado e a arte de governar.

Nacionalismo

Si cada Italiano, na hora presente, goza de um repouso de espírito, de que a veemência socialista o tinha privado até ao exagero é que nele a noção de confiança se refez. O Nacionalismo adotado por Mussolini e os seus Fascistas pode ser chamado com efeito: o despertar da conciência nacional. "Palavras! exclamarão os derrotistas; um sistema político impõe um programa mais nítido".

Isto não é absolutamente certo e Mussolini o disse aos Milaneses, um dia: "E' preciso que sejamos, ora alegremente revolucionários, ora reacionários consumados!" Para que, um programa rígido que não se enquadre ás circunstâncias, que significa um sistema político preestabelecido e aplicável aos acontecimentos, de qualquer geito?... Deve dizer-se que o Nacionalismo italiano permanece ainda impreciso? Não, seus fins são tão fixos que seus caminhos, para lá chegar, são retos:

Paz no interior; extinção da luta de clas-

ses; fusão obrigatória dos partidos em proveito do trabalho e, por conseqüência, da prosperidade.

Regeneração do trabalho, por uma nova doutrina sindicalista. Adoção de um regime econômico menos estreito.

Modificação da representação política. Supressão de um parlamento incompetente, para dar lugar a uma Assembléia susceptível de conhecer os problemas que lhe são submetidos. Subordinação absoluta do interesse particular ao interesse geral.

Abandono pelo Estado, de seu embargo sôbre os serviços ou explorações públicas. Refôrço do poder do Estado em seus tres domínios estritos:

1.º a ordem pública;
2.º a defesa nacional;
3.º o ensino.

Tais são as palavras que eu ouvi de Mussolini, em Roma, na primavera deste ano.

Enfim, harmonia, liberdade, disciplina, união dos direitos e dos deveres, trabalho, confiança, patriotismo. E no exterior, reparação do prestígio nacional, sem imperialismo algum.

Mussolini disse ainda:

"Nós marchamos direito á realidade. Ha valores saídos do proletariado, que devem ser protegidos e estimulados; é preciso contudo admitir que a burguesia, responsável pelos empreendimentos, possa governar tranquilamente os seus negócios. Todo o mundo deve rivalizar no concurso das vontades de que Mazzini definia as condições: liberdade e disciplina.

"E é preciso trabalhar, a restauração do país é urgente! O comunismo é uma pretensão grotesca, digna de uma tribu selvagem.

"E' ridículo querer partilhar o que não exis-

te, ridículo querer socializar a pobreza e falar de comunismo em um país onde os homens são delicadamente, divinamente pessoais.

"...Para a Itália, a questão não é mais entrar no socialismo, pois nós já aí estamos. Trata-se de sair dele. Trata-se de retirar do Estado atribuições para as quais ele não tem competência e das quais ele se desobriga mal. Não se reconstruirá por menos".

Eis, palavras claras e fortes!

A obra realizada

O govêrno fascista é um govêrno de trabalho; nunca se o repetirá demais. Esse reerguimento, por assim dizer, instantâneo da Itália, dispensa comentários; contudo, as frases mais persuasivas não valem um documento... Ora, aqui, os documentos têm uma beleza sem igual.

Para clareza de nossa demonstração, torna-se necessário que nós entremos em alguns detalhes administrativos e façamos mesmo um pouco de contabilidade.

Reorganização financeira

O govêrno fascista poz imediatamente em estudo, a solução dos numerosos problemas econômicos e financeiros que paralisavam a vida da nação; para este efeito, ele considerou medidas de tres espécies diferentes:

a) Restauração da organização privada da produção, mais econômica e mais remuneradora do que a organização de Estado;

b) Proteção do capital privado, o que, de uma parte induz a economizar e, de outra parte, incita os econômicos a por em circulação os seus capitais;

c) Reconhecimento da necessidade do capital como elemento essencial á produção, sendo dado que a propriedade privada do capital é o único meio que permite obter a constituição e o acrescimo da riqueza.

Este problema é o que domina todos os outros no espírito do novo govêrno; sob os governos precedentes, o capital era objeto de entraves sem numero; inteiramente ao contrário, o govêrno fascista deseja favorever-lhe, por todos os meios possíveis, a acumulação.

Por outra, o govêrno preocupa-se em assegurar ao trabalho, uma proteção equitativa; o trabalho sendo o segundo fator da produção. Capital e trabalho são, pois, as duas bases, sôbre as quais, repousa todo o edifício de reorganização econômica e financeira da nova Itália.

O problema fiscal

Por muito longo tempo considerou-se o problema fiscal da Itália, conservando-o distanciado de sua base natural, que é a economia da nação. O novo govêrno estima que ele não poderá realizar receitas abundantes; sinão com a condição de conceder á produção, uma facilidade e um bem-estar tais, que as exigências fiscais sejam consideradas como normais pelos principais interessados.

A obra financeira tende, antes de tudo, a simplificar a organização fiscal que, já confusa antes da guerra, adquiriu, depois, ainda um acréscimo de complicações. Tratou-se igualmente de suprimir uma grande quantidade de isenções fiscais não justificadas, assim como se tratou de pôr têrmo ás evasões fiscais. Estão lá os pontos principais do programa fixado pelo eminen-

te ministro das Finanças e do Tesouro, De Stefani.

Abolição da nominatividade obrigatoria dos titulos

Sabe-se que uma lei previa a nominatividade obrigatoria dos titulos, e isto em vista de impedir as evasões fiscais relativamente ao imposto sôbre a riqueza móvel. Esta lei teve, por resultados imediatos, pôr os capitalistas em desconfiança contra tôda fórma de emprêgo de suas disponibilidades, seja em títulos do Estado, seja em títulos privados. O govêrno pôde compreender, desde a abolição dessa lei, que ele tinha restituído ao público uma confiança sem a qual toda colaboração financeira é impossível.

Disposições especiais foram determinadas para beneficiar com uma isenção de imposto sôbre a riqueza móvel, os impréstimos e obrigações contratados e colocados no estrangeiro. Essa isenção tem um caráter temporário: com efeito, ela é aplicada aos impréstimos que serão contratados e ás obrigações que serão lançadas no estrangeiro, até 31 de dezembro de 1925. Ela pode ser concedida:

1.° Ás sociedades nacionais qualquer que seja a sua fórma;

2.° Ás sociedades constituídas ou que se constituirão no estrangeiro, contanto que a sua séde social e o objeto principal de seu empreendimento estejam no Reino;

3.° Ás comunas e ás províncias;

4.° Ás instituições legalmente constituídas.

Essa medida de isenção — que só pode ser concedida pelo Ministro das Finanças com autorização do Conselho dos Ministros — suprimiu um dos entraves mais importantes á afluência de capitais estrangeiros para a Itália. Até o pre-

sente, os proprietários que exploravam diretamente as suas propriedades, não estavam sujeitos ao pagamento do imposto sôbre os rendimentos destas últimas. O novo govêrno estimou que havia aí uma desigualdade injustificada e estendeu o dito imposto a essa categoria de rendimentos.

E' possível que o imposto de riqueza móvel seja aplicável a certos salários operários: por exemplo, quando se trata de operários que, em razão de sociedades ou organismos de que dependem, de retribuições percebidas, encontram-se em uma situação previlegiada, tais como operários do Estado, das Províncias, das Comunas e das explorações autônomas.

Exceto o imposto extraordinário sôbre o patrimônio, todos os impostos extraordinários deverão extinguir-se em 31 de dezembro de 1923. Já este ano reduziram-se á metade as aliquotas dos impostos sôbre os administradores e diretores de sociedades por ações.

Enfim, em matéria de legislação alfandegária, o govêrno mostrou, tanto pela conclusão de acordos comerciais como pelas modificações tarifárias, que ele está resolvido a seguir uma política que melhore as condições penosas dos consumidores, ao mesmo tempo tomando em consideração todavia, as condições atuais da produção italiana. Notadamente no que toca á produção, ao comércio e ao consumo do trigo, o govêrno reconheceu a necessidade de prorrogar a isenção aduaneira desse produto; por outra, ele reduziu sensivelmente os direitos sôbre as farinhas e seus derivados. Ele reduziu de 7/10 para 2/10, o coeficiente de majoração aplicável aos direitos de alfândega sôbre o assucar. Ele procedeu á abolição do direito de alfândega sôbre os adubos químicos, fosfáticos e azotados.

Abolição dos direitos de sucessões

Uma medida de uma importância capital, inspirada pela necessidade de reforçar a instituição familiar, inseparável da unidade da nação, foi decidida pelo Conselho de Ministros. Trata-se da abolição completa de todos os impostos sôbre doações e sucessões entre os membros de uma mesma família.

Para desenvolver a atividade economica

O govêrno aboliu tambem uma quantidade de disposições que tinham por primeiro efeito restringir a liberdade do comércio, entre outros a do justo preço (equo prezzo) de que a classe comerciante retirava mais vexames do que os consumidores benefícios reais. Na mesma ordem de idéias, o novo govêrno resolveu abandonar o princípio do monopólio sancionado pela lei de 4 de abril de 1912.

Regime de trabalho

No ponto de vista do trabalho, o govêrno de Mussolini entende dar ás classes operárias a noção de uma elevação moral e material que elas jamais conheceram até aqui.

O "chômage" pode ser considerado como um atentado mesmo á dignidade da classe operária. Atualmente, o número de "chômeurs" que diminuiu grandemente, não é mais do que cerca de 350.000. O labor do govêrno tende a aumentar os meios de mão-de-obra italiana no estrangeiro e a crescer as possibilidades de trabalho no interior. Pelo que concerne a este último, uma parte importante do fundo nacional de "chômage" será doravante aplicado em adiantamentos provisórios para empreendimento de trabalhos públicos, particularmente próprios para empregarem a mão de

obra. Simultâneamente, uma organização mais eficaz dos serviços de colocação e de seguro contra o "chômage" involuntário, permitirá reduzir progressivamente este último.

Trata-se, enfim, de crear um Conselho da Económia Nacional para substituir o Conselho Superior do Trabalho. Esse Conselho da Económia Nacional terá a missão de solucionar todos os problemas interessando, não sómente as classes operárias, mas tambem tudo o que concorra para a produção nacional.

Serviços publicos

A reorganização financeira no domínio administrativo é objeto de uma atenção particular do govêrno, tanto para aliviar os próprios organismos como para realizar economias orçamentarias.

A simplificação do Ministério dos Trabalhos Públicos é, a esse respeito, dos mais importantes. O govêrno fez estabelecer por um grupamento de técnicos um programa de trabalhos públicos, estes divididos em tres categorias:

a) trabalhos urgentes que não podem ser adiados; b) trabalhos necessários; c) trabalhos desejáveis. Estão em estudo: a reorganização das Estradas-de-ferro; a dos Correios e Telégrafos; e da Instrução pública; a da Navegação comercial, etc. etc. Nós o veremos mais longe, o princípio da cessão da exploração telefônica á industria privada, foi decidido.

Tratados de comercio

O govêrno fascista procedeu já á conclusão de numerosos tratados comerciais com a Espanha, a Albânia e os Países Bálticos; as conven-

ções efetuadas com a França e a Suíssa têm uma importância toda particular.

No ponto de vista da tarifa postal, telegráfica, telefônica e radio-telegráfica, acordos foram concluídos com alguns Estados com o fim de facilitar as relações políticas, econômicas e comerciais. O lançamento de um cabo entre a Itália e a América do Sul, de um segundo cabo entre a Itália e a América do Norte e de um terceiro entre a Itália e a Grécia, libertarão a Itália do "controle" estrangeiro, permitindo assim ativar as relações entre a mãe-pátria e os milhões de italianos estabelecidos sobre o Novo Continente.

Reforma da defesa militar

Sabe-se que Mussolini confiou a defesa territorial e marítima da Itália a dois homens ilustres: o general Diaz e o almirante Thaon de Revel. Em pleno acôrdo com eles, um programa considerável de reforma foi adotado. Os governos precedentes, acreditando não dever tocar no sistema financeiro dos exércitos, nunca tiveram "controle" real sôbre o emprêgo das somas votadas pelo Parlamento, de sorte que os resultados adquiridos não estavam nunca em relação com os sacrifícios consentidos pela nação.

O govêrno fascista começou por adquirir a noção exata das necessidades do exército moderno. Depois, aplicou as medidas, aguardando os resultados da experiência que devem revelar-se dentro de breve espaço de tempo. Assim, ele avaliará os frutos e terá um ponto de partida para o futuro.

Afim de satisfazer ao mesmo tempo á instrução e á amplidão dos efetivos, o govêrno fixou a duração do serviço em dezoito meses. Esse termo de dezoito meses é superior ao que fôra

previsto em 1920; ele permite estabelecer mais facilmente a ordem das datas de convocação e de licenciamento, de maneira que todo cidadão seja exatamente instruído sôbre o seu destino e possa cuidar a tempo de seus interesses.

O plano do govêrno é que o exército moderno, por sua constituição e sua fôrça, corresponda ás exigências da nova Itália; em outras palavras, que ele esteja em relação direta com a mudança da situação política, o desenvolvimento da indústria e do comércio, o aumento das necessidades. E' com efeito indispensável que o exército represente a expressão tangível da vontade e da justa ambição de um povo.

Convém completar aqui o que nós temos dito a respeito da creação de uma milícia nacional. Essa milícia cujo papel consiste em manter no país uma ordem e uma disciplina puramente cívicas, é ao mesmo tempo, a melhor escola de educação e de preparação do exército. Seu funcionamento é paralelo ao do próprio exército, sem atentar contra este, sem usurpar as suas prerrogativas. Formada de voluntários, ela permite ao país conservar a ação militar própriamente dita, únicamente para a defesa de seu território, sem que isso custe nada á nação. Assim se encontra realizada uma das mais fortes afirmações de Mussolini: "A função do exército é apenas fazer a guerra".

Aviação

O capítulo da aviação é objeto de um trabalho considerável, para cuja elaboração o Presidente Mussolini contribuiu pessoalmente. E' permitido afirmar que a Itália possuirá breve uma possante armada do ar. Mussolini não pode admitir que os serviços militares ou navais não

disponham, a qualquer momento, de todos os aviões necessários. E' lembrado que, quando das recentes erupções do Etna que puzeram em perigo a população siciliana, Benito Mussolini tendo querido transportar-se sem demora aos lugares do sinistro, exprimiu altamente o seu desprazer por ser constrangido, em nossa época, a empregar ainda a via férrea em uma urgência semelhante.

•

Fascismo, guardião dos bens do Estado

A 13 de Máio de 1923, no teatro Scala de Milão, Alberto de Stefani, Ministro das Finanças, pronunciou um discurso provido de fatos e de cifras, cuja repercussão foi, com justa razão, considerável. Com efeito, com êsse discurso. A. de Stefani não fazia nada menos do que prestar contas, ao país inteiro, da gestão do govêrno fascista.

Ressalta desse trabalho que, desde o começo da reorganização financeira, a qual, nessa data de 13 de máio de 1923, não remontava a mais de cinco meses, os resultados seguintes eram adquiridos:

1.° Limitação, em proveito do Estado e em uma notável proporção, das liberdades financeiras das Comunas.

2.° Simplificação dos direitos; exemplo: as contribuições diretas foram totalizadas em tres "títulos": terrenos, imóveis, riquezas móveis, em lugar das doze que existiam antes da reforma. Aliviando certas contribuições e agravando certas outras, realizou-se a política das compensações por toda a parte onde foi possível.

3.° O orçamento da Defesa nacional foi reduzido a tres bilhões, seja uma economia de 338 milhões sôbre o orçamento apresentado na Câmara, no mês de novembro de 1922.

4.º O orçamento dos trabalhos públicos foi fixado em um bilião, seja uma economia de 221 milhões, sôbre o orçamento anteriormente apresentado Esse orçamento de um bilião não deixa de ser seis vezes superior ao de antes da guerra.

5.º A Dívida pública, relativamente ás estradas-de-ferro, será, para o exercício 1923-1924, de 374 milhões, em lugar dos 654 previstos no orçamento de novembro de 1922. Economia: 280 milhões, dos quais, 180 por diminuição de despesas e 100 por aumento de entradas. Uma melhoria ulterior, de 264 milhões, será realizada no curso do exercicio de 1924-25; a liberação total da Dívida será atingida no curso do exercício de 1925-26, sem prejuízo de uma cessão eventual da exploração das estradas de ferro á indústria privada.

6.º As pensões previlegiadas de guerra atingiram o máximo com 1 bilião e 214 milhões. A fase de declínio já começa; pode, com efeito, prever-se para este ano (1923) uma economia de 60 milhões, que será seguida de outras muito mais importantes.

Para se ter um sumário da redução do número de funcionários públicos, considerados como supérfluos pelo govêrno, basta indicar que, só nos ministérios da Guerra e da Marinha, 7.650 operários foram dispensados. O pessoal licenciado recebe uma pensão temporária e o pessoal que permanece em funções é retribuído na razão direta de sua capacidade de trabalho.

O Presidente do Conselho disse expressamente isto:

"Nós prometêmos equilibrar o orçamento do Estado; nós devemos a todo preço realizar essa promessa. Si a economia da nação se desmorona, tudo o que vive da nação sofrerá a mesma sorte".

A eloquencia das cifras

Em cinco meses de trabalho, o govêrno fascista realizou em proveito da nação as economias seguintes:

	milhões
Abolição da Guarda real	285
Orçamento das Estradas-de-ferro	280
Orçamento dos trabalhos públicos	221
Redução das despesas militares	152
Gestão dos Corrêios, Telégrafos e Telefones	101
Juros das dívidas que seria preciso contrair para fazer face ao antigo desiquilíbrio orçamentário	100
Melhoria efetuada no Ministério das Finanças e no corpo da Guarda Real das Finanças	75
Serviços para as Terras liberadas	61
Redução das despesas do Ministério da Indústria, Comércio e Trabalho	43
Redução das despesas do Ministério do Interior	33
Redução das despesas da Instrução pública	29
Redução das despesas da Agricultura	23
Redução das despesas da Justiça	23
Redução das despesas das Colônias	14
Redução das despesas dos Negócios Estrangeiros	3
Redução de despesas diversas	10
Redução na compra do fumo	78
Abolição do monopólio dos fósforos	65
Total . . . . 1 bilião	596

Esta formidável economia foi obtida sem que atingisse no mínimo siquer a bôa marcha dos serviços essenciais do Estado e sem que a sua reorganização se tenha traduzido por um retardamento qualquer.

Em resumo, na época em que o Rei confiou a Benito Mussolini a missão de governar a Itália, o passivo cifrava-se assim, *em milhões*:

Passivo oficial 3.558
Passivo real 3.586
Passivo presumido (por gastos não incluídos no orçamento) 4.000

Em maio de 1923, as cifras eram as seguintes:
Passivo oficial 2.616
Passivo real 1.187

A melhoria orçamentária oficial é pois de 942 milhões, a melhoria real é de 2.339 milhões e a melhoria relativamente ao passivo presumido é de 2.813 milhões.

A Itália espera de uma reorganização geral européia a liquidação de suas dívidas em face da Inglaterra. Ela está decidida a honrar a sua assinatura em relação á América, mas ela pede-lhe facilidades proporcionais ás facilidades consentidas á Inglaterra.

Breve, a situação econômica estará sensivelmente melhor. O "chômage" diminue, a balança comercial acusa um progresso manifesto; a circulação fiduciária tende a decrescer; o curso das ações sobe; o tráfico das estradas-de-ferro também aumenta, e o número de falências readquire o ritmo normal dos períodos de liquidação das crises.

Monopolios de Estado

A abolição do monopólio dos telefones é já um fato virtualmente realizado. Essa medida tão freqüentemente reclamada, considerada, estudada em outros países, porém, nunca resolvida, nun-

ca realizada, um homem enfim a aplica e ninguem com isso se sente prejudicado.

Da concurrência nascerão forçosamente o aperfeiçoamento do aparelhamento e a diminuição das tarifas. O cidadão só poderá ganhar e o Estado nada perderá, sendo dado que ele será sempre o árbitro das concessões, o dono dos contratos. Arrendando a alto preço o solo das cidades aos instaladores de cabos, ele estará rigorosamente em sua função nacionalista; ele explorará o terreno da nação para o maior proveito do Tesouro da nação, e subtrair-se-á ás dificuldades puramente comerciais que ser-lhe-iam difíceis de transpor e incompatíveis com a sua dignidade.

Essa renúncia aos monopólios deve acarretar, rápidamente, o fim do funcionalismo; mas por penoso que isso seja aos partidários da "aurea mediocritas", nada é mais desejável para um povo ativo e ambicioso. Todo funcionário, eximindo-se á luta pela vida, priva o país de um esfôrço individual, tira-lhe um pouco do seu valor combativo, separa-se, em uma palavra, do "feixe" comum. A segurança é a imagem da imobilidade, da morte; a inquietude, ao contrário, é o movimento, eixo da vida. Que cada cidadão desenvolva em si o senso das responsabilidades, e esse tormento coletivo engendrará uma expansão salutar de que o nacionalismo será acrescido e fortificado.

Mussolini vê, certamente, muito longe, abolindo os monopólios de Estado: ele não pretende nada menos do que destruir o parasitismo de que sofre a árvore nutridora do orçamento.

A reforma eleitoral

Ao mesmo tempo que o chefe do Fascismo, muito preocupado em não deixar que se alterasse o prestígio deste último na massa popular, tinha o cuidado de reprimir, a propósito, certos excessos do poder, certos erros de seus melhores partidários; ao mesmo tempo que ele restituía ao exército regular — um tanto constrangido pelas milícias dos "Camisas negras" — a preeminência que lhe é devida, ele estudava ativamente a reconciliação de seu partido com as fórmas parlamentares; em outros têrmos, para instalar-se sólidamente em Montecitório, ele preparava a refórma eleitoral.

Elaborada pelo sub-secretário do Interior, sign. Acerbo, o texto da nova lei eleitoral estipula que a Itália, dividida em 18 regiões, não deve formar de fato sinão uma única circunscrição. Os dois terços das cadeiras, isto é, 356 lugares sôbre 535, serão atribuídos ao partido que obtiver a maioria dos votos. Os 179 lugares complementares se distribuirão pelas minorias, de acôrdo com as regras da representação proporcional.

O plano de Mussolini aparece aqui com toda a franqueza; contando com o triunfo do partido fascista na batalha eleitoral, ele põe em ação os meios de exprimir-lhe o máximo de resultados.

Essa minoria é certa, pois que a chegada do Fascismo ao poder determinou a desagregação dos outros partidos. Os conservadores e os nacionalistas, assim como os liberais da direita, a ele se ligaram. Os liberais da esquerda, representados pelo senador Albertini, fazem ainda algumas reservas de princípios, mas a imprensa liberal parece inteiramente favorável ao govêrno. Quasi que não se encontra uma crítica séria contra Mussolini e os seus, nem na "'Stampa", nem no "Mondo", nem no "Corriere della serra".

Que dizer dos socialistas, sinão que eles perderam toda conexão entre si! Aliás, não se deve esquecer que o Fascismo tendo uma sólida base sindicalista, muitos socialistas a ele aderiram com toda a naturalidade.

Resta o partido popular no sêio do qual acaba de se produzir a cisão ruidosa que lhe retirou os melhores membros e a maior parte da sua influência. Amputado desta maneira, reduzido aos sectários e aos demagogos que rodeiam Dom Sturzo destronado, ele é pouco de molde a fazer face, perante as urnas, ao colosso fascista.

Enfim, o tão experto e tão sagaz Gioliti, não exprimiu de maneira implícita, tudo dizendo sem dizer muito, que ele não recusaria, havendo ocasião, prestar a sua colaboração á política fascista? E o Vaticano não deu a sua aquiescência ao sucesso do Fáscio, delegando o decano do Sacro-Colégio, cardeal Vanuteli, ao casamento de Finzi, Sub-Secretário de Estado do Interior e um dos principais tenentes de Mussolini e sobretudo impondo ao padre Sturzo o seu afastamento de secretário geral do partido popular?

A reforma dos codigos

Por outra, o ideal de Mussolini é restituir á moral pública a sua rigidez romana. Vê-se-lhe a prova nas declarações pronunciadas da tribuna pelo Ministro da Justiça Oviglio, relativamente ao projeto de lei sôbre a reforma do Código civil. A restauração familiar aí é objeto de um estudo penetrante; o novo texto reage com uma fôrça singular contra o relaxamento do liame conjugal e não teme preconizar modificações profundas nas leis antigas tornadas inoperantes.

O artigo seguinte visando a indissolubilidade do casamento prevê os "efeitos da ausência" e o

"desaparecimento de pessoa", casos infelizmente freqüentes demais nos povos migradores.

"O ponto mais apaixonante e significativo, diz o Ministro, é aquele que concerne aos efeitos pessoais da ausência e, muito especialmente, da presunção de morte. O argumento torna-se grave si ele é considerado com relação ao segundo casamento que o marido da desaparecida (ou a mulher do desaparecido) pode ter contraído. No caso em que, ao contrato de casamento assinado, opõe-se a sobrevivência da primeira esposa ou do primeiro esposo, quais são os efeitos jurídicos em face do casamento? E' o primeiro casamento que deve valer ou o segundo? Para matar a questão, importa antes fixar de maneira absoluta o princípio da indissolubildade do casamento. Si esse princípio é admitido de uma maneira implacável, as suas conseqüências tornam-se puramente lógicas e inexoráveis. No caso da ausência, a validade será pois o apanágio exclusivo do primeiro casamento: o segundo será considerado como nulo desde a sua origem".

"Assim a necessidade social da indissolubilidade do casamento distancia toda outra preocupação de ordem particular e não se detém mesmo diante da injustiça possível do fato específico. E' evidente que a reafirmação do casamento primitivo pode acarretar toda uma série de iniquidades; mas, estas são bem mais suportáveis que o perigo de fender uma instituição indispensável á estabilidade social.

"Porque si, sôbre esse princípio, crê-se poder transigir e admitir razões de equidade, então, toda solução é impossível nos casos específicos. E, da mesma fórma que se pode resolver no sentido favorável ao segundo casamento, o caso de ausente que reaparece, da mesma fórma pode se

encontrar pouco a pouco o caminho para se evadir do princípio estrito e rigoroso da indissolubilidade matrimonial. Aqui ainda, eu me remeterei á comissão parlamentar que deve concorrer com o Govêrno á elaboração da nova lei; mas, meu ponto de vista é nitidamente desfavorável ás resoluções acomodatícias que, sob um aspeto enganador, abrem o caminho a pretensões bem maiores e bem menos eqüânimes.

"Um outro problema que interessou á Câmara, é aquele da procura da paternidade. Aqui, dois sistemas diametralmente opostos estão em jogo: o Código italiano que proíbe toda investigação (salvo nos casos de rapto ou de violação) e o Código austríaco que autoriza e mesmo mui largamente, a pesquisa da paternidade.

"E' verdade que os efeitos jurídicos dos dois sistemas são diferentes; em todo o caso, deve se resolver este problema: a saber si, á procura da paternidade, deve opor-se ainda o obstáculo insuperável e o exclusivismo do artigo 189 do Código civil italiano.

"A solução desse problema não pode encontrar-se sinão em um sentido liberal. Ha doravante, sôbre esse ponto, a unanimidade dos consentimentos: discute-se apenas sôbre os limites a assinalar na admissão da prova da paternidade.

"Esses limites devem ser determinados pela Comissão parlamentar, segundo os cinco pontos mencionados pelos projetos das leis Scialoja e Meda? Ou bem, deve-se antes, estendê-los a todos os casos em que uma reclamação íntima lá está para estabelecer, de toda maneira, a paternidade? Esta segunda solução é muito perigosa: ela pode, si se adota, mesmo nessa matéria, a extensão ao princípio da cumplicidade recíproca, ela pode fazer-se a iniciadora de toda uma série de es-

peculações á base de "chantage", muito mais perigosas do que úteis ao princípio moral e social, o único que a reforma deve visar".

Relativamente ao casamento, o orador reconhece, como um fato incontestável que, sobretudo nas províncias meridionais da Itália, onde o sentimento unitário da família é muito vivo e constitue sem dúvida uma admirável fôrça moral, a repugnância pela instituição do divórcio é profunda e geral.

"Eu devo acrescentar, diz ele, que essa repugnância é partilhada pelo povo inteiro de toda a Itália. Ela tem as suas raízes na burguesia que trabalha e em toda a parte sã de nosso país. E' um argumento formidável este, contra a instituição do divórcio. Eu não dou importância alguma ao argumento segundo o qual a Itália conserva-se entre as últimas nações do mundo civilizado que repelem ainda o divórcio.

"Essa insistência, essa firmeza de nossa nação é a meu ver, muito estimável, pois ela significa uma maior estabilidade das relações familiares e uma mais elevada concepção do casamento e dos deveres morais que este comporta.

"Não ha motivos para se falar em divórcio: e tão pouco fazê-lo passar de contrabando sob o nome de anulação por causa superveniente.

"A lei, enquanto reguladora de relações familiares, toma um caráter essencialmente publicitário: os interesses privados devem pois, por uma razão, mais do que compreensível, de submissão, ceder-lhe o passo".

A Italia e a Europa

As grandes linhas da política estrangeira do nacionalismo italiano são menos fáceis de traçar, sem que sejam, por isto, imprecisas. A Itália

tem a justa preocupação de obter novos acordos relativamente á situação de Fiüme. Não se pode razoavelmente considerar o isolamento desse porto que arrisca tornar-se pelo jogo das desinteligências, um concurrente para Trieste, enquanto que ele deve ser seu associado. Não se pode admitir, além disso, que Zara não seja reünida ao tráfico adriático. Um dos historiógrafos do Fascismo, Pietro Gorgolini, escreveu mui justamente: "Nenhuma rivalidade deve opor, uns aos outros, os portos das tres costas. Gênova e Trieste, Fiüme e Veneza, Ancona e Bari, têm cada um os seus interesses particulares, mas, Gênova e Trieste, Fiüme e Veneza (e até a francesa Marselha) têm o maior interesse em entender-se e unir-se. Eles devem unir-se para fazer face á concurrência dos portos setentrionais. E, para esse efeito, nós aconselhamos que se funde um sindicato dos portos italianos. No que concerne particularmente á nossa expansão comercial no Oriente, nós pensamos que o Adriático deve dispor de linhas rápidas, efetivamente seguidas por navios nossos, perfeitamente aparelhados e carregados de produtos italianos. Procuremos vender, a despeito de um marasmo universal cujo fim nós é permitido entrever e determinar".

Ha nesta rapida exposição uma preciosa indicação, o incentivo de uma "entente" entre as cidades italo-francesas.

Si acontecer que os tratados sejam revistos, que as discórdias se apaguem, graças a uma sábia política estrangeira das questões econômicas, a esperança de uma fraternização latina cessará bruscamente de ser pura quimera e todas as esperanças serão permitidas.

Em tôrno de Mussolini, entre os Fascistas mais esclarecidos, mais ativos, reivindicações se

levantaram, desde a primeira hora, inspiradas pelo mais nobre patriotismo.

O tratado de Rapalo, apressadamente concluído, separou da Itália, essa margem dalmática que, contudo, é profundamente romana. E' fóra de dúvida que as reivindicações do fascismo não deixarão á Europa repouso algum, enquanto as comunas dalmáticas não se tornarem novamente italianas. E a jovem Itália não pode deixar de pensar que a Albânia é rica de jazigos e minerios, de que a sua passagem aí deixou traços profundos. Ela teria desejado lá exercer uma influência benéfica.

Quanto á italianização do Alto Adige, pode-se considerá-la como um fato líquido, a despeito das diplomacias opostas. Mussolini não tem, nada de nada, a intenção de desalojar-se do Brener, mas, bem ao contrário, ele tenciona alí se infiltrar mais profundamente. Além disso, as homilias do Presidente Wilson, tão fatais aos interesses italianos, nada mudaram: as nações mais ou menos lesadas pelo tratado de Versalhes têm bem o direito de lembrar que, no dia em que o Imperador da Austria, Francisco José, decidiu anexar a Bósnia e a Herzegovina, essa escamoteação pura e simples das duas regiões livres indignou tão pouco o mundo que, é justo que se tome nota disso.

Mas o próprio Mussolini, por seu importante discurso de 9 de Junho de 1923, teve o cuidado de determinar com toda a exatidão desejável, a atitude do seu govêrno na política européia.

"Salvo no que concerne ás fronteiras que ela conquistou, disse ele, a Itália foi excluída nos tratados de paz, das vantagens econômicas e coloniais. Os pactos solenes assinados no curso da

guerra estão sempre em vigor, eles não foram substituídos por outros, e a situação de inferioridade imposta á Itália pesa ainda grandemente sôbre a economia de nosso povo. Precisamos, agora, reconquistar o tempo perdido.

"Desde o mês de outubro, a situação melhorou notavelmente; todo o mundo sabe que a Itália entende seguir uma política de salvaguarda enérgica de seus interesses nacionais: ela quer estar presente onde quer que os seus interesses vitais estejam em jogo; mas, ao mesmo tempo, ela é favorável a uma ação política de ordem geral tendente a normalizar o mais rápidamente possível a situação do continente. E' de um interesse primordial para a Itália apressar a regulamentação pacífica da crise européia.

"Essa crise, desde o tratado de Versalhes, está dominada pela questão das reparações. Em face desse problema, a situação fundamental da Itália é a seguinte:

1.º A Alemanha pode e deve pagar uma soma que doravante parece universalmente precisada e que está bem longe das várias centenas de biliões de que se falou no dia seguinte ao armistício;

2.º A Itália não poderia tolerar modificações ou transtornos de ordem territorial podendo conduzir a uma hegemonia na ordem política, econômica e militar;

3.º A Itália está disposta a suportar a sua quota-parte de sacrifícios, si isto é necessário para a reconstrução da economia européia;

4.º O Govêrno italiano sustenta hoje mais do que nunca, sobretudo em face da última nota alemã, que o problema das reparações e o das dívidas inter-aliadas européias são íntimamente conexas e, de certo modo, interdependentes.

"Não ha dúvida de que a ocupação do Rur

tenha tornado extremamente aguda a crise das reparações. Deve-se precisar em suas linhas principais os têrmos dos projetos italiano, inglês e alemão para ter o quadro da situação em suas coíncidências e diversidades, e deduzir algumas previsões sôbre a possibilidade de um acôrdo. Para isso, será preciso tambem explicar porque, em París, a Itália não pôde aceitar o projeto de Bonar-Law e porque ela teve de recusar o recente memorandum Cuno-Rosemberg.

. . . .

A dívida capital alemã que, nos projetos ingleses e italianos, é fixada na cifra de 50 biliões, é reduzida no projeto alemão a menos de um terço. E' difícil, sinão impossível, determinar, em um tal projeto, a parte italiana e o sacrificio que se pedia á Itália. Em face das solicitações vindas dos diversos lados, sobretudo da parte da Inglaterra e da Itália, a Alemanha reconheceu insuficientes as suas proposições, e, ontem á tarde, o seu embaixador Neurath, apresentou-me uma nova nota alemã, sôbre o conteúdo e a natureza da qual eu não posso me pronunciar, por uma razão evidente de reserva, pois uma ação diplomática entre aliados vai-se travar e prosseguir. Eu limitar-me-ei sómente a dizer que, na nota alemã, não se pede mais, "para tratar", a evacuação preventiva do Rur, o que poderia deixar crer na renúncia, pela Alemanha, da resistência passiva, cuja utilidade, mesmo para a obtenção dos fins alemães, parece cada vez mais duvidosa, e cujo término seria proveitoso para uma mais rápida solução.

"Mas, o problema das reparações não é sómente franco-alemão, ele é tambem húngaro, búl-

garo e austríaco. E' útil definir a situação relativamente a estes tres países ex-inimigos.

"O total das reparações húngaras, que não foi fixado pelo tratado de paz dito de Trianon, não foi ainda determinado pela Comissão das Reparações, e a Húngria, até o presente, não nos tem feito sinão fornecimentos limitados em natureza; o govêrno húngaro, denunciando as suas graves condições econômicas, considerou recentemente a necessidade de um empréstimo no estrangeiro que, para ter bom êxito, deveria ser garantido sôbre a alfândega, o monopólio dos tabacos e, na ocurrência, sôbre outras fontes. Era preciso para isso que esses recursos estivessem livres do encargo da reparações.

"A Itália julgou indispensável conceder á Húngria a liberação temporária de algumas fontes de renda, afim de que ela possa prosseguir em sua restauração econômica mediante um empréstimo estrangeiro.

"A Itália foi, em princípio, favorável ao pedido húngaro, de acôrdo, nisso, com a Inglaterra. A Comissão das Reparações aceitou a tese francesa e da Pequena Entente, tendente a não opor-se ao pedido inglês de suspensão temporária dos previlégios sôbre os recursos húngaros necessários para garantir os empréstimos autorizados, mas a não conceder essa facilidade sinão com a condição de que uma parte do produto do empréstimo seja destinado ás reparações. A Itália e a Inglaterra acreditaram não dever aderir a essas condições, pois os emprestadores estrangeiros não teriam consentido na operação si o produto não fosse destinado únicamente á restauração econômica do Estado devedor. A Comissão das Reparações decidiu enviar á Húngria uma comissão para constatar "in loco" a situação eco-

nômica e financeira do país. Nesse interim, é possível que a Comissão das Reparações possa examinar algumas transações complementares.

"A respeito das reparações búlgaras, a Itália, a Inglaterra e a França concluíram um acôrdo com o govêrno búlgaro para facilitar-lhe o pagamento de sua dívida, fixada pelo tratado de Neuilly. O acôrdo foi aprovado pela Comissão das Reparações, sob reserva de nossos direitos para o reembolso das despesas do exército de ocupação.

"Negociações para o regulamento de nosso crédito estão em curso com o govêrno búlgaro.

"No que concerne á Austria, o govêrno italiano, com os governos signatários dos protocolos de Gênova de 4 de Outubro de 1922, empregou-se em obter que o empréstimo a favor da Austria fosse pronta e largamente realizado.

"Adiando a percepção das reparações austríacas e dando-lhes a sua adesão a um concurso direto de empréstimo, a Itália quis oferecer o seu apôio á integridade territorial da Austria.

. . . .

"A Conferência de Lausane, que retomou os seus trabalhos a 23 de Abril, avança lentamente através sérias dificuldades resultantes da delicadeza e da complexidade das questões que ela deve examinar. A ação da delegação italiana foi sempre marcada por uma plena objetividade e a sua eficácia foi reconhecida e apreciada em seu justo valor. A Itália deve estimar como sendo de seu interesse vital, o retôrno á situação normal, a liberdade do comércio no Levante, o desenvolvimento econômico e o progresso cívico de todos os povos que habitam sôbre as margens do Mediterrâneo oriental. Bem que todas as ques-

tões não tenham sido ainda resolvidas em Lausane, tem-se contudo obtido uma solução satisfatória para algumas daquelas que interessam o nosso país. A reserva do govêrno de Angora sôbre a atribuição á Itália da ilha de Castelrosso, cuja possessão pela Itália não podia justificar o temor de desígnios agressivos em face da Turquia, foi retirada. Nossa bandeira continuará a proteger, no futuro, a população que se nos confiou. Para nossa marinha mercante que, por uma tradição secular, tem os maiores interesses nos mares do Levante, onde ela contribue para o desenvolvimento do comércio da Turquia, pôde obter-se desta que, durante dois anos, os direitos adquiridos pela cabotagem ao longo das costas desse Estado, sejam respeitados.

A emigração

Uma das principais preocupações da política estrangeira italiana é, nós o repetimos, a emigração. Atualmente, os Italianos, forçados a se expatriar, perdem contato com a mãe-pátria, não a respeito dos sentimentos que, neles, são extraordináriamente vivazes, mas sob o ponto de vista cívico. A previdência fascista considera que ha, na emigração, todos os elementos de uma fôrça enorme, que, si se consegue multiplicar as relações entre os Italianos de fóra, estimulá-los na defesa de seus interesses e de seus direitos, seguí-los de tal modo que eles sintam-se sustentados e protegidos, formar-se-á assim um bloco, uma massa densa, homogênea, eminentemente aproveitável ao progresso da influência italiana. Um indivíduo inglês é toda a Inglaterra, e quem o molestar corre o risco de atrair, sôbre si, graves sanções. Um "american citizen", seja ele um pária, recebeu a missão de fazer respeitar, por toda a

parte, o pavilhão estrelado . . . Esse exemplo deve ser imitado; é preciso que a dignidade italiana em terra estrangeira seja defendida por todo Italiano, como um bem pessoal. Assim chegar-se-á mui rápidamente a uma elevação da idéia nacional, o que é em suma, a melhor propaganda, com a condição, bem entendido, de não cair em excessos de gloríola, nem em erros de ambição.

A orientação perigosa

Por um ressentimento dos mais compreensíveis em face da Entente, certos fascistas não escondem, em seus propósitos, em seus escritos, que o govêrno de Mussolini não seria hostíl a uma aproximação com as nações da Europa central, Austria, Alemanha, Bulgária, Turquia, Húngria. Nós não cremos que seja preciso discernir nessa "prevenção" outra coisa que a expressão de um legítimo despeito. Pois a nova Itália tem mais o que fazer do que estender as mãos a povos cujas voracidade e ferocidade são legendárias. Admitindo mesmo que eles estejam curados disso — o que é bem pouco provável — essa cura seria muito recente ainda para inspirar já uma confiança absoluta ao povo italiano.

Além disso, a Itália vitoriosa tem consigo mesma, o dever de procurar associações mais difíceis de realizar. Que as potências humilhadas se aproximem e tentem unir-se, está na ordem lógica . . . Mas que um povo vencedor ofereça aos vencidos o apôio de seus hombros, é um êrro psicológico. Certamente, entre nações devem-se evitar atitudes por demais distantes e propícias ás menores vexações; os mais fortes rancores se apaziguam, o tempo aplaina as mais vivas asperezas. Mas deve-se, não menos, temer os impulsos temerários. E isso me reconduz á obra con-

siderável com que eu entretive o próprio Mussolini e que recebeu a homenagem de toda a sua atenção.

Por uma Federação panlatina

Numerosas personalidades notáveis, cuja opinião é lei em economia política, preocupam-se com a ação cada vez mais soberana que exercem sôbre o comércio do mundo os grupamentos germânicos e anglo-saxônios, e deploram a inércia dos países latinos, passivas testemunhas dessa expansão inquietadora. Enquanto que a França e a Itália, a Espanha e o Portugal observam um em face do outro uma expetativa estéril e se deixam dividir por questões de sentimento, outras nações, as mais ambiciosas, as mais prolíficas, não ligam importância alguma aos sentimentos de simpatia, ao lado amoroso das coisas, tão preponderante nos Latinos, e não hesitam em passar por cima dessas bagatelas platônicas para dedicar todos os seus cuidados ao único valor durável, isto é, aos negócios. E' assim que a Inglaterra e tambem os Estados Unidos, totalmente indiferentes ao gráu de afeição que eles possam ter pela Alemanha e a Rússia, não desejam sinão retomar com estes últimos um tráfico proveitoso a seus interesses. Um cliente não é necessáriamente um amigo: pouco importa que nossos fornecedores nos detestem ou nos estimem... Na verdade é uma fórma de espírito toda feminina a que coloca a amizade, sinão o amor, no primeiro plano das relações internacionais. A esse respeito, a França e mesmo a Itália testemunham de uma sensibilidade singular, que, por ser o defeito de sua qualidade predominante, não deixa de ser um defeito e muito grande.

Na reconstrução da Europa, esse tema de tan-

tas alocuções, conversações e interpelações que só têm dado em puerís alaridos, ha contudo coisa melhor a fazer do que mercês. O tempo que nós passamos em disputas de precedência, em colóquios recheiados de palavras sonoras, as multidões taciturnas do Norte, mas tão ativas, utilisam-no em vender e comprar. A vender a seus inimigos de ontem que são os seus fregueses de hoje e, amanhã, sê-lo-ão forçosamente ainda mais. A comprar a seus antagonistas que voltaram a ser os produtores de matérias de que eles necessitam mais do que nunca. Essas trocas comerciais tornar-se-ão cedo ou tarde relações mais estreitas. Essas relações imporão acordos, esses acordos, tratados de comércio e esses tratados, alianças. Então, o amor lançará aí o seu cimento si lhe aprouver... e isso só fará mais sólido o edifício. E vós, Latinos sentimentais, que tereis feito? Nada!... E sereis bem forçados a negociar com a onipotência das firmas anglo-américo-russo-germânicas, sob pena de abster-vos de cereais, textís e minerais.

Mas baní de uma vez essas desinteligências: esquecei-as, deixai-as de lado para liquidá-las mais tarde. Adiai a regulamentação do litígio hispano-lusitano, a regulamentação das contestações ítalo-francesas. E que vossos delegados plenipotenciários, escolhidos entre os comerciantes, os industriais, os manufatureiros, os armadores, os agricultores, os banqueiros, entre esses que fazem o dinheiro e não aqueles que observam-no fazer, que esses delegados se encontrem longe dos parlamentos e dos parlamentares e se concertem sôbre o meio de associar a produção da Itália, da França, da Bélgica, da Espanha, da Rumênia, de Portugal, da América e da África latinas.

Não, não é impossível! Ha menos abismos

entre a lira, o franco, a peseta, o lei e o escudo do que entre a libra, o dolar, o marco e o rublo. Ora, nós não tardaremos a assistir a arranjos tais que o rublo e o marco se aproximarão do padrão dolar e de sua comadre sterling. Não mais pela virtude provisória das armas, mas pelas ofensivas financeiras, o negócio acabará bem por lançar pontes entre Berlim, Moscóvia, Londres e Nova Iorque. E, nesse dia, o equilíbrio já tão instável das grandes potências será definitivamente comprometido, pois que toda produção se encontrará açambarcada pelos povos donos.

Ao contrário, que a Federação panlatina entre em via de realização, que Roma, París, Bruxelas, Madrí, Lisbôa, Bucarest sejam as seis agências de um banco gigante, eis instantâneamente o equilíbrio restabelecido. Linhas ferroviárias, linhas marítimas, entrepostos, usinas, sem abandonar nem o seu pavilhão, nem a sua autonomia administrativa, funcionam em um sentido determinado pela Federação. Um organismo central permanente, subdividido em comitês, arrasta toda a atividade latina para a superprodução comum... E' em suma, uma outra Sociedade das Nações que se trata de fundar, não uma custosa e vã burocracia como a de Genebra, mas antes uma forte organização de trabalho pacífico e produtivo.

O plano dos "8 B"

Um exemplo a propósito desta última: antes que a grande guerra deflagrasse, a Alemanha tinha empreendido, sem disso dar notícias a ninguem, uma vasta consulta internacional entre os países com os quais a Wilhemstrasse acreditava poder contar, para a creação de uma rêde de caminhos-de-ferro cuja cabeça fosse Berlim e que

envolveria com seus tentáculos, a Suíssa, a Austria-Húngria, a Rumênia, a Bulgária, a Turquia e a Síria. Extremamente popular, esse plano baseado sôbre um empréstimo colossal, teria feito afluir as subscrições; era conhecido sob o nome de Plano dos Oito B, a saber: Berlim, Berna, Budapest, Bucarest, Belgrado, Bizâncio, Beirouth e Bagdad. Que a finança alemã não se tivesse deixado tentar pela aventura guerreira, que ela tivesse prosseguido esse ousado projeto de penetração e, em pouco tempo, a Alemanha e todas as regiões atravessadas pelo "rail" contraíriam uma verdadeira garantia de prosperidade.

Relações regulares estabelecer-se-iam entre o mar do Norte e o mar Negro e, cedo, fariam comunicar, por um, todo o centro da Europa, os Bálcans e a Ásia Turca com a América do Norte, e, pelo outro, com a Pérsia e depois com a India. Era, retomado e engrandecido pela Alemanha, o sonho de Napoleão.

A Europa latina

Si adotarmos para a Federação panlatina uma concepção análoga, nós veremos que as cinco nações principalmente interessadas: Bélgica, França, Itália, Espanha e Portugal, desenham um triângulo quasi perfeito apoiado sobre París, Lisbôa e Roma. Uma linha traçada de París a Roma comanda, por Marselha e os portos italianos, todo o comércio com as escalas do Levante, a África e o Extremo-Oriente; uma outra diagonal através a Espanha termina em Lisbôa. E Lisbôa, não esqueçâmo-lo, é o acesso direto ao imenso Brasil e a toda a América do Sul.

Percebe-se logo as conseqüências maravilhosas que poderia acarretar uma entente prévia da Europa latina. Ao bloco inicial viriam soldar-se,

com o Brasil, os outros povos néo-latinos da América: o México, a Argentina e todas essas nações vigilantes do Novo-Continênte: o Perú, o Uruguai, a Bolívia, a Venezuela, cujo zelo pela Latinidade-mãi jamais empalideceu, jamais falhou, mesmo nas horas mais tormentosas. Identidade de raça, estreita analogia de regime, simpatia ardente, tudo concorre para a sua união conosco... Na verdade, a tarefa é formidável, os meios de efetuá-la são delicados, mas, também a matéria é singularmente rica. Nós não fazemos sinão lançar a idéia no papel, como fizeram-no Sully e o padre Saint-Pierre, quando eles sonharam com o Tribunal das Nações. Qualificado de quimera, seu plano começa a receber hoje um semblante de execução... Mas, porque nós temos, do tempo, uma noção bem diferente daquela de nossos pais, nós somos fundados a esperar que será preciso menos de tres séculos para edificar a Federação-panlatina.

A Mussolini, aos homens de boa vontade que o seu exemplo suscitará e que não temerão marchar juntamente com ele, nós dedicamos este projeto grandioso. De resto, não ha, nele, nada de insólito nem de desmedido; repousa sôbre uma fórmula de associação, familiar a todos os sociólogos modernos; substitue os indivíduos pelas coletividades, eis tudo. E, pois que essa concepção só põe em jogo o dinheiro dos povos e não o seu sangue; só o seu interesse e não o seu orgulho, este projeto é realizável; portanto, é preciso realizá-lo.

Ah! si cada uma das pátrias latinas pudesse evoluir súbitamente como acaba de evoluir a Itália, si a política, um pouco em cada parte, cessasse de ser, como o disse Mussolini com o seu sarcásmo terrível "um círculo de polidos anciões

da bôa-sociedade", não haveria necessidade de consultas intermináveis para fazer da Federação panlatina uma verdade evidente! Mas, á revelia dos políticos de ofício, á revelia dos profissionais do "Pode-ser", do "Quem-sabe", do "Mais-tarde", ha os ambiciosos e os enérgicos, os homens de trabalho, os homens de negócios, os homens novos. Estes poderão ver na exposição da Federação panlatina, mais do que um "Vôo de Ícaro".

A expansão germanica na America do Sul

Tudo o que nós desejamos, é que esses homens de negócios, esses homens de trabalho, não sejam os ávidos e poderosos animadores da Alemanha "soi disant" esgotada. Não é de ontem que os Alemães alimentam projetos de conquista econômica em relação aos países sul-americanos. Em um artigo já antigo nós escrevíamos estas linhas, sempre de atualidade, onde traduz-se a preocupação que nunca cessou de habitar nosso espírito:

"Por formidável que tenha sido a potência militar da Alemanha, ela aparece menor ainda do que a sua potência industrial e comercial. Esta com efeito, radiou-se em todo o universo, enquanto que a ação militar só realizou ganhos verdadeiros na Europa. Acreditar que o princípio essencial da hegemonia germânica está destruído porque o militarismo alemão não existe mais, seria pois uma concepção errônea; sem dúvida, os Aliados não cumpriram até o presente sinão a metade da sua tarefa, pois que os soldados alemães de ontem, apenas tornados á vida civil, serão amanhã outros tantos caixeiros-viajantes lançados á conquista do mundo.

"Nós devemos recusar-nos a admitir, por

exemplo, que os Alemães renunciam prosseguir, nas repúblicas latinas da América, o seu paciente trabalho de açambarcamento em que eles têm sido tão bem sucedidos. Tanto mais apressados em abrir la numerosas saídas para o seu comércio, quanto os mercados da Europa lhes serão momentâneamente fechados, eles dirigirão de preferência os seus esforços sôbre essas regiões longínqüas... Ora, é preciso que assim não seja, é preciso que a potência germânica não se conserve vivaz na América do Sul, é preciso que ela não continue a drenar para lá o seu ouro e o seu pensamento. Mas, que esforços devem-se prodigalizar para arrancar o govêrno da República francesa ás arêias movediças das paixões interiores, para orientar sua iniciativa para o continente sul-americano onde acredita-se, talvez, o misterioso futuro da humanidade.

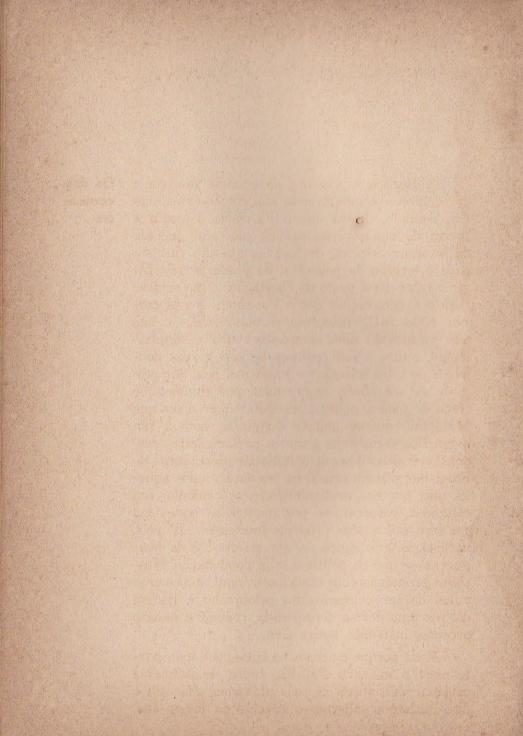
Um ensaio de realização

E, prosseguindo ao nível do terreno das realizações materiais, nós acrescentávamos:

"Seria preciso em primeiro lugar, levar os governos da Entente, logo a paz assinada, a crear uma espécie de "Ofício das relações internacionais" cujo pessoal ativo seria recrutado, não entre os diplomatas, mas entre os manufatureiros e os comerciantes. Enquanto que missões numerosas, compostas de especialistas, e, de técnicos experimentados, seriam enviados a todos os Estados da América latina, com a obrigação formal de se inquirir sôbre as necessidades das nações interessadas, e delas traçar prontamente breves referências para enviá-las sem tardança ao Ofício central, este entraria em relações estreitas com os produtores, de maneira a indicar-lhes os mercados indispensáveis ao escoamento de sua fabricação.

Ao mesmo tempo o Ofício central empenhar-se-ia em obter a organização de linhas de navegação suplementares, providas dos processos os mais modernos, assim como a extensão e a simplificação dos métodos financeiros que, particularmente na França, estão longe da perfeição".

Tal é nossa apreensão: nós tememos que o projeto de uma Federação panlatina seja desrotulado em proveito de alguma raça setentrional e que, sob o pretexto dessa generosa iniciativa, sob o enganador pretexto de pôr em comum os interesses latinos, sejam, na realidade, interêsses alemães ou ingleses, que se beneficiem de um acôrdo interlatino. Si nos fosse dado poder ir de porta em porta, pregar a bôa-palavra, de capital em capital renovar a advertência célebre do velho Catão, nós far-nos-íamos, de bôa-vontade, o peregrino desta nova cruzada, pela salvação da Latinidade geradora de fé, nutridora de gênio, dispensadora de todas as virtudes que têm feito reinar sôbre o mundo, a mansuetude, a indulgência, a doçura de viver.

REFUTAÇÃO

Os descontentes

A Europa espetadora da epopéia fascista e que deixou-a desenvolver-se sem comentários, não tem deixado, depois que o Fascismo assumiu a fórma de um govêrno oficial, não tem deixado de levantar críticas, de levar a questão fascista para o terreno da polêmica, de procurar restringir o valor desse gesto de libertação. Não se deve esquecer, com efeito, que o Fascismo — nós cremos tê-lo suficientemente demonstrado — não tem promovido uma campanha, pura e simplesmente, contra a senil política italiana e suas doutrinas de subserviência: o Fascismo, pela voz possante de seu chefe, empreendeu por completo, o cêrco de toda a política européia: quer dizer que Mussolini, quando parece dirigir-se, com a sua magnífica veemência, a tantos parlamentares responsáveis pelas desordens italianas precursoras do Fascismo, põe em causa, na realidade, todos aqueles que, por sua pusilanimidade, seu cálculo, sua estupidez, esforçam-se por manter os povos em um êrro útil a seus próprios interesses. E' pois, natural, é pois lógico — em resumo: é de bôa-guerra — que os políticos cuja condenação Mussolini pronuncia com tanta autoridade, rebelem-se antes de ser colocados no pelourinho e tratem de, por uma defesa desesperada, reduzir a nada o processo instruído contra eles.

E eis porque de todos os lados, por toda parte onde o monstro Política, hidra de inúmeras cabeças, multiplicou as suas ninhadas, chacotas e ditos amargos salpicam o advento da jovem Itá-

lia. Aqueles que ousam, recorrem ao panfleto; os que temem, contentam-se em articular palavras marcadas de cepticismo e lançar esses epifonemas nos quais se resumem a inveja e o despeito de todos os fracassados em presença do triunfo. Não ha parlamento onde não se ouçam essas sentenças feitas, essas exclamações suspensas, pelas quais os impotentes sabem, tão bem, envenenar o mais puro dos sucessos. Uns vão-se dizendo: "Não nos apressemos em julgar! E' preciso esperar! O tempo não respeita o que se faz sem o seu auxílio!" Outros passeiam da cidade para Côrte uma expressão sarcástica, uma fisionomia velhaca e, nos grupos, repetem á porfia: "E' fantasia meridional! E' um excesso de febre! Não vale a pena se ocupar com tais extravagâncias!"

Seria desperdiçar tempo, refutar argumentos tão inconsistentes, como as bolhas mefíticas que vêm romper á superfície dos pântanos. Porém, mais alto que os Liliputianos da política mundial, encontram-se personalidades de uma outra estatura, dignas de receber, ou bem os esclarecimentos de que necessitam para fortificar a sua religião, ou bem a réplica que elas merecem.

O espantalho liberdade

Contra o Fascismo foi dito: "A Itália está, sim ou não, submetida ao regime constitucional, regime que garante a sua liberdade? Si sim, instaurando a política fascista feita de sectarismo e de violência, Mussolini e os seus violaram a Constituição, sinão na letra, pelo menos em seu espírito. Eles atentaram contra o regime e feriram os cidadãos em seu mais precioso bem, o livre arbítrio. Cedo ou tarde esse excesso dará necessariamente nascimento a uma oposição que, ela pró-

pria, deverá exceder a violência fascista, para desta triunfar. De sorte que o Fascismo sucumbirá finalmente sob os golpes dessa oposição, como todos os govêrnos improvisados com apôio em um movimento de fôrça".

E' facil responder, do começo ao fim, a alegações deste jaez. Primeiramente, os adversários do Fascismo pretendem emprestar a Mussolini intenções nascidas em seus próprios espíritos. Usando uma espécie de figura de retórica singularmente cautelosa, eles pensam descobrir na alma de Mussolini veleidades que este próprio ignora. Onde aprenderam eles que o renovador da unidade italiana tenha a mais leve intenção de atentar contra a Constituição do Reino? Declarar que essa Constituição, ele violou-a em seu espírito, sinão em sua letra, é recorrer a um artifício para atrair a si os irresolutos e os tíbios... Mas todos os espíritos lúcidos, todas as pessoas de bom senso e de retidão sabem convenientemente que Mussolini, sem destruir, em absoluto, o código que rege a nação, limita-se, com toda a autoridade de que dispõe, á banir dele os elementos antiquados, os "impedimenta" que o tornam pesado, as "camouflages" sob as quais, pouco a pouco, o mesmo acabou por desaparecer.

Mussolini fez justiça, uma vez por todas, a essas perfídias, no dia em que pronunciou da tribuna, no meio dos vivas da assistência, estas palavras peremptórias:

"O govêrno não quer abolir o Parlamento. Ao contrário, ele quer melhorá-lo, aperfeiçoá-lo. O Grande Conselho não é a duplicata do Conselho de Ministros; nem é um orgão superior ao mesmo; porém ele se reüne sómente ao Conselho de Ministros. O Grande Conselho do Fascismo é simplesmente um orgão de coordenação e de

transição entre as fôrças responsáveis do govêrno e as fôrças responsáveis do Fascismo.

"Este govêrno, que é apontado como liberticida, foi talvez generoso demais. Quem ter-nos-ia impedido de, em outubro, nos dias da revolução, livrar-nos para sempre de todos aqueles que, abusando de nossa generosidade, tornam agora a nossa tarefa difícil? Mas, nós não quisemos que as "Camisas negras" se manchassem com o sangue italiano.

"O Fascismo é e será ainda por muito tempo um partido formidável. O Fascismo é um movimento sindical que compreende um milhão e meio de operários e camponeses, e que não embaraça de modo algum o govêrno. Massas imponentes de homens que merecem todo o respeito da nação aderiram ao Fascismo: assim a associação dos mutilados e dos inválidos da guerra, a associação dos antigos combatentes aderem ao Fascismo e também as famílias dos soldados tombados na guerra marcham na órbita do Fascismo. O espetáculo que a nação dá é agora satisfatório. Embora o govêrno siga uma política severa, o povo italiano é disciplinado, silencioso, e trabalha. Ele sabe que ha um govêrno que governa; ele sabe sobretudo que, si esse govêrno atinge, com suas medidas, algumas classes da população italiana, não se trata de um capricho, mas da necessidade suprema da ordem nacional.

"Acima dessa massa, ha grupos inquietos de políticos profissionais. Vários govêrnos da Itália, antes do govêrno fascista tremiam sempre diante de um banqueiro ou um jornalista, ou diante do grão-mestre da maçonaria, ou diante do chefe mais ou menos clandestino do partido popular. O govêrno atual é único: ele não conhece outros governos".

Parece bem que sómente os "grupos inquietos de políticos profissionais" de que fala Mussolini, podem chicanar sôbre declarações tão claras.

Será um atentado contra o livre arbítrio do cidadão, reprimir a desordem e a anarquia? Será uma traição ao mandato popular, proteger o maior número contra o menor, defender as virtudes profundas de uma raça, seus altares, seus lares, e suas bandeiras, contra os perturbadores a soldo do estrangeiro? Será ignorância da grandeza de um apostolado, despertar nas conciências o princípio de dignidade, ressuscitar a idéia de Pátria? Não, certamente, e aí está a função principal de Mussolini. Contra uma demagogia turbulenta, forte sómente no tumulto, inexistente no trabalho, experta em destruir, incapaz de construir, ele castigou, em nome daqueles axiomas velhos como a humanidade, que proscrevem da cidade quem quer que aí espalhe o luto e a ruína. O Fascismo não foi sinão a materialização de um sentimento de indignação nacional; não foi Mussolini que levantou a Itália, foi bem antes a Itália que suscitou Mussolini, por um reflexo de toda a sua natureza ferida.

A oposição inevitavel

A eventualidade de uma oposição á política fascista não tem nada de surpreendente e, a esse respeito, Mussolini, provavelmente, não ficará inquieto. Mas, que govêrno pode ter a garantia de viver e durar sem que jamais uma oposição se lhe contraponha? Que se imagine no lugar do Fascismo, não importa que combinação parlamentar ao modelo dos gabinetes Niti, Gioliti, Facta e outros; fosse ele de uma doçura inegualável, pra-

ticasse o servilissimo sistema "nem por um nem por outro", evidenciasse-se, como o Sosie de "Amphitryon", "o amigo de todo o mundo", o govêrno mais emasculado tardaria pouco, a despeito de sua moleza, a ver surgir diante dele uma oposição tão severa como si ele mesmo fosse verdadeiramente agressivo. Com efeito, a oposição é tão inseparável do govêrno, como a noite o é do dia. Não ha pois vantagem alguma em praticar uma política de moderação para não dar motivo ás fações opostas. E, pois que o perigo resta o mesmo, quer se seja enérgico ou poltrão, tem-se todo o interesse em governar antes com nobreza do que com bajulação.

Quanto a depreender-se que o Fascismo está ameaçado de desaparecer por que improvisado á custa de um golpe de fôrça, é própriamente absurdo, atendendo-se a que o regime constitucional, que fez suas provas de duração, não repousa sôbre outra coisa que um golpe de fôrça, tendo nascido de uma revolução.

Elogio da pusilanimidade

"Mas, clamam os derrotistas, não se pode depositar confiança em tal manifestação de audacia! Si a audácia é vigorosa, ela é dominada pela cegueira, torna perigosamente otimista aquele que ela anima, inspira-lhe uma confiança desmedida em seus próprios talentos até o dia em que, cego, ele cái no abismo. Essa queda nada é quando sómente o efêmero triunfador aí sucumbe; mas ela pode retardar o surto de um país, quando um povo todo inteiro paga a falta cometida".

Contra esta invocação á mediocridade, tudo o que é generoso aqui na terra se rebela e protesta. A história do mundo desde o seu início, está ilustrada pela audácia e os audaciosos. Sem essa

virtude maravilhosa, não ha progresso, não ha lucros, não ha vitórias. E' porque, nas épocas de hesitação, audaciosos surgiram e com pulso de ferro agarraram o timão e subiram a corrente dos acontecimentos, é porque alguns seres de energia tiveram a coragem de ousar, que a sorte dos homens tornou-se cada vez menos precária... A audácia é tão necessária a um povo como a um indivíduo isolado: ela decupla as suas fôrças vitais, multiplica as suas faculdades de investigação, acresce o seu potencial... E não era impensadamente que os antigos erigiam um altar á ousadia e ensinavam aos jovens que a fortuna acaricia os audaciosos.

Que importa, além disso, si o triunfador de um instante sucumbe no apogeu de sua obra! De acôrdo com o contraditor, nós dizemos como ele, que a vida de um homem nada é. O que importa, é o edifício que ele deixe após si, é o monumento que ele soube levantar. Já Mussolini se confunde com o Fascismo, e, quando o seu chefe não for mais do que uma recordação, quando Mussolini tiver desaparecido, a nação italiana não terá necessidade sinão de tomar conciência de sua redenção para assegurar ao homem dos "Feixes" a imortalidade.

Mussolini oposto a Mussulini

Mas ha uma acusação mais violenta contra Benito Mussolini e que formulam certos de seus antagonistas; é que o fundador do Fascismo começou por ser um socialista inveterado, que ele esteve entre os mais fervorosos discípulos de Karl Marx, que ele tornou-se nessa escola um polemista venerado da classe operária e o intérprete do proletariado turbulento. "Atualmente, acrescentam os Zoilos do Fascismo, nós vemos que

Mussolini sofreu uma mudança estranha e que o antigo foliculário, o brandão da discórdia, o virulento "leader" do "Avanti" transformou-se em um conservador aferrado, firme sustentáculo da direita e que, novo arcanjo, veda o limiar de seu paraíso aos camaradas cuja confiança, ainda ha pouco, ele soubera captar. Esse belo exemplo de versatilidade, embora não seja raro entre os homens de ação, não faz menos, de Mussolini, um ser sujeito á caução. Nada demonstra, em suma, que amanhã ele não orientará o seu espírito para horizontes novos e que não enganará os seus mais fieis Fascistas volvendo á sua primitiva religião, por pouco que o socialismo, rebelde ao jugo que ele pretende lhe impor, dê-lhe um testemunho de sua fôrça e lhe inculque assim um salutar respeito".

Essa velha acusação de versatilidade merece certamente ser abordada; ela atingiu uma quantidade de homens ilustres, ela é, nas mãos de seus detratores, a arma mais segura e a mais durável. O que se diz hoje de Mussolini, foi dito não sómente de Napoleão I, mas ainda de todos os chefes que partiram da insurreição para terminar no poder. Quando a multidão assiste a essa espécie de geração expontânea que faz repentinamente de um desconhecido o condutor mais popular, ela manifesta sempre alguma surpresa e, sempre, encontra um escarnecedor para demonstrar-lhe que o homem que ela aclama não é digno de suas ovações, sendo dado que ele foi a princípio o contrário do que agora é. Daí a pronunciar chocarreiramente o sentencioso "ad augusta per angusta", só ha um esfôrço de memória. A opinião pública julga muita vez com uma singular severidade essas metamorfoses de que os homens são contudo menos responsáveis do que os acontecimentos. Circunscrevendo em um alexandrino cé-

lebre a definição do "homem absurdo", o poeta foi verdadeiro. Pois a verdade, a despeito dos moralistas, é eminentemente variável, pelo menos em sociologia, pois que a condição do homem é sem cessar perfectível. Nenhuma lei moral exige que o gesto libertador deva ser permanente, em outras palavras, que o estado revolucionário, por isto que ele pode trazer a salvação, instale-se definitivamente e nunca finde. E' perfeitamente legítimo que, vendo a sua pátria em perigo, um homem se levante, provoque um movimento popular, ataque o govêrno incapaz e o derrube. Que os sufrágios designem em seguida os organizadores da revolta para ocupar o lugar dos vencidos, é normal, sinão lógico... Com efeito, a revolta é uma fórma de guerra e tal grande comandante não tem necessáriamente as boas disposições de um grande ministro. Mas passemos: dócil ao voto da nação e, além disso, conciente de sua superioridade sancionada pelo sucesso, eis o agitador promovido a chefe do govêrno. Será ele bastante elementar para estimular seus partidários a redobrarem de excesso? Procurará ele o seu caminho na confusão e no terror? Não, ele tem em abundância o ensinamento do passado, do 1649 inglês, do 1793 francês que, por sua ortodoxia frenética, abriram á reação o mais largo caminho. Seu dever é tornar-se estável tanto quanto ele foi móvel, refreiar os furores assim como ele os excitou. Por que teria ele abatido o govêrno ao qual sucede, si o seu primeiro cuidado não fosse fazer precisamente o que esse govêrno não fez? Porque, em obediência a uma lógica arbitrária e própriamente estupida, mostrar-se-ia ele de uma fidelidade imutável para com os dogmas de seu passado, sem se preocupar, si esses dogmas não mais se enquadravam com as

novas exigências? Este raciocínio não se apóia sôbre nada; de resto, deve-se notar que aqueles que exercem-no de ordinário com o maior rigor, aqueles que articulam com mais ênfase a palavra "versatilidade", são os mesmos que reprovam ás antigas classes dirigentes o não terem sabido adaptar-se ás condições post-revolucionárias, tal a nobreza francesa vinda de Coblentz após 1815 e que, segundo o dito de Taleirand, não tinha "nada aprendido, nada esquecido".

Adaptação por conseqüência, e não versatilidade, adaptação que faz do homem de Estado o auxiliar e o guia do acontecimento, no sentido da tradição, como a estaca firma e mantém o ramo no sentido da natureza. A ciência de governar é certamente feita de previdência, mas previdência não equivale á divinação; ora, a política é toda conjetural. Estar pronto para tudo é ainda a melhor fórmula; ela significa que o político responsável da salvaguarda de uma nação tem o dever estrito de conduzir essa responsabilidade como ele a entende, de derrubar os protocolos, em uma palavra de dar a seus próprios antecedentes o desmentido mais formal, si o seu passado está errado e si o seu presente que, só, importa, que, só, é a vida imediata, tem razão.

O espetro da reação

"Seja! exclamarão os eternos contraditores, nós concordamos em que a ditadura de Mussolini tenha sido levada por correntes puramente nacionais e para fins eminentemente nacionais. Não impede que a ditadura, em si, represente um abandono das liberdades tão penosamente conquistadas pela democracia italiana no curso de sua História. Essas aquisições, ei-las pois por agua abaixo! Todas as conquistas realizadas pela

Itália para sua libertação, todos os resultados de sua paciente política durante um século, com que direito aniquilá-los com uma regressão tão repentina? Mussolini volta em suma, á doutrina cesariana, á autocracia que não admite nem controvérsia, nem constrangimento, nem crítica. Ele o disse a quem quis ouví-lo: ou comigo, ou contra mim! Um semelhante autoritarismo reconduz a Itália ao despotismo dos tempos idos".

Autoritarismo e Autoridade

Antes de tudo conviria que se definisse este termo: autoritarismo; não nos deixemos enganar na polêmica e compreendamos que o têrmo de autoritarismo não é sinão a deformação pejorativa do têrmo autoridade. Êste é que é o bom e Mussolini não se excusa de usá-la largamente. Mas, em que essa obra de autoridade atentaria contra o patrimônio moral da Itália? Lede os seus discursos, os seus escritos, homens de pouca fé que sentiz um prazer satanico em fantasiar os mais generosos transportes! E' justamente porque perturbadores se encarneciam em poluir a dignidade italiana e sua nobreza e sua bravura, é porque a Itália, entre as suas mãos sacrílegas ia tornar-se alguma coisa de informe, uma balbúrdia cosmopolita e não mais uma nação, um bando e não um exército, que ele teve de reagir com uma fôrça soberana. Isso fazendo, ele exaltou pois a idéia de pátria, a idéia de civismo, a idéia de trabalho, enfim a idéia romana. Vós o acusais de arbitrário, para defender a anarquia; vós hipnotisai-vos com a velha fórmula dos direitos do homem, com o lema da independência de opinião, e vós consentireis assim no morticínio da coletividade, contanto que o indivíduo conserve, sã e salva e intangível, a liberdade de dizer e de fa-

zer tudo o que lhe pareça bom. Mussolini a quem reprovais de ter esquecido tão depressa o seu socialismo inicial, demonstra-vos que ele não o repudia em absoluto, pois, esse sacríficio do interesse particular em proveito do interesse geral, foi nos melhores autores do partido que ele tomou-lhe a noção, de sorte que a destruição, por ele, de uma minoria turbulenta em favor de uma maioria ameaçada, é socialismo e do melhor.

Não se tem pois o direito de pretender que a política moderna da Itália inflija um desmentido á sua política antiga. De fato, nada variou, nem as idéias, nem os homens. Só os anos que seguiram imediatamente o armistício apresentaram, na Itália, aos olhares da Europa, um aspeto de incerteza. Si deve incriminar-se uma política, é aquela que exerceram em seguida á guerra, ministros incapazes, insuficientes ou indignos. Si o Reino da Itália mostrou, algum tempo, uma fisionomia inquieta, a falta é dos gabinetes que se sucederam de 1919 a 1922, e foi precisamente em razão dessa incapacidade escandalosa, que a nação italiana, reconquistando-se de repente, produziu um homem suscetível de ajudá-la, com mão firme, a prosseguir a sua ascensão.

Esperar antes de julgar

De resto, que importância pode ter, na ordem dos fatos materiais, o choque mais ou menos retumbante das palavras? Em lugar de industriar-se em encontrar vocábulos para defender, atacar, explicar Mussolini, valeria mais esperar em silêncio e medir no trabalho realizado a qualidade de sua intervenção. Sómente quando o govêrno de Benito Mussolini tiver, por provas abundantes e renovadas, mostrado o que vale, forne-

cido á crítica uma copiosa massa documentária, levantado um edifício, é que será lícito empreender um semelhante exame. Até lá, todas as reservas devem ser feitas; o menos que se possa exigir das coalisões adversas, dos fracassados dos antigos "clans", dos vencidos das antigas batalhas, é o silêncio na falta do respeito.

O Fascismo visto de muito longe

Cansados de disputar contra o próprio Mussolini, alguns, entre aqueles que não o amam e sobretudo que não amam a Itália, lembram-se de perguntar em altas vozes nos corredores diplomáticos si verdadeiramente o Fascismo é tão magestoso como se diz, si esse movimento popular não ultrapassou os limites... "Afinal de contas, de que perigo a Itália estava ameaçada? Um punhado de gritadores milaneses, alguns camponeses excitados desenharam, um belo dia, uma espécie de gesto agressivo e invadiram, os primeiros, duas ou tres usinas, os segundos, os pedaços de terra a que estavam de guarda. E' isso muito pouca coisa para pronunciar-se o nome de Revolução; a agitação italiana foi muito curta, pouco sangrenta; ela reduziu-se a uma troca de pancadas entre jovens ambiciosos e políticos cúpidos... Fez-se grande ruído por pouca coisa e esse mínimo acontecimento nunca teria adquirido a reputação de que se beneficia a estas horas, sem o concurso do sol italiano, da exuberância meridional, da encenação dos "camisas negras". Imprudente quem não percebesse a miragem e não restituísse ao Facismo as suas justas proporções".

Nisto reside talvez a insinuação mais pérfida que possa artícular a fação oposta ao desenvolvimento do Fascismo. Uma propaganda que

põe todos os seus esforços em amesquinhar um movimento nacional é uma propaganda criminosa. Nos países de liberdade testemunhou-se sempre uma estima profunda aos povos, quaesquer que eles fossem, amigos, inimigos, indiferentes, que sacudiam um despotismo e lançavam as bases de sua independência. Em França, notadamente, sempre entusiasmaram as belas revoltas, as cóleras generosas, as insurreições populares obedecendo a um sentimento nacional... A Grécia teve a sua hora, a Irlanda teve a sua e a Polônia e o Transval e, enfim, a Itália... mas a Itália de 1858!

O entusiasmo seria apenas uma moda?

Porque pois a Itália de 1923 não encontra, nos espíritos, essa febre magnânima, essa expontaneidade que reunia em torno dela, ha sessenta e cinco anos, todos os pensadores, todos os artistas, todos os poetas e quasi todos os povos? Como é que a campanha da Itália conduzida por Vítor-Emanuel II e Napoleão III, com exércitos muito pouco consideráveis e armamentos puerís contra uma Austria de opereta, como se explica que essa campanha da Itália esteja revestida hoje de um tal prestígio e tenha na história do século XX, um lugar tão preponderante, enquanto que o Fascismo não provoca em certos grupos sinão caretas dubitativas e mesmo levantamentos de ombros. Na verdade ha nisso, para o historiador filósofo, matéria para estranhas meditações sôbre a mobilidade do espírito humano. A moda quis que, sob o Segundo Império, se fosse mais italiano do que seria natural; mas, sob a Terceira República, o cepticismo fez progressos tão desastrosos que não se encontra mais a fôrça para se inflamar por uma bela causa.

Onde estás Garibaldi cujo nome era a fanfarra de toda uma juventude, Garibaldi que fizeste fremir de alegria e de orgulho o sensível Bairro Latino! Expedição dos Mil. Conquista do Reino de Nápoles, onde estais? Não havia café literário, ha uns sessenta anos, sôbre a margem esquerda do Sena, que não retinisse de aclamações a propósito do patriota niciano e de seus voluntários de camisas vermelhas. Pois, quando Garibaldi veiu oferecer a sua espada á França invadida, seu nome, em todos os corações franceses, foi sinônimo de bravura e de abnegação. Meio século se escôa; o teatro do mundo é sempre o mesmo e tambem o cenário, mas a luz mudou. D'Anunzio lança a Itália na guerra, ao lado da França, contra o inimigo triunfante de 1870; depois, um dos intervencionistas da primeira hora se alça até á missão de regenerar a pátria infestada pelo tumulto subvencionado pelo estrangeiro. Espetáculo esplêndido na verdade, espetáculo feito bem para levantar a juventude francesa de 1920, digna herdeira dos entusiasmos antigos... Êrro profundo! Os filhos daqueles que saudavam com vivas o nome de Garibaldi, acolhem o nome de Mussolini com menêios de cabeça; os continuadores dos homens que choraram vendo combater os Camisas Vermelhas, não prestam sinão uma atenção fugidia aos Camisas Negras e a seus feitos.

Os arbitros

Apressêmo-nos em dizê-lo, a élite é nisso muito mais responsável do que a multidão, pois a multidão é toda ela confiança e crê no que lhe dizem. Infelizmente, em grande numero de jornais, em França, na Inglaterra mesmo, a rubrica

de política estrangeira é redigida um pouco como uma crítica, de um estilo bem diferente e um pouco inclinado á ironia. Resulta disso uma certa afetação em não tomar a sério os acontecimentos que se passam além das fronteiras. Tem-se a impressão de que as outras nações — exceto duas ou tres — não existem sinão no estado de comparsas e não têm importância alguma. Esse método jornalístico de julgar os negócios da Europa apresenta o duplo inconveniente de instruir muito mal os leitores e de ferir gravemente a suscetibilidade dos estrangeiros. Seria de desejar o emprêgo de processos de exame mais equitativos, porém, ha poucas probabilidades de que uma tal evolução se processe.

A legenda e a Historia

Disso não resulta menos que espíritos mesquinhos recusem á Itália essa beleza de esfôrço, essa nobreza de revolta pelas quais o mundo se apaixonou de boa vontade ainda ha pouco, quando ele as constatou alhures.

Forçoso é pois restituir ao Fascismo a sua verdadeira atmosfera, e, por isso, tomar o exemplo mais admirável que seja, o mais augusto, aquele da Revolução Francesa. Deus sabe como aquela tormenta nos aparece vasta hoje; nós temos a impressão de que um ciclone percorreu a Europa, fazendo tremer os tronos sôbre as suas bases, e a Covenção semelhante a uma montanha de luz, domina esses tempos sobrehumanos. Pois bem, ha nisso um singular efeito de "perspetiva ao contrário"; os acontecimentos, nos quais sossobrou o século XVIII cresceram á medida que nós nos distanciâmos deles. Pois, para os contemporâneos, a Revolução não ultrapassou o círculo de algumas grandes cidades. A vinte e

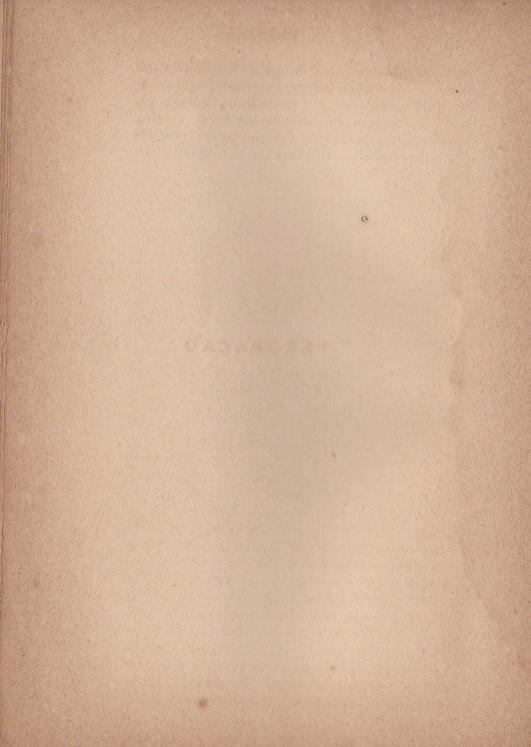
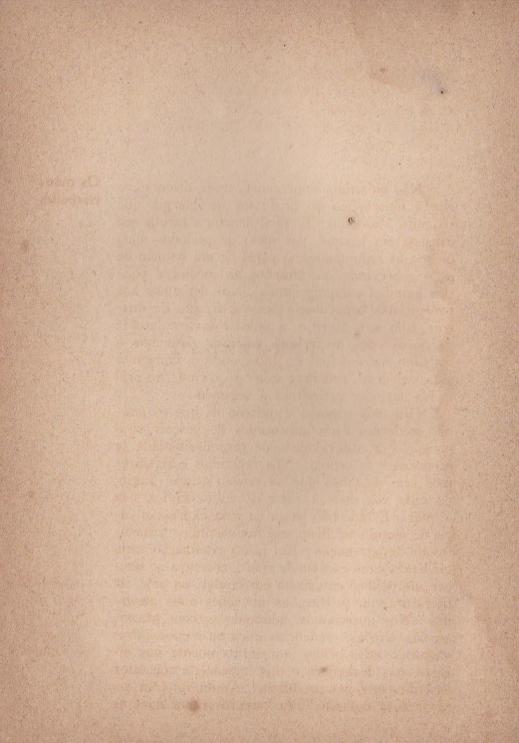
cinco léguas de Paris, os campos ofereciam o mais pacífico aspeto: fóra alguns editais no muro da Prefeitura, fóra a visita pomposa de um enviado do Comitê de Salvação Pública, nada testemunhava que o govêrno do Rei tinha cedido lugar á vontade popular e, o que os camponeses viam de mais claro naquela transformação do regime, era a desapropriação das grandes propriedades tornadas Bens Nacionais. O mesmo aspeto nos é oferecido pela Rússia onde o movimento soviético só exerce as suas crueldades em Moscóvia, Petrogrado, Odessa. Mas, contra a fôrça de inércia da massa camponesa, o imperialismo de Lénin não tem poder algum. Para os camponeses, a revolução foi a apreensão dos feudos; fóra dessa consideração nada os comove.

Contudo, não se pode negar a resplandecente evidência de que o período histórico dito Revolução Francesa tem um poder de irradiação de uma extraordinária intensidade. Ela é o astro central dos tempos modernos, ela deslumbra como um foco único, bem que a sua massa ígnea não tenha sido, logo a princípio, tão homogênea como, vista á distância, ela o parece. Ela procurou a sua estrutura definitiva passando pela Assembléia nacional, pela Assembléia legislativa, pela Convenção. Mas, em nossa imaginação, essas fases se confundem, elas formam um todo universalmente admirado, a despeito dos excessos, dos abusos, das perseguições que entristeceram aquela grandiosa época. Porque bizarra injustiça se recusa aceitar hoje o Fascismo como um estado precursor de uma emancipação imensa? Instruídos pela experiência histórica, porque não discerniríamos nós, no Fascismo, o vôo preliminar do povo italiano para um vasto futuro? São os tempos futuros que poderão julgá-lo retamente, e

não nós, testemunhas de sua partida, mas ignorantes de seu remoto destino.

Conclusão

Assim se dissolvem, sob o ráio ardente da refutação, as críticas injustas, tendenciosas, malfazejas, que os antagonistas do Fascismo tentam formular. Nós nos encontramos no dia seguinte a um ato de patriotismo incontestável, vivemos a jornada de um rude labor e estamos nas vesperas de um triunfo certo. Nosso dever elementar é considerar os acontecimentos italianos com a simpatia vivaz que deve fazer de todo povo latino o amigo de um povo latino: nosso dever é sobretudo abstermo-nos de fazer julgamentos apressados e de tirar conclusões temerárias. O que é fóra de dúvida, é que a estatura de Benito Mussolini se destaca sôbre o fundo indeciso da mediocridade contemporânea com um tal vigor, que a atenção de todos os povos da Europa dirigiu-se de súbito para essa impressionante aparição. E, por pouco que o observador imparcial passe pelos grupos e preste atenção ás conversações esparsas, ele surpreende, aqui, ali, alusões perturbantes á política monótona e monocórdia da maior parte dos países, em comparação com a política rápida e severa do novo govêrno italiano. Muita vez, ditos dessa natureza feriram nossos ouvidos; essa opinião pública que, como se lhe atribue, rege o destino do mundo, nós têmo-la ouvido exprimir-se com um inquietante vigor, a propósito do trabalho já realizado por Mussolini nas funções que ele recebeu do Rei e do povo. E, enquanto nos "bas fonds" da politicalha, move-se assobiando de cólera o rugido reptiliano da inveja, da calúnia e do ódio, enquanto os pedantes vão por toda a parte deplo-

rando o que eles chamam o golpe de Estado italiano, as multidões latinas, dominadas sem o saber, pelo vinho sutil do entusiasmo, erguem a cabeça e procuram em seu sêio os homens intrépidos, capazes de cumprir em seus países o mesmo gesto de Mussolini, distribuidor da mesma claridade.

PERORAÇÃO

Os máus hospedes

Não quisemos empreender, neste discurso, o elogio hiperbólico do professor de energia que é Benito Mussólini. E' fácil demais a tarefa que consiste em exaltar, por meio de períodos mais ou menos redundantes, o papel de um homem de ação sobrevindo súbitamente na medíocre política mundial contemporânea. Nós deixamos aos panegiristas benévolos a amável função de ilustrar, com seus escritos, a missão dos condutores de povos; nós preferimos reservar para nós o trabalho mais difícil e, juxtapondo o homem á vida universal, procurar saber si a vinda do primeiro deve ser proveitosa á segunda.

Ora, nós temos a convicção de que os tempos modernos estão ameaçados de perecer si o princípio de autoridade e de responsabilidade se esteriliza e se estiola. Nós repetimos e repetiremos sem descanso que os povos latinos, fugindo cada vez mais á forte disciplina cívica sem a qual o Estado não passa de uma expressão vazia de sentido, acolhem mui facilmente os fermentos de desagregação. Em nossa civilização, cuja tendência é um excesso de apuro, encontra-se sempre um público entusiasta em saudar, na arte, na literatura, na política, as novações mais absurdas. Nós apreciamos, adotando-as com prazer, escolas, teorias, tendências mais ou menos extravagantes, cujo brilho momentâneamente nos diverte, nos deslumbra e nos impede de constatar as lesões que elas produzem. Assim foi com essa famosa doutrina dita comunista, na qual os

povos apaixonados da liberdade não deixam de discernir uma fórma mais ousada, imprevista, original de independência e um interessante princípio de govêrno. Pode dizer-se que, em sua origem, a República dos Soviets encontrou no mundo partidários teóricos muito mais numerosos do que os seus detratores. Êssa atmosfera de confiança platônica e de curiosidade benevolente foi extraordináriamente favorável ao desenvolvimento da fatal evolução russa; quando se percebeu que os Soviets não tinham feito sinão substituir ao deplorável estado social do tzarismo, um estado social infinitamente peor, era tarde demais para aniquilar aquela ninhada de serpentes. Já París, Londres, Roma, Madrí, Lisbôa, Bruxelas, todas as capitais do antigo e mesmo do novo Mundo, principalmente as cidades milenares, berços da civilização, recebiam a visita sorrateira de estranhos emissários, de delegados cautelosos, portadores da funesta palavra moscovita. Já filiais se fundavam aqui e ali, comissários eram nomeados e, em reuniões loucamente toleradas pela polícia, papalvos acorriam para ouvir algum homemzinho de maçãs salientes e de fronte fugidia, pronunciar palavras de fraternidade universal e entoar o cântico do proletariado unido contra os sátrapas do capitalismo.

Liberdade, quantos crimes em teu nome!

Assim não seria, cremos nós, si o princípio de autoridade não estivesse tão deturpado. Pois, si todos os países eram acordes em não admitir como digna e salutar a teoria essencial do comunismo, tal como a pregava Lénin, preciso fôra, desde a primeira hora, impedir que essa teoria indesejável se espalhasse com tanta segurança como si se tratasse do mais belo evange-

lho. Preciso fôra que os chefes dos diversos govêrnos, tácitamente de acôrdo, perseguissem como rebeldes á ordem pública, os apóstolos do êrro e os apologistas do crime. Assim, o bolchevismo, para empregar seu nome popular, teria sido rápidamente circunscrito, e, privado de contato tanto político como econômico com o resto da terra, não tardaria a perecer "in loco". E'-se pois chegado á conclusão de que si estes últimos anos têm sido perturbados, agitados, pela ameaça de um comunismo integral sob o molde do de Moscóvia, o é sómente porque as nações, exageradamente confiantes e acolhedoras, não se opuseram desde o primeiro instante á propagação do virus.

Mas, um homem velava!

Sómente Mussolini compreendeu essas verdades primaciais; ele não pôde resolver-se a tolerar que a nobre terra italiana se tornasse uma colônia russa; ele não admitiu que energúmenos, visionários e assassinos se arrogassem o direito de empestar a pura Itália com as suas conjurações nebulosas. Assim nasceu, sob o seu impulso, o Fascismo, a defesa da pátria contra os iconoclastas. Empenhado nessa trilha de saneamento público, ele só podia nela perseverar e tornarse naturalmente o chefe da Itália libertada.

Nós vemos pois no desenvolvimento racional do movimento fascista, a demonstração vibrante de que o princípio de autoridade, quando sustentado pelo patriotismo hereditário, é um penhor de salvação.

Por conseqüência, si algum flagelo social comparável ao que foi o bolchevismo na Itália, nos ameaçasse, Latinos, cedo ou tarde, um ou ou-

tro, nós não poderíamos dele escapar, sinão defendendo-nos com uma vigilância redobrada.

Ora, esse perigo, qual será? Ninguem pode dizê-lo, mas é bem certo que a civilização será sempre ameaçada e, sempre, precisará se defender. Já é tempo pois para que a meditação de todos os povos se detenha sôbre o exemplo de Mussolini, guardião da tradição, da honra e de todas as virtudes ascendentes que têm elevado pouco a pouco a humanidade para o ideal.

A outra União Sagrada

Eis porque queríamos dirigir, aos Povos Latinos, um apêlo fervoroso. Filhos da Loba, para vós só ha salvação na associação, na cooperação, na assistência mútua. Não procurai, por um excesso de diletantismo, aliar-vos a raças diametralmente opostas á vossa. Eximí-vos de crer que vossa exuberância se achará compensada pelo sangue-frio do Norte; evitai esse raciocínio fácil que consiste em realizar um ecletismo moral, indo buscar em cada povo a sua virtude dominante. Na verdade, o grupamento familiar é ainda o mais sólido. Está demonstrado que as rivalidades, as discórdias e até os ódios de família ainda são os que se apaziguam e se desfazem mais facilmente. Portanto, sómente entre nós mesmos, Latinos, é que devemos procurar apôios, concursos, incitamentos, fôrças. Entre nós mesmos, é que devemos realizar a obra de solidariedade que é a própria garantia de nossa salvação. Basta-nos realizar "todos juntos" um esfôrço de vontade, para restituir ao mundo, sob a fórma de uma associação internacional, o Império romano, o esplêndido e dominador império, cujas partes estão todas, ainda hoje, intatas.

O Imperio Romano

Ésse território gigantesco, a mais vasta obra de colonização que os homens jamais realizaram, nós podemos ressoldar-lhe os fragmentos e reconstituir de um golpe, o enorme bloco inicial.

Á Itália aumentada da Sicília, da Sardenha, da Cirenaica, junta-se a França, a antiga Gália, arrastando a Bélgica, arrastando o imenso domínio africano e a Mauritânia e tambem a Numídia. A Espanha, a Lusitânia retomam naturalmente o seu lugar na antiga carta romana. A Dácia, onde César tinha situado a colônia romana encarregada de defender a Latinidade contra os Bárbaros, a velha Dácia tornada a nação rumena entra de novo no regaço e completa o grupo original... Para que esse velho sonho restaurado cesse de ser uma visão inconsistente não se faz mister, entre a Itália, a França, a Bélgica, a Espanha, o Portugal, a Rumênia, sinão a passagem rápida e brilhante de uma vontade condutora, semelhante á agulha que une solidamente as diferentes peças de um ornato, semelhante ao tôrno que reüne e fixa todas as peças de uma couraça.

Normas a seguir

Mas, si acontecesse que essa vontade emanasse de uma personalidade única, em outras palavras, si alguem, possuido da fé que move montanhas, decidisse ir de uma capital a outra como um magnífico agente de ligação, sua tarefa seria de bem curta duração. Pois, fosse ele o mais desinteressado dos mortais, depressa seria suspeito de obedecer a razões medíocres e de só agir sob o impulso do mais baixo cálculo. Outra coisa seria si um movimento internacional — e isto pertence ao domínio da fábula — elevasse á culminância um homem designado entre todos para

conduzir o mundo, pois então, a própria Providência pareceria tê-lo designado. Mas, não compete a um homem prègar aos homens, sobretudo quando eles são de nacionalidades diferentes. Assim, nós conhecemos "cidadãos europeus" que desempenharam na grande guerra importantissimas funções ocultas, pesaram singularmente na balança dos povos e que, depois, longe de recolher a admiração e o reconhecimento unânimes ou parciais, foram julgados sempre e sempre sê-lo-ão no futuro, como equívocos emissários. A união panlatina, sob a fórma de uma Federação dos interesses econômicos, tal como o dissemos a princípio, impõe pois, que suas fôrças sejam constituídas sómente por entidades. E' preciso, para entrar no domínio das materializações, é preciso que os trabalhos de aproximação sejam realizados por esse soberano poder que é a Imprensa. Nunca se conseguirá que os jornais consintam em elevar-se um instante acima das frívolas disputazinhas de opiniões, para dedicar-se a uma obra grandiosa? Eis o primeiro problema, eis o fêcho da abóbada desse edifício. Si, com uma campanha ardente se conseguisse insuflar alguma emoção a essa multidão de folhas efêmeras sôbre as quais vôa o pensamento da humanidade, ter-se-ia o direito de entrever o marco inicial do bom êxito. Essa primeira causa ganha, conviria que os meios econômicos, industriais, financeiros e comerciais dessem a sua aquiescência ao projeto da Federação panlatina. E, desde então, não haveria necessidade de se solicitarem outros poderes. Não se trata em absoluto, com efeito, de modificar as trajetórias políticas, mas, concluir uma entente para fins imediatos entre todos os núcleos de trabalho dos países de origem idêntica.

Nós sabemos que objeções vão provocar este livre-projeto de Federação panlatina. Mas, toda inovação, em todos os domínios, quando ela ameaça desorganizar o mecanismo rotineiro da vida habitual, começa sempre por ferir-se nas asperezas da crítica. Taxaram de visionários aqueles que, os primeiros, imaginaram submeter todo "casus belli", préviamente, a um Tribunal das Nações; contudo, essa idéia foi muita vez retomada, recebeu mesmo serias tentativas de realização e hoje ela é mais do que nunca favorável. Nada prova que um dia, a Côrte de Arbitragem Internacional não funcionará tão regulamente como o primeiro tribunal aparecido.

Sombra ou Claridade

O futuro é sombra ou claridade. Sombra, si as nações latinas persistem em contentar-se com uma política egoísta, sem nenhuma atenção para a agitação profunda do mundo inteiro. Sombra, si, continuando a seguir o declive escorregadio da elegante inação, elas se encaminham sorridentes para a escravidão. Sombra, si uma por causa de sua natalidade cada vez mais fraca, outra por causa de sua falta de resistência, outra por causa de sua indiferença para com o interesse nacional, outra por causa da paixão excessiva que emprega em suas querelas intestinas sem perceber que o verdadeiro perigo está no exterior, sombra dizemos nós, si as Multidões latinas, si os Filhos da Loba mostram aos Germanos, aos Eslavos, aos Saxônios, os estigmas deshonrosos de uma nova decadência.

Mas, claridade, si essas mesmas nações recuperam num instante o vigor, a tenacidade, o orgulho de Roma. Todos vós que sois, sob nomes modernos, cidadãos romanos, levantai-vos!

Não tendes o direito de tolerar que o sangue de Roma receba a menor humilhação, e o é uma, estar infeudado aos descendentes daqueles que a Cidade Eterna sabia tão bem manter á distância. A' idéia de que as raças prolíficas e vorazes poderiam sobrepujar-vos e constranger-vos a sofrerem sua lei, a velha Loba ergue-se sôbre o Palatino e rosna, o pêlo eriçado, mostrando as suas presas sempre sólidas. Essa rosnadura não é um lamento, mas um apêlo e uma ordem! Apêlo á fraternidade e ordem de se unir, ordem de ressuscitar a alta disciplina moral que fazia invencíveis as legiões de César.

Povos latinos, pertence-vos determinar si a grandeza romana não deve mais passar de uma recordação universitária ou bem si vós quereis ressuscitar-lhe, manter-lhe, aumentar-lhe o prestígio. Nunca as conjunturas foram tão propícias; uma conflagração quasi universal permitiu a todas as pátrias conhecerem-se, controlarem-se, quererem-se ou odiarem-se. Foi como que uma vasta consulta, preliminar de orientações que nada, antes de 1914, fazia prever. Será possível que as almas lançadas no brazeiro da guerra não se tenha desembaraçado de seus velhos óxidos?

E eis-nos voltados ao nosso ponto de partida. E' por uma apóstrofe á Latinidade que este discurso deve findar, como começou. Mussolini, Latino da primeira e da última hora, não representa sinão a encarnação de um gênio peculiar á raça, mas nosso desejo, repetímo-lo, nunca foi glorificar uma figura isolada. Em Mussolini nós saudamos a reunião inesperada das virtudes necessárias á renovação do mundo latino. Nós teríamos podido encontrá-la em um acontecimento, em um grupo e tributar-lhe a mesma homenagem. Conservamos toda a lucidez necessária para

julgar Mussolini de etapa em etapa; não sabemos, pois ninguem é profeta, si o renovador da Itália será impedido de concluir a sua tarefa. Mas, que o Fascismo permaneça ou bem que ele passe, nossa injunção não perderá em nada a sua atualidade. Bem ao contrário, amanhã tornar-se-á mais necessária do que hoje, pois que o perigo aumenta cada vez mais.

O mundo latino perdeu, no curso das Idades os dois princípios essenciais de sua supremacia: a Fé e a Energia. Não sómente cada um professa a negação de seu próprio gesto, mas ainda recusa-se a reconhecer o valor do gesto alheio. Segue-se que todo entusiasmo é de antemão condenado e que, entre os homens, é interdito a um homem querer, ousar uma coisa um pouco nova, a menos que ele seja de estatura a afrontar as risadas e despresar as injúrias. Esse cepticismo latente é pois uma espécie de atmosfera rarefeita no meio da qual as almas não podem mais viver. A menos que reeduquemos em nós a confiança, seremos doravante condenados a esse suplício tantálico de esbarrar contínuamente com o gênio sem reconhecê-lo.

A energia tambem se enfraqueceu. E, justamente porque a fé periclitou, a energia tornou-se virtude de excepção. A' fôrça de não crer, a multidão moderna adquiriu o deplorável capricho de desestimar todo esfôrço e de considerar que nada serve para nada. A auréola que se atribue tão facilmente aos sêres de ação, aos realizadores, essa denominação de "professores de energia" pela qual se os designam, provam bem que eles são detentores de um extraordinário talisman. Com efeito, si a energia não representasse um possante valor intrínseco, não se lhe teste-

munhariam tantas atenções cada vez que se a encontra.

Pois bem, Benito Mussolini, bem cumprindo a sua missão lógica e leal, e sem se preocupar em ensinar o que quer que seja a quem quer que seja, Mussolini aparece-nos como um alto modelo de energia sagrada. Ele tambem teria podido deixar-se conquistar pela moleza política, pelo gosto das comodidades; ele tambem teria podido encurtar o futuro ao alcance de sua ambição apenas e não preocupar-se com o destino da Itália... Mas preciso fôra, para isso, que ele fosse desprovido, como tantos outros, de energia e de fé. Toda a sua vida repousa sôbre esses dois eixos, e ele quis que, sôbre dois eixos semelhantes, a Itália toda inteira fosse equilibrada. Ele cumpriu pois qualquer coisa de grande: prègou a bôa palavra e travou o bom combate.

Que a sua silhueta sôbre o horizonte mediterrâneo vos guíe, homens do Ocidente, como a do colosso da ilha de Rhodes guiou vossos avós navegadores. Que seu patriotismo seja como um fanal e sua palavra como o rebate de um sino; que á luz de um e ao clangor do outro todas as augustas virtudes romanas recalcadas, adormecidas, petrificadas em vós, estremeçam súbitamente, readquiram sua vigilância legendária e retomem sua guarda sôbre as muralhas da Latinidade.

— F I M —

DIVISÃO:

EXORDIO.

A chamada das Legiões — A unidade italiana — Os semeadores do joio — Os parasitas — Os erros fortes como as verdades — "O rei reina e não governa" — Os augustos desconhecidos — A beleza da crença — Agir.

PROPOSIÇÃO.

Para os homens sem memoria — A Italia decepcionada — Fiume — A ingratidão em Versalhes — A Italia indignada — A Italia dilacerada — O tumulto — Onde Gioliti reaparece — Os Feixes — Dux — O senso da medida — A arrancada.

NARRAÇÃO.

O Congresso de Napoles — A bussola desnorteada — A vitoria do Fascismo — A marcha

sobre Roma — Fascismo e Nacionalismo — Protetores de Roma — A espada na bainha — O Decalogo fascista — A obra de Amanhã — Serenidade — Uma politica nova — O direito elementar ao trabalho — A nova unidade nacional — Do principio de autoridade — Sindicalismo evoluido — Roma, capital da cristandade — Relações exteriores — A obra colonial — Majores pennas nido.

PROVA.

A confiança unanime — Nacionalismo — A obra realizada — Reorganização financeira — O problema fiscal — Abolição da nominatividade obrigatoria dos titulos — Abolição dos direitos de sucessão — Para desenvolver a atividade economica — Regime do Trabalho — Serviços Publicos — Tratados de comercio — Reforma da defesa militar e naval — Aviação — O Fascismo, guardião dos bens do Estado — A eloquencia das cifras — Monopolios do Estado — A Reforma eleitoral — A Reforma dos Codigos — A Italia e a Europa — A emigração — A orientação perigosa — Por uma Federação panlatina — O Plano dos Oito B — A Europa latina — A expansão germanica na America do Sul — Um ensaio de realização.

REFUTAÇÃO.

Os descontentes — O espantalho Liberdade — A oposição inevitavel — Elogio da pusilanimidade — Mussolini oposto a Mussolini — O

PERORAÇÃO.